



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Gustavo Henrique Florêncio

**O DIÁLOGO COMO OCASIÃO PARA
REPOSICIONAR A EVIDÊNCIA DE QUEM SE É:**

do resgate da fala autêntica à psicoterapia ontopsicológica de autenticação

UBERLÂNDIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Gustavo Henrique Florêncio

**O DIÁLOGO COMO OCASIÃO PARA
REPOSICIONAR A EVIDÊNCIA DE QUEM SE É:**
do resgate da fala autêntica à psicoterapia ontopsicológica de
autenticação

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia Programa de pós-graduação em Psicologia, linha de pesquisa Fenomenologia, Ontopsicologia e Formação Humana como requisito à obtenção do título de mestre em psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Uberlândia



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 456, PPGPSI				
Data:	Doze de abril de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12122PSI011				
Nome do Discente:	Gustavo Henrique Florêncio				
Título do Trabalho:	O diálogo como ocasião para reposicionar a evidência de quem se é: do resgate da fala autêntica à psicoterapia de autenticação ontopsicológica				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: investigação fenomenológica dos fenômenos psíquicos e psicossociais				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Ricardo Schaefer - AMF; Mak Alisson Borges de Moraes - IMEPAC; Tommy Akira Goto, orientador do candidato. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Ricardo Schaefer participou da cidade de São João do Polêsine - RS, os Prof. Dr. Mak Alisson Borges de Moraes e o Prof. Dr. Tommy Akira Goto participaram da cidade de Uberlândia - MG e o discente Gustavo Henrique Florêncio participou da cidade de Restinga Seca - RS, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Tommy Akira Goto, apresentou a comissão examinadora e ao candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tommy Akira Goto, Presidente**, em 12/04/2024, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mak Alisson Borges de Moraes, Usuário Externo**, em 25/04/2024, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Schaefer, Usuário Externo**, em 01/05/2024, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5272180** e o código CRC **811883DA**.

Referência: Processo nº 23117.019783/2024-79

SEI nº 5272180

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- F632d
2024
- Florêncio, Gustavo Henrique, 1996-
O diálogo como ocasião para reposicionar a evidência de quem se é
[recurso eletrônico] : do resgate da fala autêntica à psicoterapia
ontopsicológica de autenticação / Gustavo Henrique Florêncio. - 2024.
- Orientador: Tommy Akira Goto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5011>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
1. Psicologia. I. Goto, Tommy Akira, 1975-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

2024

Banca Examinadora

Uberlândia, de 12 de abril de 2024.

Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Mak Allison Borges de Moraes

IMEPAC Centro Universitário – Araguari, MG

Prof. Dr. Ricardo Schaefer

Antonio Meneghetti Faculdade – Recanto Maestro, RS

RESUMO

Os avanços da era tecnológica contemporânea têm nos colocado diante de complexos desafios no que diz respeito à eficiência, qualidade e responsabilidade da atuação profissional nas mais diversas abordagens psicoterapêuticas, pois é nesse cenário que desembocam as inquietações existenciais expressadas pelas pessoas: de crises psicológicas ao amadurecimento pessoal, da fuga à descoberta de si mesmo, impactando diretamente no bem-estar físico, mental e desenvolvimento social. Um contexto que vem implicando obstáculos na capacidade de pensar, escrever e falar de forma autônoma, silenciando gradualmente a capacidade natural, espontânea e genuína do ser humano se relacionar e se comunicar, afetando diálogos que constroem valores humanos em sociedade. Isso conduz inconscientemente as pessoas ao mundo do discurso pelo discurso, distanciando-os de si mesmos e da capacidade de se expressar de modo criativo, verdadeiro e autêntico. Portanto, essa pesquisa, por meio de um estudo de revisão teórico-bibliográfica com abordagem qualitativa, recupera o conceito de fala autêntica, de Mauro Martins Amatuzzi, que perpassa os autores Merleau-Ponty, Martin Buber e Carl Rogers, e posteriormente, correlaciona com as contribuições de Antonio Meneghetti, a fim de analisar a possibilidade do fenômeno da fala autêntica por meio do diálogo da mais recente abordagem psicoterapêutica: a Ontopsicologia. A relevância deste estudo nos convida a pensar sobre o tirocínio da formação do psicoterapeuta, sob a perspectiva de tocar um tema que no resgate do fenômeno é a fala autêntica, mas que em sua essência é onde se manifesta a novidade da vida do indivíduo. Isto é, em âmbito da psicoterapia, se existe a escolha do cliente para deixar-se dizer, é um exercício com critério preciso para ampliar a própria consciência e personalidade: a fala como recurso fundamental para conhecer e apropriar-se de si.

Palavra-chave: Fala Autêntica, Diálogo, Psicoterapia, Ontopsicologia.

ABSTRACT

The advances of the contemporary technological era have placed us before complex challenges regarding the efficiency, quality, and responsibility of professional performance across diverse psychotherapeutic approaches. It is within this context that individuals' existential concerns emerge: from psychological crises to personal growth, from escapism to self-discovery—directly impacting physical and mental well-being, as well as social development. This scenario has posed obstacles to the capacity to think, write, and speak autonomously, gradually silencing the human being's natural, spontaneous, and genuine ability to relate and communicate. As a result, it affects the quality of dialogue that builds human values in society. This leads people, often unconsciously, into a realm of discourse for discourse's sake, distancing them from themselves and from the ability to express themselves creatively, truthfully, and authentically. Therefore, this research, through a theoretical-bibliographic review with a qualitative approach, revisits the concept of authentic speech by Mauro Martins AmatuZZi—intersecting the thoughts of Merleau-Ponty, Martin Buber, and Carl Rogers—and later correlates it with the contributions of Antonio Meneghetti. The aim is to analyze the possibility of the phenomenon of authentic speech through the dialogue within the most recent psychotherapeutic approach: Ontopsychology. The relevance of this study invites us to reflect on the training of psychotherapists, approaching the theme which, while presented as the recovery of the phenomenon of authentic speech, ultimately reveals the emergence of the individual's new life experience. In the context of psychotherapy, when the client chooses to let themselves be expressed, it becomes a deliberate exercise to expand self-awareness and personality: speech as a fundamental resource to know and claim oneself.

Keywords: Authentic Speech, Dialogue, Psychotherapy, Ontopsychology.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO	10
MÉTODO	17
CAPÍTULO I.....	18
O FENÔMENO DA “FALA AUTÊNTICA” NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA.....	18
<i>1.1 A fala autêntica na fala original de Merleau-Ponty.....</i>	<i>22</i>
<i>1.2 A fala autêntica no diálogo genuíno de Martin Buber</i>	<i>26</i>
<i>1.3 A fala autêntica na psicologia centrada na pessoa de Carl Rogers.....</i>	<i>31</i>
CAPÍTULO II	40
DA ONTOPSICOLOGIA À PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA	40
<i>2.1 A fala, o diálogo, a realidade do inconsciente e a autenticidade segundo a abordagem Ontopsicológica.....</i>	<i>40</i>
<i>2.2 A Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar.....</i>	<i>46</i>
<i>2.3 O campo semântico.....</i>	<i>53</i>
<i>2.4 O Em Si ôntico</i>	<i>61</i>
<i>2.5 O monitor de deflexão.....</i>	<i>69</i>
<i>2.6 O método da Psicoterapia Ontopsicológica</i>	<i>72</i>
CAPÍTULO III	93
PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA: DO DIÁLOGO À FALA AUTÊNTICA.....	93
<i>3.1 O diálogo como ocasião</i>	<i>93</i>
<i>3.2 Os níveis do impacto psicoterapêutico no diálogo</i>	<i>99</i>
<i>3.3 A “fala autêntica” na Ontopsicologia.....</i>	<i>105</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

A psicoterapia pela fala, assim como diversas correntes, utiliza o diálogo como ferramenta de intervenção humana – considerando aqui nesta pesquisa essa fala não apenas como linguagem ou um esquema, mas como *expressão-comunicação: o discurso, o tom da voz, o gesto, o olhar, o silêncio, a linguagem não-verbal, o seu mover-se, a intenção e seus aspectos conscientes e inconscientes* –, trouxe alguns questionamentos pessoais no que se refere à descoberta do termo *fala autêntica*, do psicólogo Mauro Martins Amatuzzi, ao processo de autenticação da psicoterapia ontopsicológica: existe de fato uma fala verdadeira, genuína e autêntica? Muito se ouve sobre *ser autêntico*, mas o que significa e certifica esse ser autêntico? Se a Ontopsicologia é um método para autenticar e desenvolver a criatividade humana, como se revela essa autenticidade na fala? Existe um ponto em comum que possa distinguir: isso é autêntico e isso não é autêntico? Se o diálogo é o instrumento para tocar o outro e fazer nascer e reposicionar quem se é, qual é a relação do diálogo e fala autêntica? A psicoterapia ontopsicológica de autenticação poderia promover e facilitar a fala autêntica?

Inicialmente, antes mesmo de encontrar o termo fala autêntica, comecei um exercício para encontrar o ponto em comum na análise do instrumento da psicoterapia: o diálogo, procurando entendê-lo em diferentes métodos, quer sejam: na terapia psicanalítica de S. Freud (1856-1939), na de A. Adler (1870-1937), na abordagem centrada na pessoa de C. Rogers (1902-1987), na psicologia transpessoal de A. Maslow (1908-1970); na logoterapia de Viktor Frankl (1905-1997); até na Ontopsicologia de Antonio Meneghetti (1936-2013). Porém, nesse exercício como ponto de partida, percebi que seria um caminho muito complexo, pelo simples fato da impossibilidade da comparação, visto que cada modelo possui o seu modo próprio de proceder metodologicamente. Porém, a minha inquietude enquanto pesquisador sempre esteve de fato em enfatizar a manifestação *da fala autêntica no diálogo*, delimitando em *âmbito da psicoterapia ontopsicológica*, segundo a perspectiva de um critério que resgatasse a dimensão da vida que se revela nesse falar.

Uma temática que foi se iluminando durante esse processo pessoal de formação e maturação acerca do interesse pela *atuação docente em Ontopsicologia e pelos estudos e formação em psicoterapia ontopsicológica*, mas que floresceu ainda mais essa temática após ter ingressado no mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Conciliando, paralelamente, com minha atual tarefa docente de desenvolver competências

com base no potencial natural de cada aluno por meio da metodologia FOIL¹, que tenho experimentado em sala de aula a evidência do valor que tem a fala e a escuta, – ao dizer a um outro e permitir o outro dizer-se – a fim de esclarecer aspectos metodológicos no processo educativo, didático e, sobretudo, psicoterapêutico.

Desde então, reconheci a importância de pesquisar e compreender a fala como instrumento para tocar a pessoa a fim de instigá-la a descobrir sua autêntica identidade, sendo uma forma de expressão profunda e efeito do próprio íntimo. A fala não como mera linguagem, mas a fala como ato concreto do ser humano – não é a língua em si que vai diretamente interessar o trabalho, mas a fala que expõe para além do verbalizado, que abrange a pessoa em sua integralidade. O tema foi ganhando forma na medida em que se estudavam literaturas específicas, artigos encontrados sobre a *fala*, *fala autêntica*, *psicoterapia pela fala*, mas, em especial, a tese “O resgate da fala autêntica: uma aproximação filosófica da tarefa do psicoterapeuta e do educador”, do psicólogo Mauro Martins AmatuZZi (1988), acenado pelo orientador deste estudo, Prof. Tommy Akira Goto.

Nessa obra, AmatuZZi (1988), se debruça na busca por compreender "a fala como expressão-comunicação no ato da qual a pessoa desencadeia em si mesmo aquilo que é chamado a ser" (p. 10), e contemporaneamente que se participa de um processo mais amplo que ela própria, mas que no interior da qual vai se constituindo também como pessoa. Essa compreensão adentra no que diz Morato (2009), onde a descoberta da fala autêntica possibilita o ser humano conhecer-se, tendo como busca entender o seu modo de ser e se manifestar, *ampliando sua consciência ao falar de si*, para que busque o sentido de sua identidade.

A relevância em abordar este assunto sobre a psicoterapia ao interno de uma ciência interdisciplinar e independente – a Ontopsicologia – e a fertilidade desta integração entre esses conceitos, precisa ser clara no que diz respeito à delimitação desta pesquisa em âmbito da psicoterapia ontopsicológica: a fala, o diálogo, a realidade do inconsciente e autenticidade. Sem a necessidade de supor que entre os conceitos exista um equilíbrio de importância.

Existem duas perspectivas a serem compreendidas sobre a fala no âmbito

¹ FOIL: Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística. Metodologia de formação empreendedora e liderança da Antonio Meneghetti Faculdade, que utiliza o método ontopsicológico para individualizar o potencial natural de cada aluno e auxiliá-lo a se desenvolver enquanto pessoa, profissional e, sobretudo, como liderança.

psicoterapêutico: uma na perspectiva do cliente² que busca se expressar por meio da fala verbal, pois é o que ele tem para dizer sobre si mesmo. E outra por parte do psicoterapeuta que escuta e ausculta³ a fala do cliente como expressão-comunicação (tudo o que implica a fala verbal e não verbal), se valendo de todas as informações conscientes e inconscientes transmitidas semanticamente pelo cliente.

O cliente enquanto se pronuncia falando é o fenômeno de tudo o que envolve a tentativa de dizer e manifestar quem ele é: os seus objetivos, desejos, anseios, dificuldades, problemas, o que pensa e acredita sobre si mesmo. Já para o psicoterapeuta com a sua escuta ativa da fala do cliente (verbal e não verbal) é como um fio condutor que carrega as pistas do seu real problema. A fala em si não é causa, mas quando entra em diálogo é uma ocasião para descobrir, indagar e conduzir o cliente a reposicionar a consciência com a evidência de quem se é, portanto a descobrir a sua fala autêntica. É por esse motivo que buscamos distinguir esse conceito na pesquisa, trazendo por base a perspectiva estudada amplamente por Amatuzzi sobre a fala autêntica.

O diálogo psicoterapêutico acontece somente na *relação*, senão seria um monólogo. A fala verbal do cliente em diálogo acaba sendo a via de possibilidade de uma *tomada de consciência* daquele momento, pois ao falar e deixar-se dizer é uma das formas para *apropriar-se de si mesmo*. Portanto, a fala e o diálogo são recursos fundamentais para endereçar o cliente ao autoconhecimento, possibilitando o acesso de uma dimensão de si mesmo, que antes não conhecia, mas que agora pode fazer, mudar e tornar história.

O diálogo é o instrumento, a ferramenta, o bisturi da psicoterapia: o psicoterapeuta faz o uso das palavras para *entrar e articular* as manifestações objetivas e subjetivas, conscientes e inconscientes da pessoa. É no diálogo que se abre um espaço para compreender além do que é dito pelas palavras. O psicoterapeuta parte da motivação subjetiva do cliente, da expressão-comunicação, observando de modo atento as informações inconscientes do cliente que traz como novidade um recurso a mais da psicoterapia ontopsicológica: existe uma objetividade operativa que é comunicada inconscientemente e que é revelada por meio

² Em consonância com a abordagem humanista de Rogers, Meneghetti em Ontopsicologia dá preferência ao termo cliente, ao invés de paciente, por entender que se corresponde melhor com uma visão de homem que vê como protagonista responsável. Especificamente na Psicoterapia Ontopsicológica, entende-se que o termo cliente o posiciona como responsável pela condução e pelos resultados de seu processo psicoterapêutico.

³ Ausculta entende-se a autopercepção da escuta dos sons internos do corpo, o psicoterapeuta ao escutar o outro, escuta também a si mesmo.

de imagens. O falado e, sobretudo, o não dito, carregam informações semânticas precisas sobre a realidade do cliente.

A autenticidade é de fato um conceito fundante, e, por assim dizer, um problema substancial, já o inconsciente é uma realidade contingente, ou seja, que pode mudar ou depender de circunstâncias específicas. Existem dois sentidos no qual a autenticidade funda o processo ontopsicológico. O primeiro, como pressuposto, está *na autenticidade do psicoterapeuta*, sem o qual não é garantida a exatidão da aplicação do método. O segundo, como objetivo do processo psicoterapêutico, se dá *na autenticidade do cliente*. É do segundo aspecto que entendemos o ocupar do presente estudo: a autenticidade da pessoa como fim (seja no sentido de escopo, quanto no sentido de sua plenitude). Portanto, tornar a pessoa autêntica significa posicioná-la novamente ao ponto de partida, correspondendo por como se é, não por como pensa ou acredita ser. O resgate da fala autêntica é uma busca para restituir a expressão original por como o ser humano é por natureza, e, por consequência, comunica e se expressa de forma autêntica. Se existe uma necessidade de resgatar a fala autêntica, significa que foi perdida, que era autêntica e deixou de ser.

Para abordar a autenticidade da pessoa, também é necessário compreender a existência agente do inconsciente. Se existe um inconsciente, também significa que algo era consciente e também deixou de ser. O inconsciente à luz da Ontopsicologia, diferente da concepção da psicologia e da psicanálise, entende-se "o quântico de vida e de inteligência por meio do qual nós existimos, mas não conhecemos, isto é, não temos qualquer reflexão consciente (...). *A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem*". (Meneghetti., 2021b, pp. 143-144). No inconsciente está o quântico de vida da pessoa, se o conduzirmos a tomar consciência e resgatar esse princípio inteligente, temos a possibilidade de agir em autenticidade, ele se percebe por como é: existe a reversibilidade entre o sujeito e seu próprio mundo, são iguais. Pensamento e realidade coincidem. Para isso é necessário entender que a Ontopsicologia possui um critério de natureza para distinguir o que é real do que não é – chamado Em Si ôntico, dentre as 3 descobertas da ciência ontopsicológica (Em Si ôntico, Campo Semântico e monitor de deflexão), que serão apresentados e descritos no segundo capítulo. Portanto, a Ontopsicologia, entre os seus instrumentos de intervenção⁴, nesse

⁴ 1) Psicoterapia Individual e de Grupo; 2) Consultoria de Autenticação; 3) Consultoria Empresarial; 4) Imagogia; 5) Cinelogia; 6) Psicotea; 7) Melolística; 8) Melodance; 9) Hisdromúsica Solar; 10) Residence e; 11) Isomaster.

contexto, a Psicoterapia ou Consultoria de Autenticação, "consente ao cliente recuperar, em total consciência, o quântico de inteligência que é". (Meneghetti., 2021b, p.144).

A Ontopsicologia é compreendida como "o estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser" (Meneghetti., 2021b, p. 201). É uma ciência que estuda como o ser humano funciona segundo a lógica da vida e sua natureza, como faz para realizá-lo. Estuda a atividade psíquica do humano em conexão com o problema ontológico. Esse problema ontológico move questionamentos há séculos da humanidade: Quem sou eu? Por que estou aqui? Para onde vou?

O Acadêmico Prof. Antonio Meneghetti, fundador da Ontopsicologia, desenvolveu o seu método durante os seus primeiros 10 anos de prática clínica bem-sucedida. Em seus estudos aplicados compreendeu e evidenciou o núcleo da vida humana, que até hoje, dão respostas concretas ao problema crítico do conhecimento (o ser humano é capaz de conhecer o real?). Antonio Meneghetti publicou esse conhecimento em mais de 50 obras, traduzidas sobretudo para o português, inglês, russo e chinês. A Ontopsicologia é um método capaz de autenticar e desenvolver o homem criativo na sua totalidade existencial e de contributo social. Ou seja, a Ontopsicologia interessa primeiramente a *exatidão do operador* que depois fará ciência, produzirá conhecimento e valor para a sociedade: o médico, o jurista, o administrador, o arquiteto, o engenheiro, o professor, o pesquisador, o político, o líder etc. E isso é possível, pois esse método nos possibilita uma nova abordagem, que traz a dimensão ontológica como novidade científica para todas as áreas de intervenção humanista profissional.

Portanto, trazer a fala autêntica à luz da psicoterapia ontopsicológica, nos convida a pensar sobre a relação da fala baseada na autenticidade, situando a novidade da Ontopsicologia como possibilidade de descrever a fala autêntica sob um outro viés, pois, "falando digo algo, a alguém, me digo, mas também e basicamente, recrio um mundo, o faço de um determinado jeito. É no meio dessa complexidade que devemos nos situar para considerar a fala ou o dizer-se" (Amatuzzi, 1988, p. 29). E é nessa complexidade da fala em âmbito psicoterapêutico que podemos compreender o sujeito por trás do que diz, ao decidir proferir algo, portanto, deixar-se dizer é uma via para a *autenticidade de si mesmo*, com o intuito de ampliar essa compreensão no que tange a dimensão da fala no processo psicoterapêutico ontopsicológico.

O presente estudo está, portanto, fundamentalmente interessado com *a autenticidade revelada no diálogo psicoterapêutico*. Existem diversas concepções de autenticidade que surgiram na filosofia e na psicologia, e os problemas inerentes a esse conceito, que são basicamente três: o problema da definição (o que significa autêntico?), o problema da identificação (o ser humano é autêntico?) e o problema da aplicação (é realmente possível ser autêntico?). De fato, chegamos à conclusão de que o ponto em que esses conceitos divergem mais é precisamente em sua perspectiva sobre o inconsciente, uma perspectiva que está fundamentalmente acima de tudo na esfera psicológica. O inconsciente é, por assim dizer, o revelador que queremos usar para realçar os contornos indescritíveis do retrato sempre branco de autenticidade: a nossa alma⁵, o nosso Em Si ôntico.

Ao me deparar com esses questionamentos e reflexões iniciais nesta introdução do trabalho, recordo algumas experiências que tive em relação ao exercício em descobrir essa novidade de si mesmo quando utilizamos os momentos de fala para descobrir o que se é. Sensibilizado pelo conceito da *fala autêntica*, que será abordado no capítulo 1, penso que seja oportuno aqui relatar um pouco da minha história sobre os momentos que percebi e experienciei esse tema. Primeiro que, antes de descobrir esse termo, nos estudos e questionamentos da vida, frequentemente identificava em minha comunicação alguns momentos de clareza: *essa voz que ressoa presença dentro de mim eu nunca ouvi, foi a primeira vez que falei e me ouvi assim, esse sou eu?*. E outras vezes, de estranheza: *esse que fala não sou eu... então, quem é?*. Segundo, ler esse conceito na perspectiva de AmatuZZi foi um reencontro com aquilo que sentia, mas que nunca havia lido ou estudado sobre, portanto, tendo sido instigante mergulhar nessa novidade conceitual. Essas experiências que tive e que literalmente me "integram" nesta pesquisa, por meio de pequenos relatos, neste momento podem servir como sustentação para o que estou buscando expressar sobre a motivação e interesse pelo tema da fala autêntica.

1) Quando mais jovem, durante 10 anos participei e coordenei um grupo de jovens na igreja católica, encontrando por meio do cantar músicas litúrgicas e de palestras que realizei, *a capacidade de tocar o outro por meio da própria voz e da fala*.

2) Durante o período da faculdade, tive a oportunidade de redescobrir essa forma de

⁵ Quando falarmos "alma" é sempre em um sentido laico, não religioso. Conforme Meneghetti, entende-se como "Constituinte do ato, presença da forma que especifica a inteligência do organismo-homem. (Cf. Em Si ôntico, do qual é sinônimo" (Meneghetti, 2021b, p. 26).

comunicação enquanto trabalhava em um projeto de divulgação da instituição. Realizei palestras em mais de 40 escolas, diante de centenas de alunos, o que me permitiu tocar melhor esse *frescor no falar*: em muitos momentos, mesmo sem ter claro o que dizer àqueles alunos, eu ficava surpreso por conseguir transmitir uma mensagem de sentido, que revelava alguma coisa muito diversa do que havia pensado, mas que era na reação dos alunos que eu percebia que enquanto falava, tocava-os em alguma medida com novidade.

3) Uma das experiências mais importantes que me fez aprofundar ainda mais essa dimensão da fala autêntica, foi em âmbito da psicoterapia ontopsicológica de autenticação. Enquanto cliente, pude perceber de modo mais profundo o exercício constante em confrontar-se e flexibilizar-se ao dizer-se a um outro para descobrir quem eu sou. Foi justamente nesse processo de revisão crítica da própria consciência que encontrei um caminho para atualizar a minha visão de mundo: é um constante (re)aprender a se expressar, enquanto pensamentos, comportamentos, atitudes, e consequentemente na fala.

Seguindo essas considerações iniciais, delimitei como problema de pesquisa o seguinte objetivo: a partir da descrição da fala autêntica, definida e explorada por Mauro Martins AmatuZZi, busquei pensar como o diálogo na psicoterapia ontopsicológica pode propiciar a emergência desse fenômeno na fala autêntica. Para isso, estabeleci como **objetivos específicos**:

1. Definir e descrever o processo de fala autêntica, conceituado por Mauro Martins AmatuZZi;
2. Apresentar a visão e o método da Ontopsicologia, especificamente no campo da psicoterapia ontopsicológica;
3. E, por fim, analisar como o diálogo na psicoterapia ontopsicológica pode ser ocasião para a emergência do fenômeno da fala autêntica.

O texto está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo abrange a dimensão da fala autêntica: o que é, como se define e se descreve. No segundo capítulo é abordado a Ontopsicologia: aspectos conceituais, seu método científico e a delimitação no campo da psicoterapia ontopsicológica. E, no último capítulo, a apresentação do estudo da possibilidade de considerar o diálogo como meio para resgatar a fala autêntica, emergir e reposicionar quem se é, baseado no critério e método psicoterapêutico ontopsicológico.

MÉTODO

A presente pesquisa busca, a partir do método de revisão teórico-bibliográfica com abordagem qualitativa, analisar como o diálogo na psicoterapia ontopsicológica pode ser ocasião para emergência do fenômeno na fala autêntica. Conforme Cervo *et al.* (2007), “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva experimental” (Cervo e Bervian, 2007, p. 60). Assim, a partir da descrição de fala autêntica, definida e explorada por Mauro Martins AmatuZZi, busquei analisar teoricamente a possibilidade de um resgate do fenômeno da fala autêntica no âmbito da prática da psicoterapia ontopsicológica.

A base desse estudo teórico é composta quase que exclusivamente pela tese de doutorado do psicólogo Mauro Martins AmatuZZi, “O resgate da fala autêntica: uma aproximação filosófica da tarefa do psicoterapeuta e do educador” (AmatuZZi, 1988), que resgata também outros autores em sua pesquisa que abordam e sustentam a temática, mas que delimitou apenas alguns: a fala original e as expressões segundas de Merleau-Ponty; o diálogo genuíno e o palavreado de Buber e a autenticidade de Rogers; Bucher com o livro “A psicoterapia pela fala: fundamentos, princípios, questionamentos” (Bucher, 1989) e Antonio Meneghetti, sobre as descobertas científicas e as contribuições da psicoterapia ontopsicológica em seus principais livros: Manual de Ontopsicologia (Meneghetti, 2022), Dicionário de Ontopsicologia (Meneghetti, 2021b), Campo Semântico (Meneghetti, 2015a), O Em Si do Homem (Meneghetti, 2015b), O Monitor de Deflexão na Psique Humana (Meneghetti, 2018b) e, e as obras principais mais recentes, Ontopsicologia: uma introdução a como o ser humano funciona segundo o projeto de natureza (Meneghetti, 2023a); e o dossiê com a história da Ontopsicologia publicada pela Fundação Antonio Meneghetti no livro “Ontopsicologia 50 anos” (Meneghetti, 2023b), além de outros livros complementares à sua bibliografia. Considerando também outros autores que estudaram e vivenciaram a formalização da Ontopsicologia de Antonio Meneghetti, e que, hoje, descrevem o funcionamento de seu método científico.

CAPÍTULO I

O FENÔMENO DA “FALA AUTÊNTICA” NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Quando e por que os seres humanos começaram a falar? Como aconteceram as primeiras formas de expressão verbal? De que maneira evoluímos desde os grunhidos até contar histórias e, enfim, chegar ao ponto de verbalizar sentimentos, experiências e ideias a fim de comunicar as inovações realizadas pelo ser humano? Essas indagações me levam a pensar sobre a perspectiva de que, antes mesmo de existir a fala – enquanto códigos, símbolos, línguas e linguagens –, existe uma *expressão-comunicação* humana. Qual seria essa expressão-comunicação mais genuína e autêntica de se comunicar?

Esses e tantos outros questionamentos seguem sendo profundas perguntas até os dias de hoje, pois não há uma comprovação absoluta de quando e de que forma os seres humanos começaram a conectar signos e sons para dar início às primeiras formas verbais de expressão. Essa necessidade por falar, seja pela busca por alimentos, interesses, relações, infere-se que foi uma evolução necessária o uso da comunicação para se expressar, realizar atividades e conviver em grupo, diferente de qualquer outro ser vivo, assim como menciona Aristóteles:

A natureza, conforme dizemos, não faz nada ao desbarato, e só o homem, dentre todos os seres vivos, possui a palavra. Assim, enquanto a voz indica prazer ou sofrimento, e nesse sentido é também atributo de outros animais (cuja natureza também atinge sensações de dor e de prazer e é capaz de as indicar), o discurso, por outro lado, serve para tornar claro o útil e o prejudicial e, por conseguinte, o justo e o injusto (Aristóteles, 1991. pp. 3-5).

Portanto, a comunicação, no contexto da língua e da fala, é a base para que haja sociabilidade e permita, conforme aponta Souza (1973, p. 209) “um intercâmbio entre os homens a fim de que seja possível a transmissão, de um para o outro, de experiências, conhecimentos e apelos”. Cabe ainda evidenciar que o ato de falar teve a sua passagem desde uma necessidade de comunicação objetiva, utilizando códigos básicos, até o momento em que a fala torna-se um meio de comunicação e de relação social. Nesse sentido, segundo Salles *et al.* (2020), “é através da linguagem que as histórias são contadas da maneira que melhor condiz com seu modo de ser, de compreender e de ser sentida naquele exato momento; é a fala que propicia a possibilidade da pessoa ao compartilhar” (p. 326). Essa

possibilidade de tornar algo comum é dada pela fala, que carrega a linguagem e o ato de comunicar e de expressar, mais especificamente, conforme Almeida (2005, p. 203), entendendo que, “a fala comunica sentidos e a linguagem, expressão da fala, articula significados, possibilitando que os falantes se tornem comuns”.

Assim como afirma Dutra (2002), quando o homem conta suas experiências, ele exercita sua compreensibilidade, trazendo consigo o que lhe é constituinte em sua condição de estar-no-mundo, articulado através da linguagem e da compreensão. Bem como argumenta Heidegger, a linguagem é o sustento desse modo de ser no mundo enquanto essência humana:

Segundo uma antiga tradição, nós somos aqueles seres capazes de falar e, assim, aqueles que já possuem a linguagem. A capacidade de falar, ademais, não é apenas uma faculdade humana, dentre muitas outras. A capacidade de falar distingue e marca o homem como homem. Essa insígnia contém o desígnio de sua essência. O ser humano não seria humano se lhe fosse recusado falar incessantemente e por toda parte, variadamente e a cada vez, no modo de um ‘isso é’, na maior parte das vezes, impronunciado. À medida que a linguagem concede esse sustento, a essência do homem repousa na linguagem. (Heidegger, 2003, p. 191).

Sobre a capacidade humana de falar, insistem Jacinto *et al.* (2020), que se deve tornar necessário delinear que, em relação aos aspectos de sentido existencial, não é o ser humano que *possui* a linguagem pelo simples fato da capacidade de falar, mas é justamente na linguagem que revela o modo pelo qual se manifesta o homem *sendo*. Não é apenas uma função sua de se comunicar, mas a fala é e pode ser algo de mais íntimo que abre a porta para a dimensão existencial do homem, colocando-o como liberdade de ser protagonista em assumir a própria existência.

Após compreender essa dimensão da fala ou expressão-comunicação enquanto distinção humana, posteriormente buscando entendê-la no contexto da psicoterapia, fui percebendo certas aproximações complementares, quando se trata da psicoterapia pela fala. Na dimensão do psicoterapeuta e cliente, existe nesse falar um diálogo, uma troca e disponibilidade para que se possa permitir esse revelar do seu modo único de ser. Conforme Pereira *et al.* (2007), “permissão para adentrar em seu ser e resgatar uma fala geradora de novas possibilidades, sempre à procura de compreender seu modo de ser e de mostrar”. Nesse

processo da relação psicoterapêutica, infere-se que o objetivo do encontro é centrar o ponto da unidade da relação, onde a “fala e escuta se fundem na compreensão”, conforme afirma Heidegger (2003, pp. 223-224). Portanto, “cabe ao terapeuta, à sua 'arte', à sua intuição, criar um clima propício para que o paciente consiga, em confiança, falar dos seus sentimentos a respeito do terapeuta, a respeito da situação íntima (e envolvente) que se cria entre ambos” (Bucher, 1989, p. 91).

Ainda, Bucher (1989) aborda a relação psicoterapeuta-cliente, como diferente da relação médico-paciente, em seus meios para intervir. Se, por exemplo, a ação médica opera mediante recursos objetivos, instrumentais – físicos, químicos, biológicos – a psicoterapia apela unicamente para aqueles recursos que estão presentes diretamente em qualquer ação, ou melhor, na interação humana: as forças do diálogo, da fala, da verbalização e tudo aquilo que implica o sujeito em sua totalidade integral (emocional, cognitiva etc).

A fala no campo da psicoterapia é a forma que carrega, antes de tudo, a história do indivíduo, as emoções, os significados, pois ao falar de si, é possível entrar com profundidade no próprio material subjetivo. A psicoterapia é a arte para viabilizar um outro, capaz de dar uma estrada silenciosa e segura a fim de revelar o que a fala pode trazer à consciência: suas histórias, suas memórias, suas experiências. Nessa atuação profissional existe também uma postura diversa do psicoterapeuta na *relação* e na *escuta*, como profere a reflexão do psicanalista Rubem Alves, “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma” (Alves, 2007). A importância da fala e da escuta no processo psicoterapêutico podem trazer conteúdos que abrem a possibilidade real de compreender-se. E compreendendo-se, se dá a possibilidade de mudar, conforme elucida o trecho a seguir:

Proporcionar ao sujeito que ele entre em contato com suas próprias experiências e favorecer que as descreva, o terapeuta alcança os significados vividos pelo sujeito, viabiliza a construção de reflexões que são possíveis caminhos para compreensão de suas próprias experiências e, ao falar de si mesmo, buscar novos modos de compreensão quando provocado ao reviver suas experiências, assim permitir que se apresentem novos modos de ser (Jacinto, *et al*, 2020, p. 317).

Conforme abordam Amatuzzi *et al* (2012), no trabalho “O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico”, o contato com o cliente faz nascer

no terapeuta uma necessidade de uma resposta. Para o cliente, existe uma parte dessa resposta: a vontade de ouvir, o interesse em ouvir com maior precisão e profundidade o que o terapeuta tem a dizer. Pode-se constatar que quando isso ocorre há a "fecundidade terapêutica do encontro" (Amatuzzi *et al*, 2012, p. 5), dando ao psicoterapeuta uma condição de objetividade maior, ou seja, o cliente se sente mais bem compreendido naquilo que realmente se passa com ele, podendo explicitá-lo ou dizê-lo melhor. Portanto, ocorre que nessa relação do sentido-que-faz-sentido, se dá uma condição de reciprocidade: a sessão faz muito sentido tanto para o terapeuta quanto para o cliente. Ainda, Amatuzzi *et al.* (2012) complementam nessa pesquisa que o sentido não é algo que o psicoterapeuta possa dizer e esgotar, mas é algo de que ele pode se aproximar, sentindo, participando. Todo o dizer é apenas um modo de se aproximar. Essa aproximação do sentido, o contato ou apropriação dele, se faz a partir do momento presente do terapeuta.

Abre-se aqui a perspectiva da oportunidade psicoterápica desse colher o homem sendo em seu estar no mundo, que é a psicoterapia pela fala, ou ainda direcionando ao interesse da pesquisa, a psicoterapia ontopsicológica – que será abordado no capítulo 2, Da Ontopsicologia à Psicoterapia Ontopsicológica –, um dos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia que possibilita, de ser humano à ser humano, adentrar e tocar o íntimo para que ele próprio possa resgatar sua dimensão ontológica e autêntica de quem se é.

Desde o momento em que o presente estudo se propõe a compreender a importância do diálogo como instrumento para acessar a fala autêntica – do ponto de vista do psicoterapeuta e cliente –, é inevitável ser tomado pelo questionamento: o que é, como acontece e se descreve a fala autêntica? O psicólogo e psicoterapeuta Mauro Amatuzzi (1988) se debruçou na compreensão de resgatar a *fala autêntica*, essa "expressão-comunicação no ato da qual a pessoa desencadeia em si mesmo aquilo que é chamado a ser" (p. 10), entrelaçando compreensões com diversos outros autores, nos fazendo refletir com profundidade a respeito do tema.

Cabe aqui mostrar o contexto em que Amatuzzi (1988) aborda a questão da fala autêntica, na perspectiva de como ele compreende de maneira originária os sentidos das palavras *fala* e *autêntica*. Existem certos adjetivos que só são adjetivos quando entendidos linguisticamente, mas que na realidade eles são substantivos. Segundo o psicólogo, "a palavra 'autêntico' adjetivando a palavra 'fala', não se refere a uma qualidade acidental da

fala, mas a algo que lhe é essencial" (pp. 34-35). Ainda destaca que não se trata de estarmos acostumados com o uso abstrato da palavra fala, enquanto uso linguístico e gramatical. A posição de sua pesquisa sobre a fala autêntica, "é um reencontro ou um resgate da originalidade da fala que, na prática, no viver concreto, representará um crescimento filosófico, terapêutico ou educativo" (Amatuzzi, 1988, p. 35).

1.1 A fala autêntica na fala original de Merleau-Ponty

Adentrando então sobre os aspectos que constituem e distinguem a fala autêntica, Amatuzzi recupera a ideia de "fala original" e as "expressões segundas", analisadas pelo filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que compreendeu a "fala original" ou "fala primeira" como aquela fala que é pela primeira vez formulada. É aquela fala nova, originária, que surpreende, que nasce naquele momento, pois vem do imprevisto e da espontaneidade de expressar pensamentos e sentimentos que vêm à tona pela primeira vez.

A fala autêntica é aquela que formula pela primeira vez, no sentido fenomenológico e não cronológico do termo, e se opõe à expressão segunda, que será então uma fala sobre falas. É na fala primeira que o falar será o pensamento se fazendo no ato de falar. É somente expressão segunda que poderemos distinguir a fala de um pensamento que lhe seja anterior, e que ela apenas traduza. Esta não é a fala no sentido original do termo (Amatuzzi, 1988, p. 3).

Os conceitos de fala *original*, *primeira* ou *autêntica*, possuem o mesmo sentido. Em contraposição a esse conceito, existe o que poderíamos dizer de *fala inautêntica*, ou aquilo que Merleau-Ponty (1996) chamou de fala *segunda* ou *banal*, que são compreendidas também, conforme entendeu Amatuzzi (1988), como *linguagem empírica ordinária*, a fala que não é nova, nem originária. Um exemplo deste conceito é quando uma pessoa executa os afazeres diários, como: o que irá fazer, avisando as pessoas e encaminhando tarefas. Portanto, executa o que já havia previamente decidido, pensado, programado. A fala não necessariamente coincide com essa decisão, mas a sucede. Um outro exemplo, sobre uma situação em que um casal que juntos definem em qual escola colocar um filho para estudar, neste caso, as falas de ambos se caminham para uma decisão ainda não falada. A fala poderá

ser autêntica ou não. Se ambos já previamente programados pensaram e possuíam uma ideia de resposta a ser dita, não é uma fala autêntica, pois não há a decisão da novidade no ato, não há a fala nova. Caso ambos decidam no encontro e no diálogo, entender as possibilidades, poderia ali revelar uma novidade não pensada, portanto, revelar uma fala autêntica sobre a solução. *A decisão e fala acontecem e se formalizam no ato.*

Em âmbito da psicoterapia, AmatuZZi (1988) explica a diferença entre a fala primeira e a segunda. A fala segunda é quando, por exemplo, o cliente verbaliza aquilo que já havia pensado previamente, que *já preparou* para dizer no encontro terapêutico; já a fala primeira, é quando a fala do cliente surpreende ao formular os pensamentos e inquietações presentes pela primeira vez, ou seja, é quando *dá a forma* ao que está expressando e *sendo o que fala* no ato de dizer-se, a sua fala é, portanto, *nova*, e aí está a fala autêntica. Em outro exemplo, podemos também nos perguntar se a fala do psicoterapeuta é uma fala autêntica ou uma fala secundária. Ainda, para AmatuZZi (1988), a fala será secundária "quando ele executa programas ou apenas põe à disposição do cliente um repertório de conhecimentos e habilidades do qual partes são mecanicamente mobilizados pelas falas do cliente" (p. 48). Se identifica a fala autêntica quando o psicoterapeuta estiver improvisando e formulando a fala pela primeira vez, ou seja, não somente algo que, quando dito ao cliente, seja novidade apenas para o cliente, mas o psicoterapeuta dizendo algo novo e único também para si mesmo, independente da experiência vivida em sessões com outros clientes. É uma novidade única daquele momento.

O filósofo Merleau-Ponty faz a síntese do que foi apresentado anteriormente, que afirma que: "convém distinguir entre uma fala autêntica, que formula pela primeira vez, e uma expressão secundária, uma fala sobre falas, que representa o comum da linguagem empírica. Apenas a primeira é idêntica ao pensamento." (Merleau-Ponty, 1999, p. 636). Para ter um falar autêntico, não basta essa fala carregar um pensamento, um sentimento, ou uma emoção por trás, porque existem falas que são cheias de sentimentos, que carregam memórias, experiências passadas, repetição de histórias, que não são novidade. O que AmatuZZi (1988) destaca é que "o que decide isso não é o fato de serem sentimentos ou pensamentos o assunto da fala. E sim o fato da fala 'cumprir' esse sentimento ou pensamento presentes" (p. 54-55). Então, além da fala *carregar* esse sentimento, é necessário *cumprir, corresponder*: fala e sentimento são idênticos, reversíveis, *coincidem com a novidade daquele momento* de estar dizendo algo pela primeira vez. E assim nasce o efeito de uma fala criadora.

É o falar autêntico que cria o mundo segundo o homem e o homem para o mundo, para além do mundo dado e do homem dado (que não é ainda homem). Falar é pensar, mesmo quando falo sentimentos. Falar é decidir. É criar. Mas isso só se aplica plenamente ao falar primário (Amatuzzi, 1988, p. 52).

Dessa maneira, como pode-se perceber, a fala autêntica é sempre a novidade em ato de estar constantemente recriando o mundo segundo a própria medida. Um outro aspecto de compreensão para verificar o que torna uma fala criadora autêntica está na *qualidade da presença, na relação e na reação total* de quem profere essa fala. Por exemplo, um professor ao dar uma aula pronta, por mais bem preparada que seja, se integrar o conteúdo com a qualidade da presença, interligando e gerando novidade com o mundo colocado pelos seus alunos, é possível transformar essa fala secundária como "impulso" para a fala autêntica, pois, "é da relação que pode brotar o falar autêntico" (Amatuzzi, 1988, p. 54). O mesmo sentido ocorre na psicoterapia ao colocar essas premissas na "qualidade da presença do terapeuta: sua resposta é a formulação de sua reação total (e integrada) à fala do cliente." (Amatuzzi, 1988, p. 50).

Outro aspecto analisado por Merleau-Ponty diz respeito à *fala falante* e à *fala falada*. A fala falante entende-se também como a fala original, "é a fala nova, na qual a intenção significativa se encontra em estado nascente". (Amatuzzi, 1988, p. 59). A fala falante é o ato cultural ou a cultura em ação nascendo; enquanto a fala falada é "o produto cultural que, no entanto, serve também de rampa de lançamento para novos atos culturais. A fala secundária é útil e dá continuidade. A fala original cria. Uma depende da outra." (Amatuzzi, 1988, p. 60). Todavia, existe também a "fala banal" que é "um jogo com produtos culturais, mas que não envolve explicitamente a experiência primordial, não assume o falante [...], mas apenas, poderíamos dizer, o 'utiliza' como indivíduo a serviço do sistema instituído." (Amatuzzi, 1988, p. 61). Merleau-Ponty aborda sobre o viés da fala banal:

Vivemos em um mundo no qual a fala está instituída. Para todas essas falas banais, possuímos em nós mesmos significações já formadas. Elas só suscitam em nós pensamentos secundários; estes, por sua vez, traduzem-se em outras falas que não exigem de nós nenhum esforço verdadeiro de expressão, e não exigirão de nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão. (Merleau-Ponty, 1999, p. 250).

A fala banal não cria, é a instituição da fala, enquanto sistema que se sustenta por ela própria. Se predominar a fala banal, perde-se a consciência da fala original, transformando todo ímpeto do viver em novidade, como a criança que descobre o mar pela primeira vez, em um certo progressivo silêncio, uma certa apatia – se perde não apenas a fala autêntica, mas todo seu modo genuíno de se manifestar. Eis a preocupação do esforço psicoterapêutico, quando a fala não assume a pessoa e a pessoa não assume a sua fala, levando adiante seu enrijecimento e manifestações distorcidas.

Ao concluir as contribuições de Merleau-Ponty, AmatuZZi faz uma síntese e certo questionamento à tarefa do psicoterapeuta:

Reencontrar, sob o barulho às palavras, o silêncio primordial que foi rompido pela fala, e descrever o gesto que rompeu este silêncio; refazer a cada passo o caminho da pessoa que transcende o seu ser natural em direção ao existir, ou seja, o gesto onde ela expressa sua carência e, fazendo isso, lhe dá um sentido: não é isto que fazem o terapeuta e o educador nos melhores momentos da relação terapêutica e educativa? Isolando por assim dizer a fala autêntica no meio de tantos falares, podemos entender melhor o que é que o falar significa originalmente para o homem: uma "tomada de posição no mundo das significações" [...], e portanto um enfrentamento e uma decisão para além daqueles que são possíveis dentro dos esquemas anteriores; uma "estruturação da experiência" a qual sem a palavra, sem o pensamento, permaneceria bruta, sem constituir um "mundo": uma "modulação da existência" [...]. Isto é, uma definição do viver, uma mudança de modo de existir que, na medida em que ocorre, permite o surgimento de novos motivos sob os anteriores. Esta é a "função da palavra" (AmatuZZi, 1988, pp. 62-63).

Dessa síntese exposta, AmatuZZi (1988) formula algumas proposições referentes a uma compreensão da Psicoterapia e da Educação, mas que nesta pesquisa tratarei apenas os que dizem respeito à tarefa do psicoterapeuta. Pode-se então compreender que:

- 1) A finalidade da Psicoterapia é "restituir a função da palavra, ou seja, é caminhar de falas secundárias para falas originais" (AmatuZZi, 1988, p. 63);
- 2) Se a fala secundária é também secundária no âmbito da vida particular predominante, infere-se que essa fala secundária provoca também de certa forma uma "vida

secundária", chamando isso de "desajustamento psicológico, ou uma debilitação do viver, com ou sem sintomas específicos" (Amatuzzi, 1988, p. 63).

3) "Como nós somos uma totalidade integrada, podemos esperar que a permanência em falas secundárias em um setor particular da vida, nunca é totalmente isolada, mas acaba afetando a totalidade da vida, ou seja, afeta também outros setores" (Amatuzzi, 1988, p. 63).

4) Assim, "Uma pessoa pode ajudar outra a resgatar para si a função da palavra reencontrando passo a passo o silêncio que procura se romper em cada fala, o que não é possível sem uma modulação sincrônica da próxima existência com a existência da outra pessoa" (Amatuzzi, 1988, p. 63). Portanto, entra em cena o aspecto psicológico do quanto a Psicoterapia pela fala como resgate da fala autêntica pode colaborar nesse processo, de sincronizar e coincidir a fala com a identidade única de cada indivíduo.

1.2 A fala autêntica no diálogo genuíno de Martin Buber

Na sequência Amatuzzi (1988) amplia o contexto descrevendo a relação dialógica, mais especificamente sobre o *diálogo genuíno* (ou dialogal) e o *palavreado*, ideias analisadas pelo filósofo e pedagogo Martin Buber (1878-1965). A distinção em que Buber aborda sobre o tema parece se aproximar mais de uma fala que está *entre* a fala autêntica e fala secundária de Merleau-Ponty. É a fala que acontece *no meio*, *entre o* e *no* diálogo, ou seja, a conversação genuína.

Por mais que seja sincero um simples falar, a sinceridade não é suficiente, Amatuzzi (1988) salienta que para concretizar o diálogo genuíno, "é preciso que seja um falar-ao-outro, e não simplesmente um falar voltado para o outro. E mesmo isso não instaura o diálogo se não houver a recíproca, a mutualidade". (Amatuzzi, 1988, p. 73). Se não houver essa troca genuína, então é um mero palavreado. Por exemplo, quando duas pessoas estão juntas falando muito, e observa-se que não se escutam mais, falam sem ouvir o outro, aí está o palavreado para Buber. Já o diálogo genuíno é preciso maior profundidade do que um simples diálogo, *é um falar com direção específica*:

O falar-para, e não só diante-de, aliado ao escutar realmente, e não apenas receber os sons, é que cria o "contato direto" onde os mundos interiores das pessoas se comunicam, e só através disso eles podem se manifestar plenamente, se dar a conhecer. Quando as pessoas estão apenas preocupadas em falar, e não escutam,

quando estão portanto apenas preocupadas consigo mesmas, por mais inteligentes que possam ser os discursos, não há propriamente diálogo, mas só palavreado. Mas o palavreado não é suficiente para atualizar o ser do homem (Amatuzzi, 1988, p. 73).

O que pode-se perceber nesse entendimento sobre a função da fala, sobretudo a esse atualizar o ser do homem ao serviço psicoterapêutico, é a busca em compreender e descrever "a própria experiência do ser, do espírito, a manifestação do centro da pessoa. Para usar uma expressão de Merleau-Ponty o palavreado não é suficiente para atualizar a 'função da palavra'" (Amatuzzi, 1988, p. 73).

Nessa visão, Buber compreende a palavra como função no contexto "inter-humano" (Buber, 1988, p. 73), o que se manifesta ao interno do homem. E essa fala, Amatuzzi (1988) descreve que acontece na medida em que a pessoa, em seu falar, descobre-se quando se dirige a, tocando o centro da pessoa. Ou seja, "é só nesta fala que o outro a quem me dirijo se constitui como pessoa". (Amatuzzi, 1988, p. 74).

Portanto, este *dirigir-se a* se dá no *entre*, onde uma fala que se constitui como verdadeira está na *relação*, que é o *lugar* onde se revela essa possibilidade.

Uma fala só será verdadeiramente fala se nela se descobre o outro, se nela os pólos da relação estiverem constituídos ou confirmados. Ou ainda, só existe fala verdadeira se for fala dirigida a, e não apenas fala diante de, e nesse dirigir-se a eu constituo o outro para mim, eu toco ou o confirmo. E isso naturalmente enquanto ato concreto de falar. E é nessa constituição do outro, nesse toque de seu centro, que eu mesmo me revelo como pessoa em meu centro. É na relação que se encontra o ser. E na relação vivida e não na relação pensada. (Amatuzzi, 1988, p. 74).

Nesse sentido, se resgatarmos o que foi abordado sobre Merleau-Ponty, a fala autêntica se realiza plenamente no sujeito falante, que não significa que acontece fora da relação. Mas Buber descreve justamente esse ponto, que é *em função e na relação* em que a fala cria. Amatuzzi (1988) nos faz pensar, segundo Buber, que o próprio falante não existe, mas sim, *existe na relação*. E por esse motivo que nessa questão Martin Buber não contradiz Merleau-Ponty, mas acrescenta à reflexão esse outro ponto de vista. Logo, infere-se que não podemos dividir o sujeito falante da relação na qual constitui a fala, ambos acontecem mutuamente.

Só estou falando plenamente de mim, quando estou falando para alguém: e não diante de alguém, ou tendo alguém diante de mim que me escute, e isso porque o sujeito (ao qual nos referimos ao dizer "de mim") só se constitui, só está sendo, no ato da relação. E está implícito na atitude de falar para alguém, ou melhor de escutar sua resposta. Mas isso significa que um verdadeiro interesse em minhas coisas é indissociável do interesse pelas coisas do outro. O centro da pessoa, segundo Buber, só se revela no campo do entre. E aí é que o homem tem acesso ao ser e se torna realmente homem. Sob esse enfoque, para Buber, a linguagem só é autêntica no contexto do encontro. Quando falo a alguém, ouço sua resposta, posiciono-me face a face a ela gerando outra resposta, e assim por diante. É só no dinamismo desta sequência que me encontro em ato comigo mesmo, que estou sendo, e também conhecendo-me. E isso é indissociável do ser do outro, ou do ser da comunidade. (Amatuzzi, 1988, p. 75).

Essas considerações resultam em uma compreensão no que diz respeito ao processo psicoterapêutico, na medida e proporção em que esse interpretar a individualidade de nosso ser no mundo, como uma tomada de consciência e posicionamento, dá-se no contexto da relação. Nessa direção, podemos retomar aquilo que Buber apresentou como as condições que fazem existir uma conversação genuína.

A primeira é a "genuinidade (ou autenticidade) de seus participantes, no sentido de eles se deixarem guiar pelo o que são, ou melhor, de serem o que são na conversação, cada um deles" (Amatuzzi, 1988, pp. 81-82). A autenticidade para Buber é estar livre da necessidade do parecer ser, ou pela busca de confirmação da expectativa e satisfação da espera do outro sobre nós mesmos. A segunda é uma condição de *percepção*: que cada um possa ver o outro como se é na sua totalidade e ato concreto. "É 'tomar conhecimento íntimo' dele como outro. É somente através desse conhecimento íntimo do outro enquanto tal, junto com sua aceitação, que eu o legítimo como parceiro de uma conversação genuína" (Amatuzzi, 1988, p. 82). Então, para Buber, não é uma observação ou contemplação do íntimo da pessoa, não é passivo; tomar conhecimento do outro requer uma "percepção que ocorre no interior de uma relação (propriamente dita). É a percepção do ser interpelado". (Amatuzzi, 1988, p. 84). Essa participação ao conhecer o íntimo do outro só é possível nesse colocar-se, posicionar-se de forma elementar na relação: a ponto do outro fazer presença em

mim. Para Buber, é somente "nesse tipo de relação ou de percepção que o centro dinâmico da pessoa se dá a conhecer". (Amatuzzi, 1988, p. 84).

Para descrição da conversação genuína, como observa Amatuzzi (1988), a terceira condição é que ambos *não queiram se impor ao outro*. Ou seja, ambos não devem, diante do outro, sujeitar-se. Não se trata de convencer, manipular o outro. É uma atitude de não-imposição, ou seja, "trata-se na realidade de desejar que o outro se abra para algo em relação ao qual eu já me abri (no que diz respeito a mim), o que por ser certo, se o for, pode atuar com uma força própria" (Amatuzzi, 1988, p. 88). Portanto, acontece a conversação genuína quando se percebe o resultado da relação: a autonomia e o livre-arbítrio do outro são respeitados para que o mesmo possa escolher o seu modo de se expressar e agir no mundo.

Uma quarta condição é que, no diálogo, ambos *se confirmam como pessoas*. "A confirmação é constituir no outro como parceiro de encontro, legitimá-lo como interlocutor no mesmo nível, e não necessariamente concordar com ele. O acreditar no outro que a confirmação implica, é acreditá-lo como pessoa". (Amatuzzi, 1988, p. 89). Outro aspecto que Amatuzzi (1988) apresenta sobre a conversação genuína de Buber é a *imprevisibilidade* e a *fecundidade* da fala, enquanto ambos presentificam-se como pessoas, pois não é possível prever ou preordenar aquilo que vem da espontaneidade verdadeira do encontro.

[...] onde a conversação se realiza em sua essência, entre parceiros que verdadeiramente voltaram-se um-para-o-outro, que se expressam com franqueza e que estão livres de toda vontade de parecer, produz-se uma memorável e comum fecundidade que não é encontrada em nenhum outro lugar. A palavra nasce substancialmente, vez após vez, entre homens que, nas suas profundidades, são captados e abertos pela dinâmica de um elementar estar-juntos. O inter-humano propicia aqui uma abertura àquilo que de outra maneira permanece fechado. (Buber, 1982, p. 155).

É importante ressaltar que Amatuzzi (1988) adverte que essas são condições ou pressupostos, mas não são causas da conversação genuína. Essas condições podem facilitar ou ocorrer, mas não produzem necessariamente esse efeito. Uma vez que as condições estejam presentes, havendo a mutualidade do diálogo, faz ocorrer uma forma nova a manifestar. Em síntese de tudo o que foi dito anteriormente, Buber nos diz que:

'Tornar conhecimento íntimo', ou tocar e ouvir o 'centro da pessoa', e por um desejo de não imposição ou respeito às forças autônomas do outro, ao mesmo tempo que uma total franqueza no que diz respeito a nós. E essas condições preparatórias ou dispositivas não são meras estratégias não relacionadas essencialmente com o que deve ocorrer, mas (embora não sejam causas) são condições de natureza, digamos assim, isto é, são consistentes com o que deve ocorrer (ou seja, a relação propriamente dita) (Amatuzzi, 1988, p. 102).

Amatuzzi (1988) então recolhe algumas conclusões, sobre as colocações da perspectiva de Buber, no que se refere à fala autêntica e a concepção da terapia enquanto resgate ou promoção da fala autêntica:

1) O diálogo genuíno caracterizado por Buber, que é oposição do palavreado, não se refere apenas ao diálogo como um caso particular da fala, mas como fenômeno próprio da palavra que é *dialogal* ou *relacional*. Não existe fala que não seja originariamente uma conversa, pois essa fala nasce de um escutar que já é uma resposta.

2) A fala autêntica ou fala integral, é aquela que existe no contexto da relação, ou seja, é nesse contexto que se dá a função da palavra.

3) É a palavra que se origina na relação, "que se 'toca' o mais íntimo do outro e que se revela o mais íntimo de si mesmo. É enquanto ser que se comunica, enquanto mistura de ser e não-ser, que o homem 'aparece'" (Amatuzzi, 1988, p. 101).

4) A fala autêntica só será possível acontecer em uma vivência de relação por meio de um diálogo genuíno ou verdadeiro. O cliente em uma verdadeira psicoterapia não é o objeto da fala para o psicoterapeuta, mas o destinatário e emissor, pois antes de ser o assunto em questão, ele é antes de tudo um interlocutor, uma pessoa.

5) Fazer com que algo ou alguém se torne presente na relação é a principal função do psicoterapeuta, tornar atual a função da palavra, e claro, no que compete ao psicoterapeuta, pois não depende exclusivamente dele.

Amatuzzi (1988), então, conclui com os seguintes questionamentos, correlacionando-os agora aos conceitos apresentados. A partir de Merleau-Ponty: seria possível chegar à fala original contida na fala secundária? Ou ainda, a partir de Martin Buber: seria possível chegar ao dialogal ou autêntico contido no mero palavreado? Infere-se que o que Buber quer nos apresentar, seria mais na linha tênue do *silêncio*, o que está no *entre*: "uma atitude de escuta

aberta, que por si só facilita o caminho para o emergir de expressões cada vez mais assumidas, mais originais, mais expressamente dialogais. É sentindo-me ouvido que eu falo, é sentindo-me recebido que eu venho a me dar". (Amatuzzi, 1988, p. 103).

Para finalizar, não poderíamos considerar e restringir a fala autêntica sem o diálogo, sendo sozinho enquanto sujeito falante seria um monólogo, portanto, para ser diálogo é necessária a relação. Para tanto, essa compreensão nos traz a necessidade do outro enquanto função da palavra, no sentido relacional.

1.3 A fala autêntica na psicologia centrada na pessoa de Carl Rogers

Depois das constatações de Merleau-Ponty e Buber, descrevendo e distinguindo os primeiros pilares do interesse da pesquisa sobre a fala autêntica dentre outras formas de falar, Amatuzzi (1988) estuda também outros autores, como o psicólogo estadunidense Carl Rogers (1902-1987), com sua abordagem centrada na pessoa. Ainda que Amatuzzi tenha uma interpretação rogeriana, mas sem compará-los do mesmo nível por não ser o caso, ambos nos trazem reflexões sobre práticas em que estão envolvidos, pois são referências que servem de base e inspiração pelo modo de conduzir e trabalhar a psicoterapia.

Carl Rogers é quem descreve a *autenticidade* que esteve presente, de certa forma, em todos os questionamentos e conceitos apresentados anteriormente, ainda que para Meneghetti – que será apresentado no capítulo seguinte –, a autenticidade tem uma outra perspectiva no que se refere ao critério que valide o ser autêntico ou não. Para concluir o objetivo de compreender e descrever o que é a fala autêntica, ainda que Rogers não fale diretamente da fala autêntica, o autor relaciona a autenticidade da pessoa e da fala como algo inseparável. Ou seja, um depende do outro para se manifestar: a fala autêntica é efeito de um viver em autenticidade.

O termo "autenticidade", é muitas vezes correlacionado por Rogers com o termo "congruência", mas que centra todo o trabalho psicoterapêutico, que depois refletirá na capacidade de ouvir empaticamente, com congruência ou autenticidade, aceitação ou estima em relação ao outro. Para Rogers (1983), autenticidade quer dizer que, quando se está vivenciando em um determinado momento e está presente em sua consciência, significa que está presente também em sua comunicação, está emparelhado ou congruente, ou seja, está

integrado, inteiro e inteiramente íntegro. Sua fala é autêntica ou congruente. Mesmo que esse estado, em sua maior parte do tempo, apresenta um certo grau de incongruência, onde o objetivo na relação psicoterapêutica é que a comunicação possa atingir o seu máximo grau de profundidade, permitindo entrar em contato com a realidade que se passa dentro de si em diálogo com o outro. Rogers, em sua prática psicoterapêutica, descreve esse estar em contato com o que se passa dentro de si:

Há ocasiões em que um sentimento que parece não ter nenhuma relação especial com o que está se passando "surge em mim". Já aprendi a aceitar e a confiar neste sentimento, no nível de minha consciência, e tentar comunicá-lo ao cliente. Por exemplo, há ocasiões em que um cliente está conversando comigo e de repente tenho dele uma imagem de menininho suplicante, com as mãos juntas em atitude de súplica, dizendo: "Por favor, dê-me isto, por favor, dê-me isto". Aprendi que se for verdadeiro na relação com ele e se conseguir expressar esse sentimento que me ocorreu, provavelmente o atingirei em um ponto sensível e nossa relação progredirá. (Rogers, 1983, p. 9).

Entrar nesse tipo de contato de empatia, de fato, não é fácil, pois é vivenciado em um momento preciso que está em constante mudança. Rogers (1983) ainda menciona que, entre a experiência e sua comunicação, ao vivenciar e sentir algo, existe um *timing* certo para ousar compartilhar ao cliente. Quando o psicoterapeuta consegue o que é autêntico em si, sente-se espontâneo, genuíno e vivo, acontece uma sensação de transparência por estar inteiro, é como uma experiência luminosa encontrar a autenticidade em um outro. "É tão óbvio quando alguém não se esconde por trás de uma fachada e fala de dentro de si mesmo! Quando isto acontece, corro ao seu encontro. Quero me encontrar com esta pessoa verdadeira." (Rogers, 1983, p. 10). Isso é muito interessante ao sentido da pesquisa, esse presentificar *uma fala dentro de si mesmo*, aqui está uma das características da fala autêntica. Assim como menciona Buber, sobre a "relação eu-tu", o que está no *entre*, essa relação é encontrar tecnicamente em psicoterapia esse raro momento: onde a profunda autenticidade do psicoterapeuta encontra a autenticidade no cliente, que faz viabilizar um encontro pessoal

mútuo e profundo. Isso é infrequente, mas é nessa possibilidade de ocorrer que se está vivendo realmente como seres humanos. (Rogers, 1983).

Existem alguns elementos da comunicação interpessoal que dão maior sentido, que requer também uma sensibilidade para ouvir, e é também onde colhe-se uma profunda satisfação em ser ouvido. Porque a capacidade de ser mais autêntico é que provoca, por consequência nessa troca, uma maior autenticidade no outro, e, portanto, uma maior liberdade para dar e receber amor (Rogers, 1983). Nesses elementos, Rogers apresenta 3 atitudes para favorecer ou facilitar a relação para atingir uma expressão-comunicação autêntica:

1º) Autenticidade, sinceridade ou congruência:

Quanto mais o terapeuta for ele mesmo na relação com o outro, quanto mais puder remover as barreiras profissionais ou pessoais, maior a probabilidade de que o cliente mude e cresça de um modo construtivo. Isto significa que o terapeuta está vivendo abertamente os sentimentos e atitudes que fluem naquele momento. O termo "transparente" expressa bem a essência dessa condição: o terapeuta ou a terapeuta se faz transparente para o cliente. O cliente pode ver claramente o que o terapeuta é na relação: o cliente não se defronta com qualquer resistência por parte do terapeuta. Do mesmo modo que para o terapeuta, o que o cliente ou a cliente vive pode se tornar consciente, pode ser vivido na relação e pode ser comunicado se for conveniente. Portanto, dá-se uma grande correspondência, ou congruência, entre o que está sendo vivido em nível profundo, o que está presente na consciência e o que está sendo expresso pelo cliente. (Rogers, 1983, pp. 37-38).

2º) Consideração, interesse e aceitação incondicional:

Quando o terapeuta está tendo uma atitude positiva, aceitadora, em relação ao que quer que o cliente seja naquele momento, a probabilidade de ocorrer um movimento terapêutico ou uma mudança aumenta. O terapeuta deseja que o cliente expresse o sentimento que está ocorrendo no momento, qualquer que ele seja – confusão, ressentimento, medo, raiva, coragem, amor ou orgulho. Este interesse por parte do terapeuta não é possessivo. O terapeuta tem uma consideração integral e não condicional pelo cliente. (Rogers, 1983, p. 38).

3º) Compreensão empática:

Com isso quero dizer que o terapeuta capta com precisão os sentimentos e significados pessoais que o cliente está vivendo e comunica essa compreensão ao cliente. Quando está em sua melhor forma, o terapeuta pode entrar tão profundamente no mundo interno do paciente que se torna capaz de esclarecer não só o significado daquilo que o cliente está consciente como também do que se encontra abaixo do nível de consciência. Este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e compreendemos verdadeiramente, com real empatia. E, no entanto, esse modo tão especial de ouvir é uma das forças motrizes mais poderosas que conheço. (Rogers, 1983, p. 38).

Assim, Rogers (1983) descreve essas etapas que influenciam diretamente na capacidade de mudança pessoal do cliente, em virtude de um clima que favorece a aceitação e consideração, juntamente com a empatia demonstrada pelo psicoterapeuta. Ele sugere que quando as pessoas se sentem aceitas e ouvidas, isso as encoraja a explorar mais profundamente suas experiências internas e a se tornarem mais congruentes ou autênticos, o cliente torna-se então mais verdadeiro e genuíno. Esse processo de autoconhecimento e aceitação promove um maior crescimento pessoal e liberdade para ser autêntico (p. 38).

Quando Amatuzzi (1988) cita o entendimento de Rogers sobre o que é autenticidade, ele destaca um aspecto importante sobre a busca pela autenticidade, que “Trata-se de um estado de integração da pessoa, no qual, somente, seu potencial se encontra mais plenamente liberado para atuar. [...] Buscar a autenticidade é buscar ser o que se é”. (Amatuzzi., 1988, p. 154). Neste contexto, os autores relacionam o que é a autenticidade no ser humano e, conseqüentemente, o que é a autenticidade do seu discurso. Quando menciona que autenticidade é buscar ser o que se é, Amatuzzi (1988) descreve que Rogers reconhece essa expressão com um certo estranhamento ou redundância, já que a única opção é realmente ser quem somos. No entanto, Amatuzzi destaca que “existe no ser humano a possibilidade de ser o que não é (por mais paradoxal que isso possa parecer) e portanto de se buscar ser o que se é realmente” (Amatuzzi, 1988, p.155). Neste caso, conseguir identificar quando não está

sendo a si mesmo com originalidade, já é um início do processo da tomada de consciência pela busca de ser autêntico.

A definição de autenticidade, portanto, parte de uma experiência de descobrir quem se é em um nível mais profundo, sendo mais real ou verdadeiro. Como menciona AmatuZZi (1988), “Esta 'descoberta' certamente terá ou poderá ter uma expressão conceitual tal como: 'na verdade sou assim (de tal forma) e não como pensava que fosse'. [...] A autenticidade é antes operativa do que concebida” (p. 155-156). Para exemplificar de forma prática e cotidiana o que é autenticidade e como acontece sua manifestação na identificação de um discurso, AmatuZZi (1988) relembra o caso de Rogers, sobre um participante de um grupo intensivo, o qual relata a sua dificuldade em fazer amigos. No trecho, o relato representa o momento em que a pessoa fala e se dá conta que está acessando a si mesmo de maneira mais profunda, como mencionado a seguir:

"O fato de sua coragem em ser autêntico (*real*, em inglês)", pôde "nos ajudar a ser mais genuínos (*genuine*, em inglês) em nossas comunicações e a deixar cair as máscaras que usamos comumente" [...]. Esse participante foi além da "fachada" com a qual se identificava naquele nível anterior de comunicação, e comunicou algo mais profundo de si com o qual estava entrando em contato de forma tão viva naquele exato momento. Fazendo isso mudou o nível da comunicação e, automaticamente, o nível no qual passa então a se identificar. [...] E conclui: "não estava sendo eu mesmo, estava representando um papel" [...]. O falar autêntico emana de uma região de nós mesmos (para usarmos a analogia espacial) que não é determinada pelas expectativas de papel ligadas a uma situação concreta, expectativa esta que é geralmente mais ou menos anônima e despersonalizante. Ela tende a nos definir como a um impessoal ocupante da posição que estamos ocupando. A autenticidade inicialmente aponta para algo que está além da “fachada”, além daquilo que eu "devo ser", além do que "os outros esperam" de mim, além daquilo que simplesmente “agrada” aos outros. (AmatuZZi, 1988, p. 156-157).

O que podemos observar é que a autenticidade parte de uma coragem de se desvencilhar de máscaras ou papéis, e experimentar entrar no centro de si mesmo até chegar em um certo nível de profundidade desse dar-se conta: *não estava sendo eu mesmo*. Esse é o sentido da autenticidade de Rogers quando se trata em dizer que é antes operativa do que

concebida. Ainda AmatuZZi complementa que "poderia fazer-nos pensar que aquilo que somos 'realmente' é também algo já definido e pronto, devendo apenas ser 'descoberto', e não 'criado' dentro de um novo modo de ser (embora a partir de possibilidades estruturais já pré-existent)" (AmatuZZi, 1988, p. 157-158).

Essa compreensão me faz pensar no seguinte questionamento: quer dizer que a fala autêntica (entendida como aquela fala criadora, que se dá no ato da relação de estar dizendo algo novo pela primeira vez) não é totalmente nova, mas *descobre o encoberto* de algo que já *pré-existe* em cada pessoa? Aqui resgato as perguntas da introdução para refletir: como *acontece* esse revelar da fala autêntica? *O que fundamenta* esse falar autêntico? Existe um *critério* que explique esse efeito da fala autêntica? Acrescento uma outra pergunta: poderíamos então dizer que a autenticidade é um *resgate* de algo eterno que sempre foi?

Se olharmos para o contexto da psicoterapia, especificamente sobre a relação psicoterapêutica, tem-se por objetivo centrar a unidade da pessoa para (re)encontrar aquela dimensão única que traz a novidade à consciência do cliente: *esse sou eu*. Para chegar nesse resultado, AmatuZZi (1988) menciona o que Rogers disse sobre a autenticidade mínima por parte também do terapeuta, quando na relação se lança a tocar, participar e viver: “os sentimentos e o conhecimento se fundem numa experiência unitária que é vivida em vez de ser analisada, cuja consciência é não-reflexiva, e em que eu sou mais um participante de que um observador” (Rogers, 1974, p. 201). Este tipo de vivência da unidade é que caracteriza então a autenticidade.

Uma outra expressão que caracteriza a autenticidade para Rogers é uma "proximidade ao que se passa dentro da pessoa" (1974, p. 9). Aqui AmatuZZi (1988) relata a percepção de Rogers, o quanto é gratificante ser autêntico, se aproximar do que está se passando dentro, quando se consegue ouvir-se. Esse entendimento de compreender *o que se passa com a pessoa*, Rogers chama de *experiência*. "A autenticidade é vista, portanto, como uma proximidade à experiência" (AmatuZZi, 1988, p. 159). Portanto, infere-se que a experiência da autenticidade é a tomada de consciência em relação ao vivido, como por exemplo, o que se expressa nas falas ou nas atitudes enquanto significado.

Ainda, conforme AmatuZZi (1988), "em relação ao que dizemos, o vivido (a experiência) é aquilo que queremos dizer e que nos permite saber se o que dizemos está correto ou não como expressão" (p. 160). De certa forma, esses aspectos podem servir como critérios para verificar aquilo que dizemos: se a fala falha, sente-se que não corresponde, não

temos clareza, causando um sentimento de inadequação ou insatisfação existencial. É o que nos leva a querer procurar a terapia.

É na Psicoterapia que acaba se buscando e encontrando esse sentido que corresponde e declara ao ser que se é. "É o 'sentido', que toma forma com o declarado. Sabemos o que é, ou podemos vir a saber" (Amatuzzi, 1988, p. 161). No entanto, Amatuzzi (1988) ainda complementa que encontrar esse sentido e acessar a própria experiência não é uma tarefa simples, pois "uma vez começado o processo – que é o próprio processo de busca da autenticidade – ele vai se revelando com uma inesperada e, talvez, inesgotável riqueza, e que, a meio do caminho, pode-se nos apresentar como ameaçadora" (Amatuzzi, 1988, p. 161). Esse tirocínio em adentrar dentro de si exige uma constante e incessante busca de amor a si próprio a fim de descobrir o próprio caminho em verdade. Rogers aborda esse desafio constante da vida:

Saber realmente o que está acontecendo dentro de mim não é uma coisa simples, mas tenho me sentido encorajado a fazê-lo, pois percebo que durante todos esses anos esta minha capacidade tem melhorado. Estou convencido, no entanto, de que esta é uma tarefa para toda a vida e que nenhum de nós jamais está totalmente apto a entrar em contato, sem dificuldades, com o que está acontecendo no cerne de nossa própria experiência (Rogers, 1974, p. 9).

Amatuzzi (1988) tece suas conclusões ao final sobre as valências de Rogers, mas que aqui recolho somente algumas que contribuem diretamente como a pesquisa:

1) Um primeiro sentido, é que "a autenticidade não é uma qualidade nova que acrescenta alguma coisa ao que em si mesmo já está constituído. Mas é a própria atualização de um potencial" (Amatuzzi, 1988, p. 189). Quer dizer, a autenticidade se revela por algo que já existe, mas se manifesta quando se vive em atualização desse potencial, não necessariamente se sabe, mas quando atuado, ganha-se uma nova forma ampliada, que aí então se pode vir a saber.

2) O segundo se refere: "A não ocorrência de alguma atualização é que gera, quanto a isso, situações em que a experiência, a consciência e a comunicação podem ser concebidas em separado" (Amatuzzi, 1988, p. 189). Nesse sentido, o não buscar e não atuar nessa atualização, nos distancia da descoberta daquilo que se é enquanto autenticidade, portanto, não tomando consciência da experiência, a comunicação sofre uma divisão: se é uma coisa, não se sabe. Portanto, não comunico autenticidade, exerço um papel que não coincide com o que eu poderia ser.

3) Em terceiro: "Nesse outro nível de complexidade, o que existia em separado no nível anterior (e que só agora pode ser visto com mais clareza como separação), existe aqui um integrado. A 'pessoa plena' não apenas sente, e sabe, e pensa, e age: ela é por inteiro. E é em processo: por isso, apesar dessa integração, ela se manifesta sucessivamente" (Amatuzzi, 1988, p. 189).

4) Na continuidade: "A fala autêntica está muito além de ser uma fala que revela o íntimo já anteriormente existente. Ela é uma fala de síntese, que efetua o estar sendo da pessoa. E é por isso que a revela no fundo de suas possibilidades. Ela não apenas declara; ela realiza, opera" (Amatuzzi, 1988, p. 190).

5) E também que: "Ajudar alguém a se aproximar da autenticidade supõe semelhante capacidade de síntese (pelo menos no que diz respeito àquela relação de ajuda, diz Rogers). Isso vale tanto para o educador quanto para o terapeuta" (Amatuzzi, 1988, p. 190).

6) Por fim: "A busca da autenticidade é uma busca existencial, no sentido que envolve o ser todo e não uma parte apenas. Não é uma busca apenas intelectual, ou moral, ou corporal, por exemplo, embora incluída todas essas dimensões" (Amatuzzi, 1988, p. 190).

Ao concluir a concepção e contribuições de Rogers, Amatuzzi (1988) nos apresenta uma novidade de compreensão sobre um aspecto muito pertinente: *a expressão como decisão* no contexto da fala autêntica. Se resgatarmos aqui os questionamentos trazidos no início deste capítulo, quando nos indagamos sobre a origem da fala, qual seria a *expressão-comunicação* mais genuína e autêntica de se comunicar? Amatuzzi nos traz então o seguinte questionamento que pode iniciar uma possível pergunta-resposta sobre essa questão: "Até que ponto podemos dizer que o ato de expressão original que 'rompe o silêncio' de gestação da fala, pode ser descrito como uma decisão?" (Amatuzzi, 1988, p. 200). Essa expressão-comunicação genuína e autêntica de se comunicar seria então o ato da decisão em si?

Então, se olharmos para alguns pontos em comum que os autores abordam, podemos

refletir com aquilo que Amatuzzi (1988) argumentou, como por exemplo, "Merleau-Ponty se refere à fala original como uma 'tomada de posição' do sujeito no mundo da significação. Buber considera que no contexto da relação não há causalidade, mas decisão e liberdade, e que portanto a 'resposta' se insere num campo de liberdade". (Amatuzzi, 1988, p. 200). Portanto, essa decisão é a tomada de posição que acontece no contexto da relação com o mundo. Quer dizer, essa compreensão não é dissociável da ação. Essa ação é que liberta. Esse aceno aqui dado sobre *a expressão como decisão* é um ponto importante que exploraremos mais adiante.

O que foi abordado até aqui, desde a perspectiva dos meus primeiros questionamentos da pesquisa e dos relatos pessoais, está estabelecido aquilo que poderíamos chamar de um *projeto de pesquisa*. Contudo, diante daquilo que tratamos sobre a *fala autêntica*, agrada-me inverter os termos e dizer *pesquisa de projeto*, pois Amatuzzi me fez pensar também até sobre o modo como aconteceu a construção de sua tese.

Conforme Amatuzzi (1988), o projeto poderia ser compreendido como algo que foi projetado, como um *projeto* da arquitetura de uma construção civil: onde tudo seria pensado, arquitetado, desenhado para simplesmente se executar até concluir. No entanto, percebo que é um tema *pesquisa de projeto*. É como algo que possui uma direção (uma parte fechada, clara, delineada), que é a primeira realização e manifestação de uma *intuição*, se assim poderíamos chamar. E uma outra, possui uma busca por uma resposta ainda não descoberta (uma parte aberta, impensável ou incalculável), pois ao projetar e, sendo também projetante, me faz entender que é um tipo de caminho que se faz caminhando.

Por fim, cabe dizer que lancei aqui algumas bases que pudesse sustentar a pesquisa, mas que contemporaneamente essa pesquisa, projeta – me projeta – e lança a pesquisa um outro projeto ainda mais amplo: o exercício da pesquisa de um determinado tema para redescobrir e atualizar o meu projeto de vida, enquanto pesquisador, pessoa e profissional. Por isso, seguimos no próximo capítulo, que tem como objetivo trazer as considerações e contribuições da Ontopsicologia e da Psicoterapia Ontopsicológica: a sua história, seu contexto, seu método, delimitando no campo da psicoterapia ontopsicológica, que é onde nasce toda a sua base científica clínica. Para então passarmos a analisar as condições de possibilidade do fenômeno da fala autêntica no processo psicoterapêutico ontopsicológico.

CAPÍTULO II

DA ONTOPSICOLOGIA À PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA

Ao adentrar na dimensão da *fala autêntica*, mesmo que sob um enfoque de estudo teórico, delimitou-se no campo da psicoterapia ontopsicológica⁶ como busca pela compreensão da possibilidade de um resgate do fenômeno da fala autêntica. Nessa perspectiva, é possível pensar a lógica da autenticidade na Ontopsicologia? E por que é possível pensar a fala dentro da lógica da Ontopsicologia? Nesse contexto, para compreender o fenômeno da fala autêntica, implica também uma compreensão do próprio ser humano baseado em algumas premissas fundamentais em que a Ontopsicologia apresenta neste capítulo e distingue a visão de ser humano de qualquer outro conhecimento.

2.1 A fala, o diálogo, a realidade do inconsciente e a autenticidade segundo a abordagem Ontopsicológica

Por se tratar de um exercício de adentrar em conceitos e compreender o real significado por trás das palavras, a Ontopsicologia possui vocabulários precisos, que se definem a partir da visão experimental da formalização dessa ciência. Meneghetti, ao formalizar a metodologia ontopsicológica, desenvolve também o próprio *Dicionário de Ontopsicologia* (2021b) para fazer uma exposição mais direta das *epistemes-base* de seus significados.

Em Ontopsicologia, existe uma relação congrua e direta entre organísmico e reflexão consciente. Cabe esclarecer e enfatizar a definição de organísmico, segundo a lógica Ontopsicológica que faz uma distinção clara do termo, é o “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicobiológico e espiritual. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano”. (Meneghetti, 2021, p. 206). Não existe divisão entre corpo e alma. É como uma realidade hilemórfica, corpo e alma coincidem, matéria e forma se correspondem, ação e pensamento são iguais, o significado carrega o significante etc. Ou seja, essa lógica também se equivale para os vocábulos em Ontopsicologia, cada palavra escolhida pelo autor possui um significado exato e reversível: "aquele sinal porta o real e o

⁶ É importante salientar que o Acad. Prof. Antonio Meneghetti utiliza, em seus diversos escritos de Ontopsicologia, sem distinção, os termos "Psicoterapia Ontopsicológica", "Psicoterapia ou Consultoria de Autenticação" e "Ontoterapia".

real porta aquele sinal". (Meneghetti, 2021b, p. 22). Para o autor, "isso é possível porque a Ontopsicologia centrou a *ordem de sentido que formaliza os códigos de interação existencial. A ciência é tal se a palavra veicula quântico formalizado de ação*. (Meneghetti., 2021b, p. 19). Para chegar a essa compreensão, Meneghetti (2021b, p. 19) formaliza mais de cem palavras epistemológicas⁷ de psicologia, recuperando ou reorganizando o quântico de sentido e de ação dentro daquilo que contém a palavra. Para isso, Meneghetti propõe dois critérios: "1) *O étimo linguístico de uma raiz comum a duas línguas-mãe da língua italiana*" e "2) *A experiência mediânica entre ôntico existencial e consciência verbal*". (Meneghetti., 2021b, p. 19-20), onde cada palavra que define possui a raiz, o sinal linguístico da língua italiana (grego e romana), e a palavra e seu significado coincidem.

Portanto, Meneghetti (2021b) sente a necessidade de resgatar os conceitos originários, devido a complexidade dos termos, pois atualmente, para além do senso comum, existe uma visão que se apropria dos conceitos segundo a lente de cada área de interesse, sem contar que "muitos termos são placas de trânsito que não homologam aquilo que indicam". (Meneghetti, 2021b, p. 15). Quantas palavras são utilizadas para designar um dizer, mas que não faz realidade e não corresponde com o que é dito? Portanto, no contexto da fala, só pode ser fala autêntica se houver a presença real e semântica do sujeito que verbaliza algo sobre si próprio em novidade. Dessa forma, por ter sido forjado o sinal das palavras sobre a emoção ôntica da língua, Meneghetti (2021b), considera necessário quase que refundar o significado sobre o étimo linguístico, ou seja, autenticar o sinal que carrega cada termo. (p. 20). Existem expressões que possuem um senso comum, outras possuem uma leitura segundo aquela área de conhecimento, e a Ontopsicologia resgata os conceitos, fundando um significado mais preciso para o quer fazer compreender.

Antes de entrarmos na apresentação da Ontopsicologia, seu método e suas descobertas, existe uma premissa de compreensão conceitual sobre os conceitos de base anteriormente citados: a fala, o diálogo, a realidade do inconsciente e a autenticidade.

A **fala** (verbal e não verbal) em Ontopsicologia é a manifestação concreta do ser humano. É pela fala que se revela o todo de sua expressão-comunicação. Em âmbito do modelo psicoterapêutico ontopsicológico, por exemplo, é por meio do diálogo que se faz a análise com base nos 6 instrumentos diagnósticos: o que diz, sua história, o que pensa e

⁷ Os termos que não estão no Dicionário de Ontopsicologia são suficientemente explicados em qualquer outro dicionário etimológico corrente de sociologia, psicologia e filosofia.

acredita sobre si (anamnese linguística e biografia histórica); a demanda que traz ou não traz (sintoma ou problema); a linguagem não verbal, as expressões faciais, a linguagem corporal, o modo como movimenta a cabeça, as mãos, os pés e como usa o espaço e movimenta em determinada direção (fisiognômico-cinésico-proxêmica); o que comunica inconscientemente para além do verbalizado, como por exemplo, quando escapa um ato falho⁸ (campo semântico); o que descreve sobre as imagens oníricas (sonho); ou até mesmo dizer o que tem como efeito em sua vida enquanto globalidade existencial e integral⁹ (resultado). O ato de tentar verbalizar sobre si mesmo é um exercício para buscar a própria identidade e ampliar sua personalidade, pois diante da metódica Ontopsicológica, o Eu do cliente se amplia quando se reconhece. "O Eu enquanto fala se identifica" (Meneghetti, 2016, p. 263). Ou seja, todas as seis linguagens diagnósticas em Ontopsicologia são falas que carregam a história, a realidade e o projeto de natureza do cliente.

Nesse falar, acontece o **diálogo** que se dá na relação entre psicoterapeuta e cliente. "Diálogo", do latim, *dialōgus*, e a raiz grega διάλογος. É normal no senso comum associarmos o diálogo a uma conversa entre duas ou mais pessoas. No entanto, segundo Veschi (2019), em sua etimologia encontra-se um *objetivo*, pois para os gregos da antiguidade este vocábulo se referia *ao processo de conhecimento através da palavra*. O instrumento da Psicoterapia Ontopsicológica é o diálogo, que se articula sobre efeitos subjetivos e objetivos do cliente. Porém, não é qualquer diálogo, e aqui entra uma distinção da Ontopsicologia diante das outras abordagens terapêuticas: "um psicoterapeuta jamais fala por lógica mental. As suas palavras são como *iceberg*: movem-se pequenas fora, mas com o próprio campo semântico alcança dinamicamente tudo" (Meneghetti., 2022, p. 308).

O psicoterapeuta, portanto, faz o uso das palavras para *entrar* e *articular* as manifestações conscientes e inconscientes da pessoa, cujo objetivo é *centrar a dinâmica*. Dinâmica, segundo a Ontopsicologia, do grego δυναμις, significa a "força, capacidade de poder, capacidade de efetuar" (Meneghetti, 2021b, p. 88). O que significa *centrar a*

⁸ Ato falho, descoberto por Freud, é um equívoco na fala provocada pelo inconsciente, isto é, através do ato falho o desejo do inconsciente é realizado. Quis dizer uma coisa, mas escapou outra, ali está uma informação precisa do inconsciente. Isso explica o fato de que nenhum gesto, pensamento ou palavra acontece acidentalmente.

⁹ "'Integral' significa que o indivíduo deve estar satisfeito e realizado em toda a escala dos valores humanos: saúde, amor, sexo, emoções, relações com os outros, dignidade, autonomia, personalidade, inteligência, capacidade volitiva, realização dos resultados que o aumentam e também das necessidades últimas, como a inteligência, um certo tipo de valores metafísicos, portanto compreender esta vida no seu ato completo de vida e morte" (Meneghetti, 2019a, p. 45).

dinâmica? Significa que na relação psicoterapeuta-cliente, o psicoterapeuta faz uso do diálogo para entrar em *dialética* com o cliente, para que ele mesmo possa se conduzir a partir do ponto central de compreensão e tomada de consciência daquele momento. "Dialética" possui a mesma raiz de "diálogo", porém, dialética se refere a uma ética¹⁰ que necessita de um posicionamento ético para com o outro.

Fazer dialética com o cliente significa que o psicoterapeuta age de um determinado modo, se valendo do uso de toda a linguagem, vocabulário e cultura específica daquele cliente para que ele próprio possa entender o que precisa fazer para mudar. A fala é um recurso que não é conduzido por uma lógica mental, mas pelo campo semântico que se chega ao ponto. A cada cliente, o psicoterapeuta precisa encontrar essa forma de fazê-lo encontrar o ponto de passagem.

Por isso que muitas vezes o cliente nem se quer lembra do que foi dito pelas palavras – não é tão importante lembrar do verbalizado, pois aqui inclusive o cliente pode distorcer a informação –, o importante é que o cliente possa se valer desse centro dinâmico que deu a evidência de quem ele é naquele momento. Essa evidência não apenas demonstra a capacidade de agir (dinâmica) do cliente, mas também o responsabiliza e o encoraja (tomada de consciência). Uma vez que viu, é claro e evidente. Eis a importância da Ontopsicologia também como meio de responsabilização do indivíduo. Nesse momento de clareza, o cliente tem consciência da realidade conforme ela é, e posteriormente, ele carrega consigo a sensação ou experiência desse impacto diretivo: tudo está claro para fazer e mudar.

Nesse processo dado pelo diálogo existe a **realidade do inconsciente**, que é algo incalculável pelo cliente, pelo simples fato de não ter ideia ou consciência da existência de algo que age de forma autônoma sem ele mesmo saber. Contudo, é importante ressaltar que em Ontopsicologia, "o inconsciente não é tenebrosidade de monstro ou caos, mas ordem perfeita da vida no ser humano" (Meneghetti, 2021b, p. 144). Em psicoterapia, diante da escolha voluntária do cliente em se rever, é necessário entrar nessa realidade que é a maior parte de ignorância acerca de si mesmo, não entrar é fazer um mero teatro que contempla todas as formas de falas inautênticas – falas secundárias, falas sobre falas, palavreado etc. – conforme abordadas no capítulo anterior. Afinal, é no inconsciente que está todo o quântico de vida e de inteligência do indivíduo, e que se tomado consciência, se resgata a capacidade

¹⁰ Ética é um "conjunto de regras de conduta de um indivíduo ou de um grupo" (Priberam, 2024).

e potencial do ser humano. Meneghetti (2021b) ainda elucida que o inconsciente é a via de saída para retomada da vida do indivíduo:

O inconsciente é intuição, percepção extrassensorial, espiritualidade, lógica intelectiva; é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que age, de qualquer modo, para além da lógica da consciência. *A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem.* (Meneghetti, 2021b, pp. 143-144).

Assim, para alcançar esse critério de realidade – tornar consciente o que está inconsciente –, é necessário passar pelo processo da psicoterapia de autenticação, uma análise que permite ao cliente verificar se ele se conhece por quanto é. O conceito de **autenticidade** em Ontopsicologia se distingue da abordagem de Rogers por possuir um critério de realidade que valide essa autenticação. Esse critério é definido como Em Si ôntico, que será apresentado a seguir. Por enquanto basta saber que para Meneghetti, "Autenticação", do grego, *αὐτὸς ἐν τῇ αὐτῇ ᾧ*, significa "eu me ponho igual à ação que sou" (Meneghetti, 2021b, p. 26). Dessa maneira, Meneghetti (2023a) definiu "autenticação" como o processo de revisão e correção da precisão do instrumento mental (p. 59).

Quando se trata em autenticar esse instrumento mental, significa revisar se a consciência do indivíduo lê a realidade por como ela é. Por exemplo, um processo de autenticação de um documento em cartório, significa confirmar a autenticidade e veracidade do mesmo por meio de um ato formal realizado por um tabelião ou outro oficial autorizado. Isso envolve verificar, revisar, comparar e certificar se o documento original é idêntico, adicionando uma marca ou selo oficial para indicar que o documento é autêntico. Essa autenticação confere ao documento uma validade legal e pode ser necessária para diversos fins, como transações legais, contratos, processos judiciais, entre outros.

Para o indivíduo, esse conceito em psicoterapia pode ter uma semelhança a este exemplo, porém, por se tratar de seres humanos, implica um processo contínuo que se vale de um método e de instrumentos de diagnóstico e de intervenção da Ontopsicologia que vão além da observação visual. A psicoterapia ontopsicológica de autenticação serve como um apoio técnico para ajudar o cliente a distinguir aquilo que é seu – que é seu autenticamente –, daquilo que não é seu ou não é autêntico. Esse processo de autenticação, exige duas perspectivas, sem as quais não é possível a precisão da autenticidade em âmbito ontopsicológico. Como premissa, a primeira perspectiva está *na autenticidade do*

psicoterapeuta, sem o qual não é garantida a exatidão da aplicação do método. A segunda perspectiva está no escopo ou finalidade do processo psicoterapêutico, que é a *autenticidade do cliente*. Portanto, esse processo final que implica tornar a pessoa autêntica, significa posicioná-la novamente ao ponto de sua originalidade, correspondendo por como se é segundo o projeto de natureza, não por como pensa ou acredita ser.

Então, o resgate da fala autêntica é uma busca para restituir a expressão original por como o ser humano é predisposto pela vida, e, por consequência, comunica e se expressa de forma autêntica. Se em Ontopsicologia compreendemos essa reversibilidade entre organísmico e reflexão consciente, significa que o "falar" e "autêntico", de fato, corresponde a uma relação direta e cônica entre sua identidade com o seu pensar, agir e falar daquele momento. Mas o que distingue a *psicoterapia tradicional (rogeriana, por exemplo)* da *psicoterapia ontopsicológica* nesse processo de autenticação do sujeito?

Meneghetti (2023a) menciona que o ser humano segundo a norma de saúde já é um ponto de chegada em âmbito da psicologia comum, mas que o escopo do processo da psicoterapia de autenticação em Ontopsicologia é a criatividade. É normal que no desenvolvimento da personalidade do indivíduo aconteça um processo de massificação ou doutrinação com base na cultura¹¹ local de onde nasce e cresce esse indivíduo. É "normal", porque é estabelecido uma *norma* ou *regra* (externa), mas *não é natural* (interna). Nesse processo, se é forçado a utilizar tal potencial diante da moldura que os comportamentos de referência externa implicam no sujeito, segundo os valores acreditados por essas referências, no interior da primeira fundamental relação indivíduo-família (indivíduo-escola, indivíduo-sociedade etc), que estabelece um tipo de comportamento fixo no sujeito. Isso quer dizer que se nasce com um determinado temperamento (características inatas, potencial natural e forma de agir), mas o caráter é moldado de forma a não favorecer aquilo que é natural ao sujeito, impedindo nascer o modo criativo de ser. Isso acontece pelo simples fato: o indivíduo escolhe com base nas referências de valor ensinados¹² segundo a perspectiva do seu adulto-mãe¹³. É

¹¹ "Cultura", entende-se como "ato e modo de cultivar, de cuidar" (Priberam, 2024). Que tem a mesma raiz da palavra "incutir", que quer dizer "meter 'por força em', infundir no ânimo de outrem, sugerir, insinuar" (Priberam, 2024).

¹² "Ensinar" significa "fazer sinais, cifras, rastros, modelos, caracteres, comportamentos, atitudes." (Meneghetti, 2020, p. 16).

¹³ Segundo a Ontopsicologia, o adulto-mãe se refere ao "adulto de máxima referência afetiva e segurança ao pequeno; essa figura – que não necessariamente coincide com a mão biológica – constitui a 'matriz' de personalidade" (Meneghetti, 2015c. p. 44, Nota de rodapé 6).

uma escolha que é feita quando criança, mas que o leva a continuar escolhendo com base nesse *script* impresso na primeira infância o coagindo a repetir depois na fase adulta.

Essa "referência", Meneghetti (2023a), entende como aquele grupo de indivíduos que forma a roda habitual de alguém, que age e influencia, consciente e inconscientemente, os comportamentos e nossos modos de pensar, que são nossos modelos e estereótipos. Contudo, esses estereótipos são modelos de ação que nos conduzem à repetição, não favorecendo a criatividade no humano em seu mover-se existencial.

A criatividade é algo inato, natural e próprio do ser humano, porém a consciência lê segundo o filtro distorcido de seu real. Segundo Meneghetti (2021), criar (ou criatividade) significa "produzir algo do nada de si mesmo [...]. Precisar novidades de efeitos que introduzem em novidade de causas". (Meneghetti, 2021, p. 76). Em um primeiro aspecto, essa novidade de efeitos é uma projeção direta do critério de natureza inerente em cada indivíduo. Meneghetti (2023a) denomina de *organísmico* a situação existencial individual, e que está em constante movimento, sempre em uma manifestação ativa de pretensão, embora a consciência não seja capaz de ler esse processo. Ainda, Meneghetti argumenta que é comum culparmos a natureza ou as leis químicas e biológicas do organismo pelos danos físicos, mas ressalta que a origem desses danos da primeira sabotagem reside na *consciência*. Meneghetti sugere que os problemas somáticos resultam não das necessidades intrínsecas do organismo, mas dos erros de comportamento mental em relação a ele próprio (p. 22).

Assim, para chegar à autenticidade do sujeito é necessário retomar a escola do próprio corpo por meio do *critério organísmico*, onde suas funções químico-físico-biológicas correspondem ao instinto de vida. Cabe salientar então que a Ontopsicologia é a ciência que descobriu a lógica e funcionamento da vida humana segundo o seu projeto de natureza. Se a Ontopsicologia descobriu a lógica da vida de como o Ser se escreve em cada um, significa que essa é uma técnica que traduz e transcreve por como cada ser humano fala e se manifesta.

2.2 A Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar

Diante das diversas teorias e práticas do saber humano, encontramos um conhecimento científico que aborda essa dimensão humana de modo integral, a fim de orientar o sujeito a tornar-se pessoa íntegra em função social: a Ontopsicologia. Cujo nome

nasceu antes mesmo de sua prática clínica, no entanto, faltava o cientista capaz de formalizar, construir e indicar com clareza esse novo caminho. O nome "Ontopsicologia" nasceu em 1956, na capital da França, em Paris, na reunião com os grandes psicólogos da época, "entre os quais Carl R. Rogers, Rollo May, Abraham Maslow, Anthony Sutich [...]. Eram psicólogos da chamada 'terceira força' ou 'Psicologia existencial humanista'" (Meneghetti, 2022, p. 104), que trouxeram uma nova visão frente à necessidade de “uma abordagem que colocasse junto a ontologia e a psicologia, o sentido da realidade da vida e o modo de conhecer da consciência humana” (Meneghetti, 2022, p. 105).

O nome "Ontopsicologia" pode ser encontrado no livro de Maslow, que foi documentado e publicado 6 anos depois dessa ocasião, no ano de 1962, em sua primeira edição, intitulada *Introdução à Psicologia do Ser* (Maslow, 1962):

É possível que o existencialismo não só enriqueça a Psicologia, mas constitua também um impulso adicional no sentido do estabelecimento de outro ramo da Psicologia: a Psicologia do Eu autêntico e plenamente desenvolvido, e de seus modos de ser. Sutich sugeriu que se desse a isso o nome de Ontopsicologia. (Maslow, 1962, p. 43).

Ainda, conforme Wazlawick (2015), a Ontopsicologia é uma ciência interdisciplinar, epistêmica e autônoma. Uma ciência que traz em seus fundamentos uma novidade para além do que é a Psicologia corrente e tradicional. Para Wazlawick (2015) a:

Ontopsicologia está diretamente relacionada ao Eu autêntico e plenamente desenvolvido, em todos os seus modos de ser, todavia, por mais que conste o termo psicologia em seu nome, Ontopsicologia não é Psicologia – é importante lembrarmos que palavras similares não são necessariamente, nem significam a mesma coisa (Wazlawick, 2015, p. 104).

A partir da década de 1970, o Acad. Prof. Antonio Meneghetti (1936, Itália – 2013, Brasil)¹⁴ formaliza a Ontopsicologia como ciência, sendo a última nascida das ciências

¹⁴ Antonio Meneghetti alcançou quatro doutorados, segundo os critérios canônicos das Universidades Romanas, foi Doutor em Filosofia e em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, Roma) e Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma). Na Rússia, obteve, em 27 de abril de 1998, da Suprema Comissão de Avaliação Interacadêmica da Federação Russa, o título de Grand Doktor Nauk em Psicologia (protocolo 0104). Obteve também a láurea em Filosofia com endereço psicológico (Universidade Católica do Sagrado Coração, Milão) e recebeu a láurea *honoris causa* em Física pela descoberta do “campo semântico” (Universidade Pro Deo, Nova York). Original intelectual do nosso tempo, é autor de

contemporâneas que nos apresenta uma nova proposta que resgata a lógica do *mundo da vida*. Essa ciência oferece uma visão concreta de como a vida funciona e se apresenta em cada indivíduo, uma nova chave de leitura baseada em um método que restitui o ser humano à própria humanidade, por ter descoberto a base elementar da gramática da vida, de como a vida escreve, fala e se comunica em nós.

O termo Ontopsicologia, composto por três radicais, leva em consideração, fundamentalmente, o estudo e análise da atividade psíquica em conexão com o problema ontológico: Quem sou eu? De onde venho? Por que estou aqui? Para onde vou? Por isso, recorreu-se ao radical "Onto", do grego *ov, ovtoç, (on, ontos)* para designar o *ser sendo*, "genitivo do particípio presente do verbo ser". (Meneghetti, 2021b, p. 201). O termo *psico*, entendido como alma, espírito, mente; e *logos*, como estudo ou reflexão. Portanto, a Ontopsicologia é "*o estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser; estudar psicologia segundo as coordenadas do real ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser.*" (Meneghetti, 2021b, p. 201).

Nas palavras de Meneghetti, em uma conferência realizada no ano de 2008, mesmo ano que inaugurou no Brasil a "Antonio Meneghetti Faculdade" (AMF), se diz que:

Onto: como as coisas são. Psico: como você pensa as coisas, é igual? (...).
Ontopsicologia: é uma ciência que sabe indicar como as coisas são, como você as pensa, ou como os outros as pensam, e, então, as consequências. É um saber. Não é uma verdade. É uma técnica para saber com transparência (Meneghetti, 2008, *tradução nossa, transcrição de áudio*).

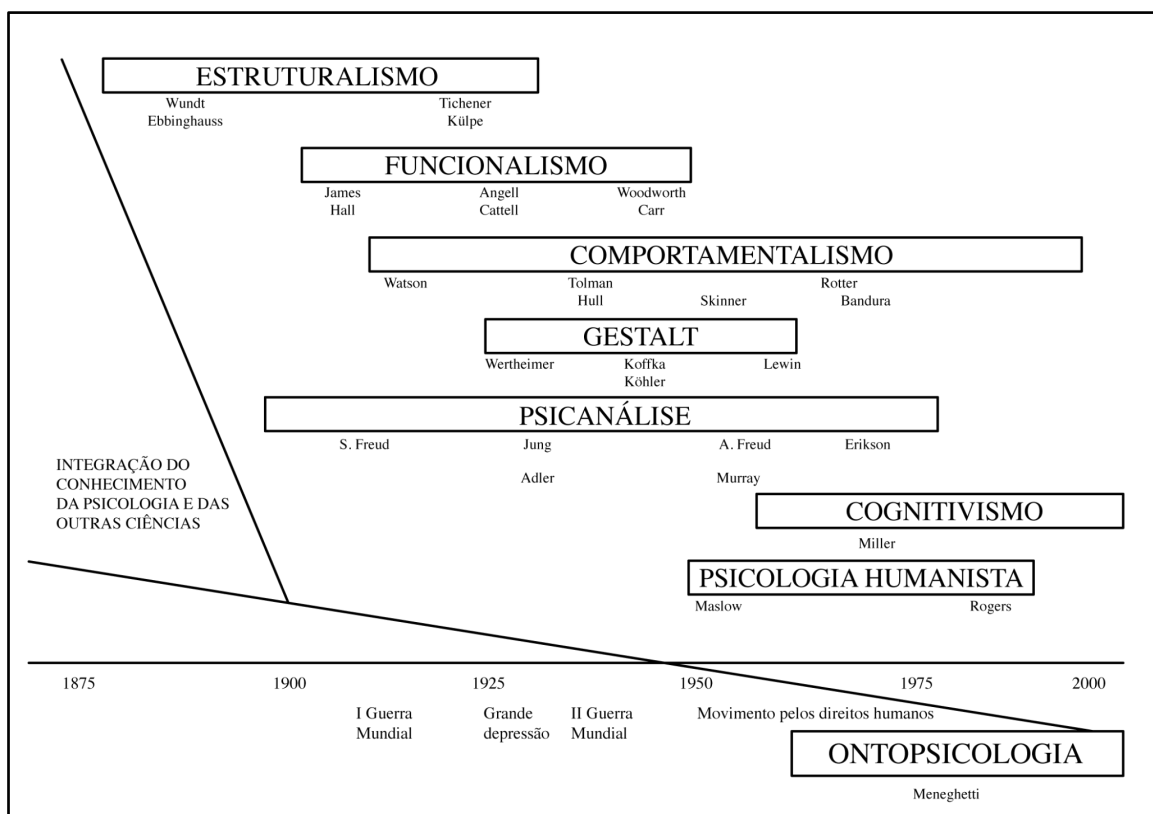
A prática da Ontopsicologia nasceu da crise de todas as ciências, emerge sob influência da cultura filosófica ontológica, principalmente da Fenomenologia de Edmund

mais de 50 obras, em grande parte traduzidas para o inglês, português, russo e chinês. Com excepcional formação em teologia, filosofia, sociologia, direito, psicologia e economia, foi talvez uma das últimas grandes mentes da história recente, como os grandes do passado, com capacidade de formalizar um saber unitário por evidência racional e aplicação concreta. Para ele, a Ontopsicologia, ciência que formalizou nos últimos 40 anos de vida, é a capacidade de evidenciar-se no nexos ontológico. Será necessário algum tempo para se compreender a causalidade operativa das suas descobertas. Descobertas que consentirão familiaridade com o mundo-da-vida ou a continuidade reversível entre consciência e causalidade real. No Brasil, foi patrono da Antonio Meneghetti Faculdade, instituição de ensino superior credenciada pelo Ministério da Educação em 2007, e da Fundação Antonio Meneghetti, instituição criada em 2010 que, com o respaldo do governo brasileiro, visa garantir e perpetuar a obra e os resultados da ciência ontopsicológica no território nacional. Em 2018, a Fundação Antonio Meneghetti se tornou ONG com *status* consultivo especial junto ao Conselho Econômico e Social (ECOSOC) das Nações Unidas. Para mais informações: www.antoniomeneghetti.org.br

Husserl (1859 – 1938) e das perspectivas da Psicoterapia humanista (1950). A Ontopsicologia deu um passo fundamental de compreensão do funcionamento humano, a fim de promover a saúde e desenvolvê-lo em criatividade evolutiva, respondendo cientificamente a pergunta: o que é o homem?

Nesse percurso se revelaram as novidades científicas, as três descobertas da Ontopsicologia: o sampo semântico, Em Si ôntico e o monitor de deflexão. Esses elementos da Ontopsicologia dão uma condição a mais, que permite fortalecer a posição da Ontopsicologia no processo de integração das ciências psicológicas (Meneghetti, 2022, Figura 1):

Figura 1: A integração das ciências psicológicas.



O gráfico é de autoria de Krylov (Meneghetti, 2022, p. 111).

De 1971 a 1981, durante 10 anos, Meneghetti interessou-se à prática clínica, atendendo clientes dos mais diversos diagnósticos, de estados de insatisfação e crises existenciais à psicopatologias mais severas. Meneghetti exercitou e praticou tudo o que havia aprendido em sua formação, não buscava comprovar nenhuma teoria, mas "buscava compreender o homem, o princípio da sua vida, o porquê do seu sofrimento e a estrada da sua realização" (Petry, 2017, p. 9).

Ainda, Meneghetti experimentou na clínica todas as propostas e modelos desenvolvidos até então por S. Freud (1856-1939), A. Adler (1870-1937), C. Rogers (1902-1987), A. Maslow (1908-1970), K. Jaspers (1883-1969), L. Binswanger (1881-1966), alguns dos quais os conheceu pessoalmente e também visitou seus respectivos e avançados centros do conhecimento humano. Então, a partir dessa intensa atividade teórica e clínica, conseguiu compreender, tocar e descrever essa dimensão que cada um possui no seu modo ínsito de agir e se manifestar, cada ser humano é um projeto perfeito da vida. Meneghetti também compreendeu o porquê do sofrimento do homem, devido a uma distorção, uma sobreposição de diversas informações, fazendo-o ter consciência não coincidente com a própria realidade, não conectada com o mundo da vida. E nessa distorção, observou que o resultado causava uma divisão entre ser (o que se é) e consciência (o que pensa ou acredita ser): "o homem tem tantas certezas racionais em seus processos lógicos, segue tantos modelos apreendidos fora de si, mas dentro de si acusa o vazio, a dúvida acerca do seu valor e do seu lugar no mundo" (Petry, 2017, p. 9).

Ao evidenciar as chamadas “três descobertas”, Meneghetti, contemporaneamente foi construindo as bases teóricas e metodológicas da estrutura científica da Ontopsicologia; compreendendo, aplicando e formulando na medida em que ia experimentando o método com diferentes pessoas, das mais diversas tipologias, raças e culturas, em diferentes partes do mundo: queria comprovar cientificamente – sendo repetível e reproduzível à qualquer operador exato e capaz –, Meneghetti afirma que a eficiência do método na Psicoterapia Ontopsicológica era evidenciada pelos resultados bem-sucedidos demonstrados.

Portanto, eu por 10 anos trabalhei 12 horas todo dia, em várias cidades, com pacientes de todas as partes do mundo, da China à Arábia, do Líbano à África, da Suíça à Alemanha, da Inglaterra a outros países, e curava. No final, descobri que não é difícil curar: muito difícil é fazer mudar caráter, consciência à pessoa, mas curá-la é fácil (Meneghetti, 2020a, p. 45).

No desenvolvimento desse trabalho, Meneghetti percebia que existia a possibilidade da cura, pois em suas descobertas percebia que "a vida é feita sobre um protótipo excelente, imaculado, porém o ser humano tem uma consciência que decide diversamente". (Meneghetti, 2020a, p. 83). No entanto, o desafio estava justamente nesse ponto: tocar o princípio da vida em cada pessoa, partindo desta visão em que cada um é responsável pela sua mudança. Em Ontopsicologia, antes de tudo, há uma visão muito clara do ser humano:

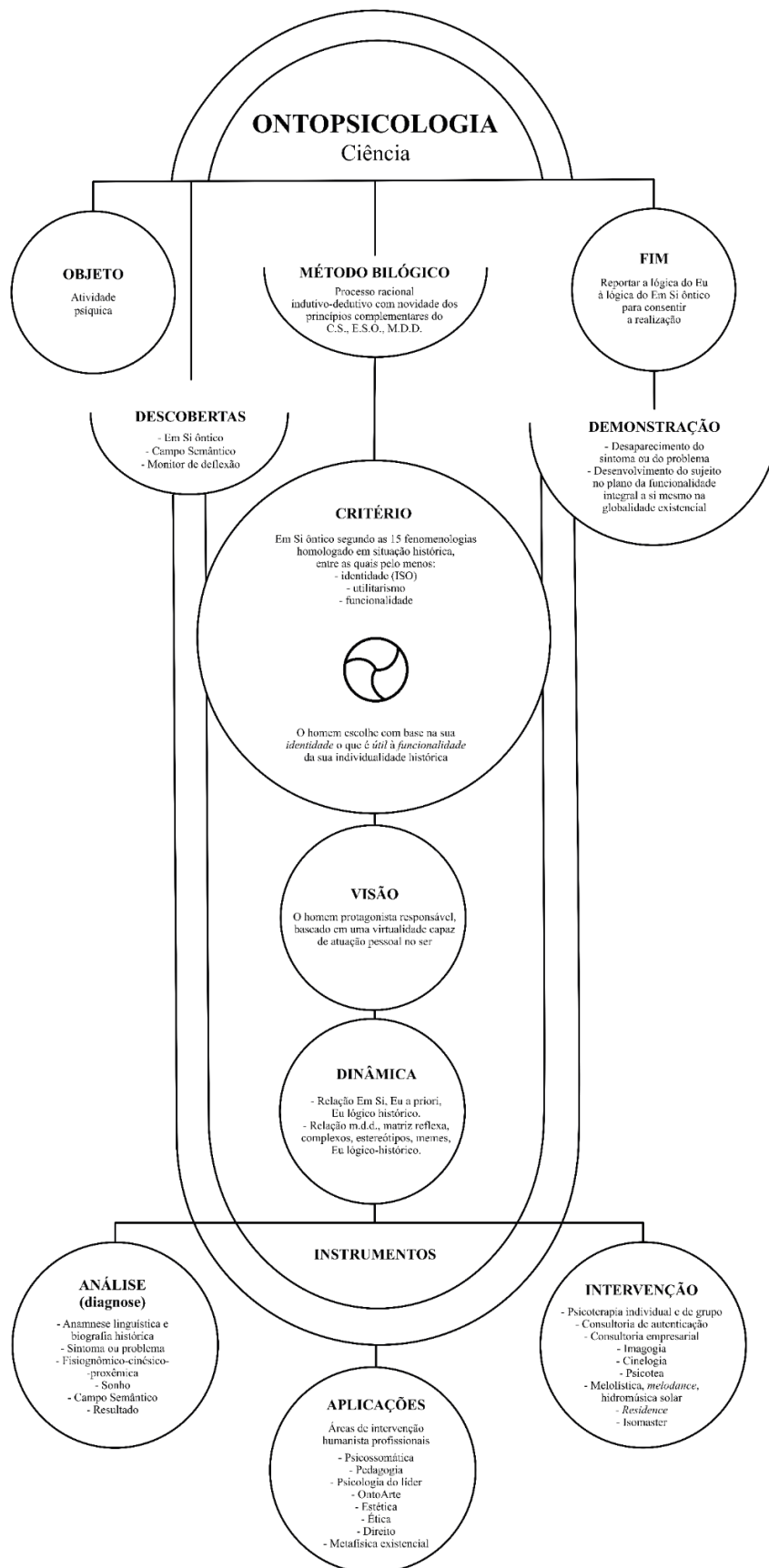
"o homem, protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser" (Meneghetti, 2022, p. 141). Se o cliente queria, permitia e tinha vontade de mudar, o caminho era então de fato possível.

Desse modo, Meneghetti (2020a) formalizou o seu método e toda a prática dos resultados desses anos no livro *Ontopsicologia Clínica*¹⁵, que traz a sua elementar *cirurgia*, relatando diversos casos em psicoterapia clínica na compreensão da Ontopsicologia¹⁶. Experimentando profundamente na clínica o que havia descoberto: "'Encontrei a estrada' – a estrada da vida, a estrada da natureza, a estrada dos projetos tanto na patologia quanto na vitalidade." (Meneghetti, 2020a, p. 51). Para termos uma breve visão da projeção ideográfica da Teoria Ontopsicológica, Meneghetti desenhou também a ideografia da Ontopsicologia, retratada no gráfico da figura 2 a seguir:

¹⁵ Tratado de psicoterapia segundo uma nova abordagem científica que vai além dos significados da mais recente investigação psiquiátrica, psicológica e filosófica. Meneghetti, A. (2015d). *Ontopsicologia Clínica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

¹⁶ A síntese do método da Ontopsicologia está no *Manual de Ontopsicologia*. Meneghetti, A. (2022). *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Figura 2: A ideografia da Ontopsicologia



(Meneghetti, 2022, p. 139-156)

Nesse gráfico é possível visualizar o organograma funcional. Cada uma de suas partes permite uma compreensão sintética do inteiro da Ontopsicologia, embora não profundamente – por também não se tratar do objetivo da pesquisa –, nos apresenta um entendimento mínimo de suas relações no contexto científico. A Ontopsicologia possui uma estrutura científica, como objeto, método, fim, descobertas, demonstração, visão, dinâmica, possuindo instrumentos próprios, análise (ou diagnose) e intervenção e aplicações. Todos claros e definidos, que lhe dão a dimensão completa e precisa de toda a sua dinâmica.

Meneghetti (2023) argumenta que a Ontopsicologia é uma ciência que fundamenta a diversidade das outras ciências baseadas em inovações prioritárias e exclusivas. Ele destaca que a Ontopsicologia descobriu três realidades fundamentais para compreender a existência humana, sobre as quais toda a teoria e prática (p. 83). As três descobertas científicas da Ontopsicologia são: 1) Primeira descoberta: campo semântico (transferência de informação); 2) Segunda descoberta: Em Si ôntico (essência virtual e formal); 3) Terceira descoberta: monitor de deflexão (distorção).

2.3 O campo semântico

A primeira descoberta da Ontopsicologia foi o campo semântico, que dá base para as descobertas do Em Si ôntico – descoberta mais importante –, e, posteriormente, do monitor de deflexão. O campo semântico é a linguagem universal que dará o fundamento técnico de como se manifesta o revelar da fala autêntica no diálogo segundo a perspectiva desta pesquisa. Meneghetti define conceitualmente o que é o campo semântico: "é a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações. Transdução de forma ou informação sem deslocamento de energia" (Meneghetti, 2021b, p. 45). Campo semântico nada mais é do que uma informação que se transmite de um sujeito para o outro, mas sem deslocar energia. É uma informação-base que acontece antes de todas as nossas emoções, nossos sentidos e nossa consciência: "é o telefone por meio do qual a natureza e o homem falam" (Meneghetti, 2023a, p. 105).

Segundo Meneghetti (2023a), vivemos em um universo onde cada coisa existente tem a sua correspondência com a outra. E nessa correspondência em cada um de nós já existe um feixe de informações organizado. "Informação", do latim, *in actio formo, signo* = "a forma que está dentro da ação" (Meneghetti, 2021b, pp. 105-106). Portanto, vivemos em uma

atmosfera informacional onde a via de comunicação e transporte da informação se dá por campo semântico. O que nos move e move o mundo são informações, pois nós existimos enquanto somos organizados por uma forma que determina a nossa ação. Essa forma modela a energia segundo um efeito específico permanecendo sempre invisível por ser inconsciente, acontecendo independente da nossa consciência ou vontade, pois é a natureza que formula e documenta essa recíproca relação.

Como Meneghetti chegou nessa compreensão e evidenciou essa descoberta? Durante a prática clínica, Meneghetti percebia em um primeiro momento o falar cindido dos sujeitos, frequentemente notava que os clientes falavam e apareciam de um modo, mas existiam de um outro. Com toda a sua bagagem para auxiliar os clientes e dar consciência ao comportamento dividido, permanecia o sintoma e não desaparecia, porém, em uma determinada ocasião, enquanto um cliente falava, Meneghetti percebeu uma frequente distração e imagens em sua consciência que eram associadas a essas aparentes distrações iniciais.

De acordo com Meneghetti (2015a), ele descreve uma sensação em que sua distração parecia se mover de forma livre e autônoma, afastando-o do foco em que ele racionalmente buscava se concentrar. Apesar de sua formação, vasta cultura e esforço logístico para interpretar diversas tipologias que o cliente ou ele mesmo pudesse indicar, visando uma leitura mais precisa do momento e estando sempre aberto a qualquer variação, ele frequentemente se deparava com a persistência dessa distração (p. 16). Meneghetti então, diante do desafio de compreender essa distração, colocou a hipótese se aquilo que ele entendia como desconcentração, associação livre com imagens ou fantasia, seria a probabilidade de uma clarividência. Assim, Meneghetti iniciou um percurso sério para compreender cientificamente se aquilo que o seu esforço logístico tendia excluir, existia uma realidade sobre o mover-se de seus clientes. Vidor (2013) ainda relata essa experiência de Meneghetti enquanto ouvia o que o cliente falava:

A cada nova pessoa que atendia, seu organismo registrava variações de novidades diversificadas. Intuitivamente, percebeu que o cliente transferia informações sutis e fugazes com a sua presença. As informações eram similares a um vento que passa e provoca o aparecimento de algumas imagens ou ideias como vestígio, mas que se dissolvia imediatamente. Verificando tal fenômeno experimental, percebeu que a

vida de uma pessoa transaciona informações à outra e que isso acontece de íntimo a íntimo (Vidor, 2013, p. 51).

Ao começar a atribuir uma curiosidade e uma base de realidade a um mundo que anteriormente parecia absurdo e incontrolável, Meneghetti (2015a) descobriu que ao se colocar com forma séria, com concretude e presença de si mesmo, encontrava o cliente de maneira mais objetiva e o sintoma também desaparecia. Ao adotar esse posicionamento de seguir as indicações fantasiosas aparentemente fora de contexto, Meneghetti conseguia encontrar a realidade do outro e identificar onde o cliente verdadeiramente existia (pp. 16-17).

Conforme Accorsi (2019), Meneghetti encontrava a evidência na fala verbalizada pelo cliente, uma correspondência com a sua realidade interna, percebendo no próprio corpo sinais que davam um novo caminho de compreensão, experimentando essa percepção em diversos outros clientes como bússola de seu trabalho. Todavia, Meneghetti (2015a) cuidou para não definir essa realidade como dom paranormal, mas compreendeu e descreveu cientificamente que a realidade se manifestava por uma via semântica e inconsciente para além do verbalizado pelo cliente, ou seja, *"não se tratava de anular a razão, mas de investi-la em zonas consideradas irreais, não existentes"* (Meneghetti, 2016, p. 17). Pois *"se a religião foi feita para crer, a ciência foi feita para ser entendida"* (Meneghetti, 2023a, p. 133).

Toda e qualquer dinâmica de relação humana, possui a sua direção de movimento de intencionalidades operantes que se dá por campo semântico. É importante ressaltar que, em Ontopsicologia, o campo semântico não deve ser confundido com concepção da semântica em contexto linguístico ou semiótico, pois para a Ontopsicologia, Meneghetti descreve que:

É a informação base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes da consciência, em antecipação a qualquer símbolo. [...] "Campo" é um contexto hipotético, definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação (ou específica unidade de ação). É uma especificação da zona onde se dá uma interação entre duas ou mais pessoas. Ele varia ao variar da relação. [...] Semântico = sinal da ação naquele lugar; o signo enquanto se constitui. Significa: significância. Faz signo, específica ação e se presencia. A energia se move segundo uma direção exata: o escopo ao intrínseco objeto. Por semântico, entendemos a virtualidade, a

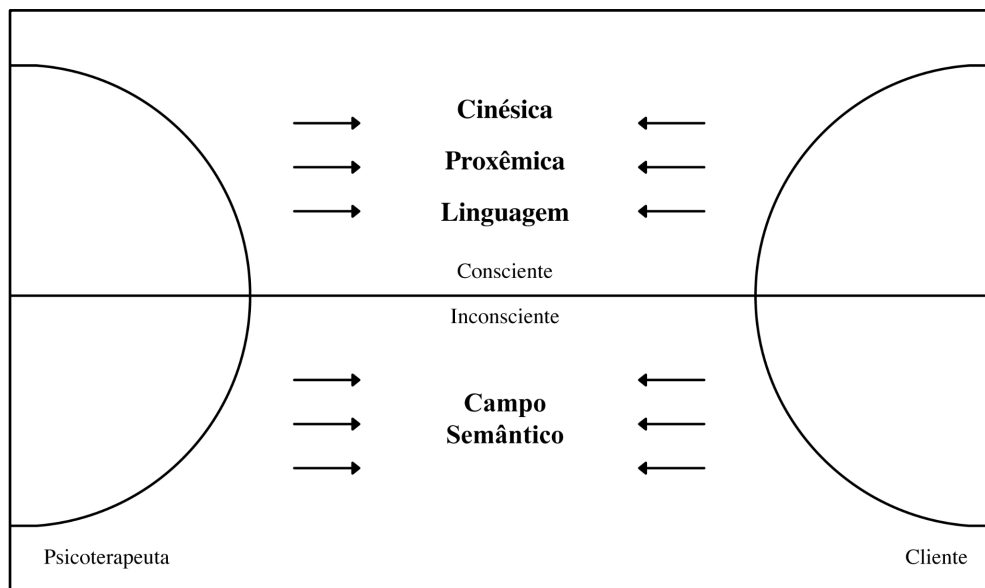
capacidade de pôr em ato efeitos segundo a informação exclusiva da intencionalidade vetorial, isto é, ato com efeito segundo o primeiro significante. (Meneghetti, 2021b, pp. 46-57).

Nesse movimento, trata-se de compreendermos uma informação importante para além da fala, mas a comunicação não-verbal do que acontece no subterrâneo dessa informação. Ainda, de acordo com Accorsi (2019), é uma variável da atividade psíquica, que se configura como um projeto momentâneo, transmitindo uma informação, um código, uma imagem, que ao chegar no receptor estrutura em emoção. Não se trata de uma transferência de energia, mas de uma informação. É o receptor que investe sua energia segundo a informação recebida, ele é um transdutor informático e, essa energia, se formaliza em imagens.

Isso quer dizer que quando falamos de campo semântico, devemos ao menos sempre levar em consideração: um agente informante e um agente receptor. Por exemplo, um controle que abre um portão eletrônico funciona enviando um sinal de rádio para o receptor instalado no portão. Quando o botão do controle remoto é pressionado, ele emite um sinal codificado que é captado pelo receptor no portão. Em resposta a esse sinal, o receptor ativa um mecanismo interno que aciona o motor do portão, fazendo com que ele se abra ou se feche conforme programado. Esse funcionamento ocorre em sistemas eletrônicos dos mais diversos, o mesmo princípio se equivale ao funcionamento da comunicação em qualquer ser vivo, pois na natureza, energia e forma nunca são cindidas, pois coexistem e não são separáveis, mesmo que racionalmente possamos pensá-las distintamente. Por exemplo, quando pensamos em alguém e segundos depois, essa pessoa faz uma chamada telefônica.

A energia se materializa através de imagens, tudo acontece por meio das imagens. Quando falamos "imagens" em Ontopsicologia, de acordo com Meneghetti (2022), esse conceito se diferencia das imagens de fantasias, referindo-se a estruturas que podem facilitar variáveis energéticas (p. 200). A imagem significa, segundo o mesmo autor, do latim, "*in me ago* = ajo em mim. Como a forma age em mim ou em outro" (Meneghetti, 2021b, p. 139). Sintetizando de uma forma visual através da figura 3 a seguir, pode ser compreendido em quatro comunicações:

Figura 3: Universo comunicativo do homem.



(Meneghetti, 2022, p. 200, *adaptação do autor*).

Assim, por exemplo, na relação psicoterapeuta-cliente, ambos interagem e possuem campos semânticos próprios. Dentre os diversos estudos sobre diálogo, as flechas no gráfico indicam essa interação. A Ontopsicologia entende além desse diálogo uma interação não verbalizada, se posiciona a interação energética que acontece no plano inconsciente.

A *comunicação cinésica*: Meneghetti (2022) a descreve como o movimento autônomo, específico e individual que um sujeito realiza enquanto está presente, mesmo que esteja falando ou não, incluindo gestos como tocar o nariz, cruzar as pernas ou mexer na cabeça. Ele a define como a fenomenologia do sujeito em ação, seu mover-se (p. 201).

A *comunicação proxêmica*: Meneghetti (2022) a define como a gestão do próprio corpo ao próximo, sendo os movimentos em "relação a", em direção a qualquer pessoa, ambiente ou contexto, o que implica como gerencia o espaço, as distâncias e os gestos, como o posicionamento das mãos etc. Ele destaca que um indivíduo possui diferentes tipos de movimentos dependendo da pessoa com quem está interagindo, seja um amigo, uma mulher, a mãe, entre outros (p. 201).

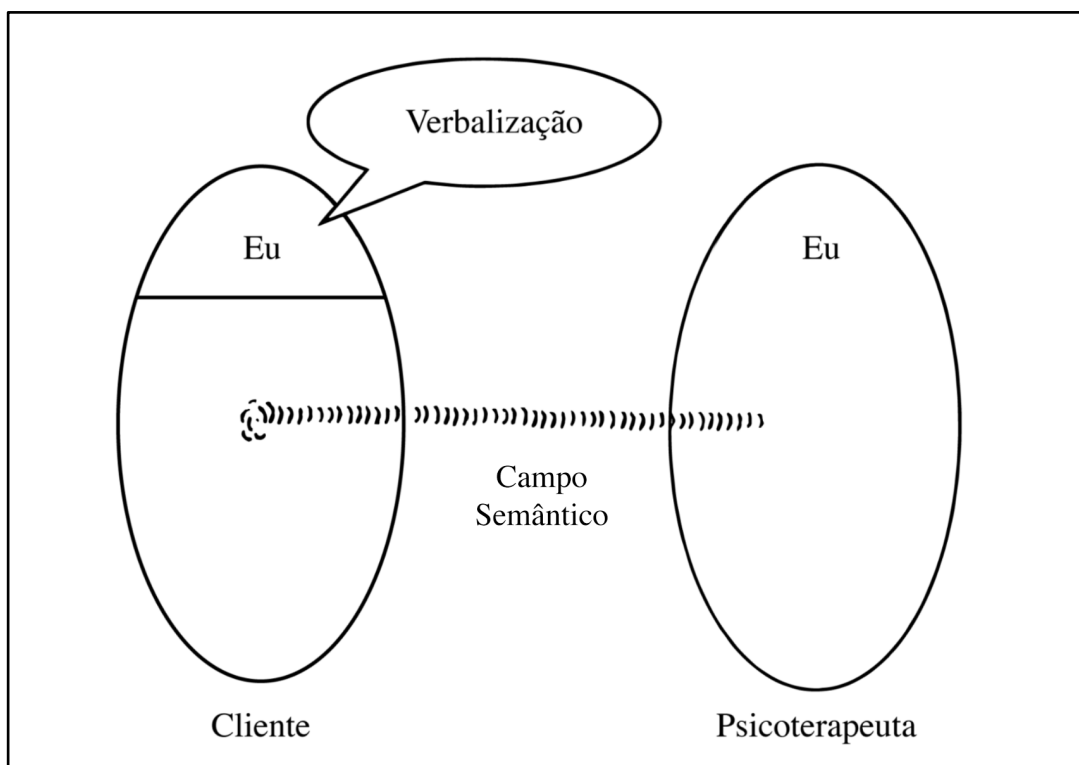
A *linguagem*: Meneghetti (2022) entende a linguagem como abrangendo todas as questões e conexões da linguística e seus códigos, incluindo o uso de elementos como o intercalar e os adjetivos por uma pessoa ao falar (p. 201).

Por fim, o *campo semântico* é a linguagem-base que ocorre na zona inconsciente, podendo determinar se positivo ou negativo dependendo dos efeitos que induz no receptor. Geralmente se fala em campo semântico negativo, pelo simples fato de ser mais simples de notar e examinar, pois ao usar a realidade da variação organísmica, enquanto psicoterapeuta, se percebe imediatamente a diversidade orgânica. Meneghetti destaca que o campo semântico é positivo se: "a informação tem *fim homogêneo* ao organísmico no receptor" (Meneghetti, 2022, p. 202), se sente uma informação unitária, percebe um redondo dentro, bem-estar, calor, ampliação das vísceras etc. "É negativo se a informação do campo semântico tem *fim heterogêneo* no organísmico do receptor" (Meneghetti, 2022, p. 202), ou seja, percebe-se no próprio orgânico um determinado estranhamento, frio, repulsa, mal-estar etc.

Por organísmico entende-se como o "conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação [...]. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano". (Meneghetti, 2021b, p. 206). Essa realidade organísmica carrega uma informação da vida, chamado Em Si ôntico: que, em parte é física, histórica, concreta (corpo) e em outra é metafísica (espiritual). No entanto, nós acontecemos no plano da existência, por isso, Meneghetti compreende que "Toda a existência é redutível ao corpo" (Meneghetti, 2019, p. 112). O corpo é o concreto manifesto no tempo e espaço, é onde se tem a possibilidade de perceber o mundo em sua volta, criar e fazer história segundo a própria identidade e medida. Se a palavra se manifesta pela fala, logo, a fala é reflexo da congruência entre a forma (espiritual) e a matéria (corpo). "A palavra provém daquilo que é a primeira palavra do ser: o corpo". (Meneghetti, 2019, p. 112). Portanto, não há como entender a análise da fala autêntica sem considerar o ser humano em seus aspectos psicobiológicos e espirituais. A fala e o corpo coincidem. Se o corpo manifesta uma disfunção, a fala também refletirá o fenômeno de disfunção. Se manifesta uma fala autêntica com presença, refletirá um corpo sadio.

Em âmbito da psicoterapia ontopsicológica enquanto o psicoterapeuta e o cliente dialogam, nessa interação se desenvolve essas dinâmicas simultaneamente, mas o corpo do psicoterapeuta notifica a percepção por campo semântico em antecipação. No gráfico a seguir, vejamos como o autor exemplifica:

Figura 4: Interação dinâmica por campo semântico na psicoterapeuta-cliente



(Meneghetti, 2023a, p. 116, *Adaptação do autor*).

De acordo com Meneghetti (2023a), durante o encontro entre psicoterapeuta e cliente, ambos estão posicionados a uma distância inferior a três metros. Enquanto o cliente fala, o psicoterapeuta escuta e verifica a congruência entre a situação expressa verbalmente pelo cliente e a informação percebida por campo semântico. O psicoterapeuta ascolta as variações emanadas inconscientemente pelo orgânico do cliente. O psicoterapeuta, por meio do campo semântico, tem a percepção da situação real do cliente, e essa situação é revelada quando o cliente fala, permitindo ao psicoterapeuta conhecer as duas informações (consciente e inconsciente) e, posteriormente, verbalizar a solução (pp. 115-116). "Se uma pessoa, enquanto fala, é verdadeira, também o seu campo semântico assinala uma presença em conformidade às palavras, ou seja, palavras e emoção fazem uno." (Meneghetti, 2015, p. 107).

Naturalmente, neste momento não é necessário que o cliente saiba imediatamente tudo, mas é importante para o psicoterapeuta essas informações, partindo sempre do pressuposto que para ler essa realidade, o psicoterapeuta deve possuir a exatidão de seu próprio orgânico. Por exemplo, se o psicoterapeuta tiver alguma disfunção em seu corpo

(dor de cabeça, dor de barriga etc) ou em sua mente (obsessão, preocupação, confusão etc), qualquer incongruência torna-se impossível ler com exatidão o outro.

O nosso corpo possui um conjunto de radares onde cada zona é específica para perceber uma determinada informação em qualquer ambiente. Para ler essa informação do campo semântico é necessário *recuperar a própria percepção organísmica*, de tal forma que implica um processo de formação técnica e de estilo de vida da pessoa, nesse caso, do psicoterapeuta. Esse processo implica um autoconhecimento de modo profundo e técnico, para que se possa recuperar a integridade enquanto biologia exata, percepção íntegra e exatidão de consciência para ler a realidade como é. Nesse sentido, a frase como princípio que fundamenta toda a formação em Ontopsicologia é: "*para conhecer o homem, é preciso usar todo o homem*" (Meneghetti, 2023a, p. 105), que nasceu da perspectiva de Protágoras (490 a.C. – 415 a.C.) conhecido por sua célebre frase "*O homem é a medida de todas as coisas*".

Por essa razão é que para ter conhecimento do campo semântico é necessário primeiro o conhecimento do critério organísmico. "O conhecimento organísmico é conhecer o outro através de mim" (Meneghetti, 2023a, p. 113). Para conhecer o outro em psicoterapia e colher a sua expressão-comunicação mais genuína, é imprescindível aprender a instrumentalizar o radar do próprio corpo. "O organismo é um espelho vivo que registra as variações emotivas que recebe no contato com o outro ser humano. O nosso corpo é o máximo radar de conhecimento, é necessário apenas redescobri-lo" (Meneghetti, 2023a, p. 115). Assim que se é recuperado essa exatidão do próprio radar corpóreo, é consequência natural conhecer com exatidão os fatos inerentes à natureza, podendo controlar e medir com precisão qualquer pessoa ou situação.

Segundo Meneghetti (2023a), no início, a única dificuldade reside em aprender a sentir a si mesmo e ao outro, ou seja, como utilizar o corpo como uma técnica de conhecimento. Entretanto, uma vez adquirido o conhecimento do organísmico, torna-se impossível errar. Dentro da unidade de campo, interagem as dinâmicas entre: o psicoterapeuta (que se torna receptivo) e o cliente, que escolhe deixar-se examinar (torna-se ativo). Cada uma das dinâmicas representadas na figura possui um significado que identifica a verdadeira posição do sujeito, oferecendo ao psicoterapeuta o conhecimento da situação atual vivida ou sofrida pelo cliente (p. 117).

De acordo com o mesmo autor (2023a), a máxima "conhece-te a ti mesmo" significa que, se o ser humano deseja conhecer o real, ele deve primeiro se conhecer. Ao conhecer a si mesmo, ele compreende simultaneamente a ação da vida, pois está intrinsecamente ligado ao modo como a vida se manifesta. Para conhecer qualquer realidade, é necessário primeiro conhecer a si mesmo, pois essa realidade é uma extensão dele mesmo. Se o ser humano se afasta de si próprio, ele se perde e não consegue compreender a alteridade, a objetivação da verdade. Conhecer a si mesmo é, portanto, o único meio para conhecer com exatidão o real, a objetividade do critério do conhecimento. Através da exatidão de si mesmo, o homem compreende a exatidão da vida, pois ele já é parte integrante dela (p. 120). É por meio da descoberta do campo semântico que foi possível conhecer outras realidades e, conseqüentemente, descobrir o princípio inteligente da vida humana, denominado: Em Si ôntico.

2.4 O Em Si ôntico

Um dos temas mais discutidos ao longo de toda a humanidade de fato é a compreensão do sentido da vida humana. Os antigos entendiam a existência humana por meio do significado da alma ou espírito, que significa "sopro vital". Meneghetti (2023b) analisou como os antigos gregos tornaram o conceito de alma em uma questão filosófica, explorando a conexão entre corpo e alma. Platão e Aristóteles são citados, representando na história suas diferentes visões: enquanto Platão defendia a separação entre alma e corpo, Aristóteles enfatizava sua interligação.

O advento do Cristianismo trouxe uma transformação do "discurso sobre a alma", tornando-o cada vez mais religioso com o passar do tempo, porém durante o Iluminismo e a Revolução Industrial, houve uma tendência de considerar a alma como um conceito religioso e não científico. No entanto, Meneghetti destaca que o interesse filosófico pela alma continuou, com pensadores como Schopenhauer, Kant e Hegel. Mesmo no século XX, a questão da existência da alma permaneceu sem resposta definitiva, apesar dos estudos de pensadores como Brentano, Freud, Jung, Jaspers e Gabriel Marcel, que exploraram outras dimensões da psique humana além da razão. Assim, a pergunta sobre a existência e a natureza

da alma continuou a desafiar a compreensão racional e científica (p. 26). A alma existe? Por que o corpo vive? Por que o homem pensa?

Antonio Meneghetti, durante a prática clínica e por meio do campo semântico, começou a acenar no ser humano um princípio que dava o caminho da cura, pois percebia que quando tocava nessa dimensão do que era conhecido como alma, notava a mudança do cliente com resultados positivos e concretos, conseguindo distinguir o que é bem ou mal. Como ele procurava um critério que pudesse dar a direção da vida, mas que pudesse descrever cientificamente, Antonio Meneghetti chegou então a um princípio vivente, inteligente e transcendente sobre a questão que há milênios a história questiona sobre a existência da alma, e o denominou como Em Si ôntico.

De acordo com Meneghetti (2023a), o Eu do ser humano é uma construção histórica, sucessiva, relativa, cuja realidade existencial é determinada por um constituinte além do próprio Eu. Mesmo ao investigar a essência de cada um, percebe-se que a realidade originária (*a priori*) do Eu e dos seus modos, é uma realidade que estrutura assim como é. Embora o homem possa ter a ilusão de plena liberdade, existe uma estrutura prévia e autônoma que o torna um ser, independente de suas ações e modos de ser. (pp. 132-133).

Eu usei este critério observando-o, lendo-o, e decodificando-o *com todas as habilidades e os estudos que eu havia acumulado*. Não cheguei por acaso, possuía muitos instrumentos para lê-lo: havia o instrumento da mística, da racionalidade, da matemática, da evidência, da física, da teoria e de tantas outras coisas. A fortuna foi que quando fiz a análise deste processo, eu possuía uma formação superior àquela que Jung, Freud, Tomás de Aquino etc. poderiam ter. Havia mais instrumentos que me consentiam uma análise mais completa. Em um primeiro momento, portanto, descobri que este critério – o qual era observável, legível – se manifestava e que, seguindo as suas indicações, levava sempre a resultados precisos: saúde, bem-estar, sucesso. Se este princípio era esquecido, contradito ou alterado, havia sempre a doença, a desordem, a confusão etc. (Meneghetti, 2023b, p. 27).

Assim, o "Em Si ôntico" significa: "em si do fato, do acontecido, daquilo que é" (Meneghetti, 2023a, p. 133). Meneghetti (2023a) complementa que se compreende o primeiro elemento que se torna o fundamento do fenômeno, que depois aparece e que também sou eu. É o primeiro aspecto real que me confere existência e identidade. (p. 133).

"Identidade", do latim, "*id quod est ens*: 'aquilo que o ser é aqui, agora e assim'. É um termo ainda mais radical e mais exato do que alma" (Meneghetti, 2023a, p. 133).

O “Em Si ôntico” torna-se o critério de toda a base científica da Ontopsicologia, sendo definido como “projeto-base de natureza que constitui o ser humano; princípio formal inteligente que faz *autóctise* histórica”. (Meneghetti, 2012, p. 84). Meneghetti (2010) o definiu como “Em Si ôntico” por entender que é algo que está consigo, *todo Em Si mesmo*, pois traz uma novidade para além daquela compreendida pelos antigos filósofos, como o conceito de alma, ainda que sejam sinônimos.

Ainda, Meneghetti (2010) descreve este princípio – em sentido metafísico, além dos efeitos – que significa “eu sou” (existe, é um formalizado que também formaliza, é um passivo que também é ativo). Notou que o ser humano nasce em parte de um projeto metafísico, mas em outra parte também é por como se constroi no ambiente. É um *princípio formal* porque possui “um projeto, um *design*, uma direção” (Meneghetti, 2010, p. 151). Esse princípio é *inteligente*, “Inteligência”, do latim, “*intus legere actionem* = ler dentro da ação, compreender dentro.” (Meneghetti, 2012, p. 139). Portanto, Meneghetti (2010) afirma que é “inteligente enquanto é capaz de evidenciar o íntimo que é. Colhe o real do íntimo de si mesmo, permanecendo íntimo” (p. 158). Com a definição “que faz *autóctise* histórica” se adentra ao sentido do devir existencial, de vir a ser, de tornar-se. “O momento da *autóctise* histórica é a passagem criativa” (p. 158). “*Autóctise* histórica”, do grego, “*αὐτὸς κτιζο* = posição ou constituição de si (*κτιζο* = construir, fundar)”. (Meneghetti, 2012, p. 31). *Autóctise* é a capacidade do ser humano se autoconstruir ou produzir com base “Em Si” mesmo na história, segundo suas escolhas existenciais que resultam em evolução de ganho pessoal.

O “Em Si” é invisível quando isolado, mas, segundo Meneghetti (2023a), sua ordem e seus efeitos são claramente visíveis, possuindo uma estratégia, intenção e modos próprios de se manifestar. A primeira coisa que se é possível notar é que se move, por exemplo, o vento não é possível ver, mas se vê somente os efeitos que produz. O Em Si ôntico é a essência total do espírito no universo e preside todas as atividades da vida humana. Para compreendê-lo, se pode comparar à semente de uma grande planta, onde a inteligência da semente está presente em toda a planta, embora sua manifestação plena exija tempo e condições adequadas. No início é uma semente plantada, mas com o decorrer dos anos, torna-se uma grande árvore. Nesse sentido, a semente não é mais vista, mas a sua inteligência está

toda *em si mesma*. Assim, o "Em Si" representa a *virtualidade* e o *potencial da forma*, enquanto o conteúdo é apenas energia (p. 122).

Colocando na prática esse critério em qualquer situação ou problema, a pessoa produz sua própria autonomia, gera conhecimento, a partir dessa novidade: aprendendo a aprender o mundo baseado em si mesmo a cada momento. Neste estudo, Meneghetti identificou um critério individualizado que se manifestava de uma maneira específica. Ele procedeu à sua identificação, isolamento e evidência científica, resultando na apresentação das 15 fenomenologias ou características associadas a esse princípio humano. Essas fenomenologias a seguir neste capítulo. Esse critério parte da medida do homem verdadeiro e autêntico que o autoriza depois formar e desenvolver outras pessoas. Toda a verificação deste critério está baseada nos fatos, todo o proceder científico da Ontopsicologia está na evidência desses fatos.

Dessa maneira, o psicoterapeuta ontopsicológico não ensina ao cliente o que deve fazer, mas lê o Em Si ôntico do cliente, por meio dos instrumentos de análise (diagnose), sobretudo pelo sonho¹⁷. A Ontopsicologia tem a sua proposta para a leitura do *sonho*, de como decodificar as passagens técnicas do indivíduo na existência. O sonho é um gráfico, que se utiliza das imagens manifestas do Em Si ôntico do sujeito. O Em Si ôntico é como um pintor universal, como um diretor, que faz a cena, que se interessa sempre pela sua própria identidade, que dá a passagem técnica: acusa o problema, mostra a causa e fornece a solução.

A presença das 15 características do Em Si ôntico determina a relação orgânica pessoal bem como o ambiente no qual o sujeito está inserido. São o resultado da forte presença da vitalidade em um determinado indivíduo, se o mesmo se encontra saudável, alegre, se possui uma vida coerente ao projeto originário da natureza. Destacamos cada uma delas em ordem e com seus devidos conceitos, correlacionando com alguns pequenos exemplos práticos em âmbito da psicoterapia:

- 1) **Inseico**: “é uno, indiviso e sempre idêntico, como quer que se adapte ou opere” (Meneghetti, 2022, p. 174). Usa sempre o critério da sua identidade ou de si mesmo, é dotado de autonomia e sempre está dentro em direção ao próprio uno, sem jamais sair da sua totalidade. Isso significa, por exemplo, que é possível perceber essa

¹⁷ “Sonho”, do latim, “*se omnium* = o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos. *O sonho é o espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir*”. (MENEGHETTI, 2012, p.250).

característica quando o cliente está presente em si mesmo: a fala é reflexo de sua presença, autenticidade e congruidade. Tudo o que faz em todas as áreas da sua vida é único, não existe divisão entre o pensamento, fala e ação, tudo corresponde a uma unidade de ação.

- 2) **Holístico-dinâmico:** “age todo junto com expansão centrípeta e é sem partes” (Meneghetti, 2022, p. 174). Essa característica determina dois movimentos: em primeiro lugar, à medida em que o cliente amplia suas vivências ou experiências externas, é essencial que ele também fortaleça seu mundo interno; em segundo lugar, quanto mais sólido, maduro e íntegro estiver dentro de si, mais produtivo e equilibrado ele se tornará ao lidar com o mundo exterior. Quanto mais faz ação de evolução contínua, intensifica a própria identidade; quanto mais faz fora, mas reforça a si mesmo. Em psicoterapia, o cliente é conduzido a reconhecer essa relação externa e interna: é através da sua dignidade que ele se constrói, bem como, o seu fazer também constrói a sua dignidade. Se faz bem um trabalho nas relações sociais, é necessário reforçar o seu mundo interior: a higiene da casa, do seu espaço, das suas roupas, em tudo o que envolve a sua moral interior.
- 3) **Utilitarista-funcional:** “o seu critério ou ética é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional” (Meneghetti, 2022, p. 174). O Em Si ôntico escolhe no externo apenas o que é útil e funcional para a sua identidade, sempre reconhece o que é benéfico para si mesmo. A natureza dispõe de todos os atributos necessários ao sujeito, porém é ele quem deve escolher o que é funcional a si. Por exemplo, durante a psicoterapia, um cliente com problemas de autoestima é ajudado pelo psicoterapeuta a reconhecer que a busca de aprovação externa excessiva reforça a sua falta de dignidade, e então, o auxilia a identificar quais atividades e relacionamentos que são verdadeiramente úteis e funcionais para sua vida, incentivando-o a buscar a seguir as informações internas que reforçam a si mesmo.
- 4) **Virtual:** Toda sua atividade ou crescimento é sempre inerente a um projeto formal que se explicita em polivalentes efeitos dependentes de uma idêntica forma, a qual, antes de se efetuar, permanece somente possível. Um projeto que tem a capacidade formal, caso se atue. A sua essência-base é a constante H. (Meneghetti, 2022, p. 174). Meneghetti acrescenta que é possível ao psicoterapeuta indicar a estrada, porque ao fazer a leitura do cliente, é já inerente à natureza dele o objetivo. "O Em Si não pode

tender em relação se não é já *virtual* em si mesmo. Se não se segue aquela virtualidade, se não se escolhe em coerência o que 'já somos', lesa-se a ação da vida, que remete com dor à patologia". (Meneghetti, 2023a, p. 138).

- 5) **Econômico-hierárquico:** “intenciona com exata proporção qualquer impacto e interação, assimilando o devir segundo a prioridade das próprias exigências (a vida, a identidade, a subsistência, os meios mais gerais, depois os específicos etc.)” (Meneghetti, 2022, p. 174). Existe uma medida e proporção perfeita ao Em Si: nem mais, nem menos, é exato, escolhe o que é o melhor em cada instante. Existe uma ordem hierárquica para o Em Si do cliente: a cada movimento existe uma prioridade econômica, onde possui uma regra de máxima eficiência. Ao cliente, se faz compreender que não se deve ficar parado, orienta-se e faz agir diante das prioridades reais que ele tem. Uma vez que se segue essa ordem, deve-se investir imediatamente em atualização de novidade de ser, reforçando-se todas as características precedentes.
- 6) **Vencedor:** “não impacta um novo real ou *gestalt* se já não lhe é próprio” (Meneghetti, 2022, p. 174). Para o Em Si existe já a vitória: é exato em seu direcionamento, ao fazer e seguir essa informação, se obtém inevitavelmente o resultado. O Em Si não conhece o erro, o medo e a angústia. O objetivo já reconhecido como próprio. Se o cliente é capaz de ver de modo evidente, significa que já possui dentro dele a resposta, a passagem de solução para vencer.
- 7) **Alegre:** “age por exercício de inteligência e se move caso seja garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação” (Meneghetti, 2022, p. 174). É evidente quando o cliente está exato nele mesmo, sendo possível notar um estado redondo de prazer, estado de contemplação e alegria, que se manifesta por um certo tipo de brilho no olhar, se ilumina quando tem a liberdade de ser.
- 8) **Criativo:** “completada uma *gestalt* é sempre motivado a uma sucessiva, proporcionada, mas superior à precedente. Por isso, age contínua autóctise” (Meneghetti, 2022, p. 174). É da natureza humana criar. É um projeto aberto ao infinito: sempre cria algo novo de si mesmo. Está sempre movido a inovar de modo proporcional e superior ao projeto anterior, é uma característica que se distingue pela capacidade intelectual para fazer inovação. Em psicoterapia, quando o cliente dá um passo de crescimento importante, é necessário continuar em evolução criativa. A experiência é válida até certo ponto, mas a novidade para tornar-se é dada sempre por

algo não previsto, por algo criativo pelo sujeito. A fala autêntica é sempre criadora de algo nunca dito antes.

- 9) **Espiritual ou transcendente:** “evade as categorias de tempo e espaço” (Meneghetti, 2022, p. 174). O Em Si ôntico é *espiritual* ou *transcendente*, pois quando se faz e gera efeitos em múltiplos eventos, sem jamais ser nenhum deles e sem sair dele mesmo, ele transcende o tempo e o espaço. “É um falante jamais redutível às palavras que usa” (Meneghetti, 2022, p. 179).
- 10) **Agente no interior de um universo semântico:** “é copartícipe da ordem da natureza cósmica. Age a própria virtualidade individual no iso de natureza” (Meneghetti, 2022, p. 174). A sua intencionalidade é igual à forma da natureza. O cliente no singular é protagonista da sua história e tudo de si e todas as partes estão em conformidade com a natureza. Existe uma reciprocidade entre o indivíduo e natureza, pois ambos são natureza. É necessário fomentar no cliente a resgatar essa sensibilidade natural de comunicação com o universo semântico: em um mundo de telas (notebooks, computadores, tecnologias, inteligência artificial) está se perdendo esse contato com a natureza. É necessário resgatar essa cultura que nos faz sermos humanos. Homem ou humano, do latim, *humus*, significa = terra, terrestre [...], *esse in humo* = o ente localizado e feito *no* e *do* planeta terra” (Meneghetti, 2021b, p. 136). Somos todos partes desse universo que nos faz estar em contato com a realidade que somos: nossos antecedentes dificilmente ficavam doentes, pois o cultivo da terra sempre faz “aterriçar” com o real da identidade que se é: aqui, agora e assim.
- 11) **Mediânico entre o ser e a existência histórica:** “é o ponto de reflexão contemporânea do Ser e existência” (Meneghetti, 2022, p. 174). O Em Si ôntico é o que faz a mediação entre a história e o metafísico. O Em Si ôntico tem uma correspondência de ligação entre o ser individual, comum e metafísico.
- 12) **Histórico:** “estrutura psicossomaticamente a própria virtualidade no devir existencial. Nisso revela capacidade de instrumentalizar as categorias do tempo e do espaço e, portanto, todos os aspectos químico-físicos da energia” (Meneghetti, 2022, p. 174). Nessa característica estão presentes as categorias de espaço temporais. Todas as atitudes se fenomenizam na história, anteriormente existe apenas um projeto virtual; essa característica nos dá o senso de responsabilidade ao indivíduo, não basta ser, é preciso fazer na história. Uma vez que o cliente tem a evidência da própria

alma, não deve-se ficar a contemplar essa realidade, é preciso transformar em ações, sincronizando e temporalizando os afazeres, pois existe um agora ou um depois (tempo) e existe um lugar (espaço).

13) **Estético:** A técnica específica de cada ação sua é para o prazer e perfeição. O prazer é atração constante. No devir histórico, as suas partes correlacionam-se para revelar uma proporção, além de funcional, sobretudo metafísica. Em cada passagem apela ao seu princípio natural: o Ser. (Meneghetti, 2022, p. 175). A beleza é própria na natureza, a cada ação é ordem, perfeição e proporção. Existe uma harmonia quando o cliente reflete o seu próprio Em Si ôntico. Em si mesmo, se veste melhor, a pele ou o cabelo possuem o seu aroma natural, também no seu ambiente pessoal e profissional existe essa ordem. Caso contrário, é caos, odor, feio. Por isso que em psicoterapia a um certo ponto se chega a revelar o estilo de vida do cliente para verificação de seus aspectos estéticos.

14) **Volitivo-intencional:** “a sua unidade de ação é tensão à própria realização histórica” (Meneghetti, 2022, p. 175). Seu mover-se é sempre intenção à realização, volitivo porque é vontade intencional de evolução histórica: é ação pura.

15) **Santo:** “é sempre com e em direção ao Ser. É volição de identidade no mais ser” (Meneghetti, 2022, p. 175). Não se trata de entender esse conceito em sentido religioso, mas existe uma relação laica que quer retornar ao princípio da vida: o Ser. O Ser ou vida, nos projeta em perfeição coincidente com o projetante.

Essas 15 características são efeitos ou falas do Em Si ôntico, mas são também critérios de verificação e modos ou atitudes que se pode tomar para constantemente reeducar o Eu a colher esses efeitos. Meneghetti (2022) descreveu seus efeitos, mas sobretudo identificou nesse princípio a realidade da frase proferida por Parmênides, “O ser é e o não ser não é”, que indica que o ser (o que existe) é, pois é idêntico a si mesmo e indica a si mesmo. O não ser não é, pois não existe, não possui identidade. Tudo o que for igual ou conforme ao Em Si ôntico resulta em sanidade e criatividade para o ser humano: no plano biológico (saúde em sentido médico), psicológico (personalidade funcional) e social (funcionalidade em todas as áreas sociais) (Meneguetti, 2022, p. 180).

Toda a prática da Ontopsicologia consiste em identificar e individuar esse falar do Em Si ôntico, pois se colhe pelos seus efeitos. O psicoterapeuta ontopsicológico é um técnico especialista em dar novamente função à unidade de ação do cliente, mas tudo o que não vier

do Em Si ôntico, está relacionado com o monitor de deflexão. Uma vez que foi constatado a evidência do Em Si ôntico, como critério da vida, foi simples identificar e compreender por que do ser humano compreender e escolher contra a si mesmo, que veremos no subcapítulo a seguir sobre a terceira descoberta da Ontopsicologia: o monitor de deflexão.

2.5 O monitor de deflexão

Antonio Meneghetti ao lidar com o Em si ôntico, constatou também que existe uma informação, para além daquela da vida, identificou um alterador constante dos processos lógicos da mente (monitor de deflexão). Nesse processo, Meneghetti também se perguntou se o ser humano poderia chegar a conhecer a realidade, e constatou que sim pela descoberta do Em Si ôntico, porém, se isto não acontecesse? Assim formulou uma nova pergunta: "foi a natureza que fez o homem errado ou é algo acrescentado que altera a consciência?" (Meneghetti, 2023b, p. 10).

No processo clínico o psicoterapeuta queria compreender: mesmo que o sujeito possa ter a evidência de sua identidade, fazendo escolhas coerentes a favor de seu Em Si, mas em um determinado ponto que quando o cliente começava a compreender o que devia ser mudado radicalmente¹⁸ em sua vida, notou que existia um contra, um movimento de autosabotagem a si mesmo, identificou um mecanismo que deflete ou distorce a imagem da realidade evidenciada pelo cliente: o monitor de deflexão.

Antes de abordarmos o conceito, é necessário entendermos o conceito de *monitor de reflexão*, ou conhecido como *consciência*. "O monitor de reflexão é uma superfície ou um plano óptico, sobre o qual se pode ler ou ver as projeções do real ou concreto em todos os aspectos" (Meneghetti, 2022, p. 182). Meneghetti (2022) identificou o processo pelo qual os seres humanos percebem e compreendem o mundo ao seu redor, destacando a importância dos cinco sentidos, que nós privilegiamos somente a visão. Quando os olhos entram em contato com um objeto, por exemplo, uma maçã, ocorre uma troca de informações entre os sentidos e o objeto externo. A percepção da maçã é interessante para o organismo, evidenciando uma resposta às necessidades internas do indivíduo que a observa. Logo, se vê essa maçã no espelho da consciência, que é basicamente um monitor que reflete a imagem

¹⁸ Radical como no sentido etimológico de sua palavra: "Radical, que deriva da raiz". (Etimo, 2008, tradução nossa).

do real, que é onde acontece a síntese através de uma imagem do nosso processo perceptivo-cognitivo. A imagem externa (maçã) e interna (fome da maçã) refletem na consciência do sujeito.

Meneghetti (2023b) observou em prática clínica que o Em Si ôntico opera de maneira direta e simples, distinguindo entre o que é e o que não é para o indivíduo de forma espontânea e natural. O Em Si ôntico simplesmente diz: 'É, não é; é para mim, não é para mim'. Em contrapartida, o monitor de deflexão indica regras e leis elaboradas, com um modo específico e sempre fixo de se manifestar. Meneghetti nota que aquilo que se manifesta no monitor de deflexão não resulta em benefícios para o indivíduo e, de fato, pode levar à doença ou até mesmo à morte física. Isso leva Meneghetti a concluir que o monitor de deflexão não está alinhado com o princípio fundamental da vida (p. 30-32), uma vez que esse mecanismo distorce a informação, tornando-a fixa e absoluta em sua própria existência. "As condutas mentais e volitivas do homem, por tudo o que concerne à fenomenologia consciente, são fundadas e dirigidas por um feixe de estereótipos, cuja raiz última, para além de qualquer fenomenologia histórica, é o monitor de deflexão". (Meneghetti, 2022, p. 20). Esse mecanismo anti-humano é inserido no processo de formação do Eu de cada indivíduo:

Todo homem gere sucessivamente a matriz que lhe é impressa afetivamente tão logo tenha saído do ventre da mãe. Por isso, não conhece o acesso à originalidade da sua verdadeira individuação. De fato, executa um papel imposto pela direção antecipada do espelho afetivo da família. Sofre uma impostação que depois estrutura a cada escolha da sua vida. Naturalmente a família não é culpada disso, visto que ela também foi, por sua vez, assim estruturada e transmite aos próprios filhos os clichês do superego social. (Meneghetti, 2015a, p. 81).

O monitor de deflexão é um fornecedor gratuito de memórias preestabelecidas no passado, mas que atuam no presente do sujeito conforme sua formação, caráter e cultura. O monitor de deflexão (ou grelha de deformação), é um mecanismo que deforma a imagem projetada pelo real. "Em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete o real segundo um programa prefixado. Em vez de projetar especularmente (refletir), desvia segundo uma temática imposta pelo receptor (deflete)." (Meneghetti, 2022, p. 187). Quer dizer, o monitor de deflexão é um mecanismo que altera, deturpando a leitura que a consciência faz da realidade.

Esse mecanismo age de forma fixa e repetitiva, assim Meneghetti identificou que, por exemplo, a cultura e os complexos, são efeitos do monitor de deflexão, que anestesiam algumas partes do cérebro, tornando inoperante: "as reações sinápticas de alguns objetos são interceptadas e ao cérebro corresponde a não-existência, e, portanto, a não-ação" (Meneghetti, 2023a, p. 148). Assim, se um objeto proibido for reintroduzido com maior frequência, o indivíduo experimentará duas realidades internas: emoções de perigo e medo. Quando o mecanismo de deflexão não consegue suprimir o objeto proibido, ele age em emoção de medo e perigo. Quando se age segundo a lógica do monitor de deflexão, acusa-se o automático da repetição, e isso se dá pelo simples fato do sujeito não saber lidar com a situação-problema dada. Resolvê-la é dar retorno ao princípio do Em Si ôntico, negá-la é rejeitar a própria vida que depois se manifesta em: amargor, vazio existencial, cisão, confusão, guerra etc. (Meneghetti, 2023a).

Ainda, a linguagem utilizada pelo mecanismo de deflexão é repetitiva, obsessiva e persistente, semelhante a um disco que continua a tocar a mesma ideia. No cérebro aparenta uma parte sozinha, por conta própria, automática, enquanto o corpo parece ausente, o cliente em psicoterapia não percebe essa cisão, vira o falar sobre falas, ao vazio (Meneghetti, 2023a). Meneghetti explica que essa repetição pode envolver uma série de temas, desde assuntos relacionados a sexo, política, literatura, arte, dinheiro, até memórias passadas e relações pessoais. Essas ideias surgem na mente de forma repentina e podem persistir por períodos variados: desde alguns minutos, horas, meses, até uma vida inteira. A maior parte dos seres humanos seguem o *script* dos estereótipos aprendidos segundo a cultura local, alguns até mesmo, sem jamais conhecer a própria evidência interior dada pelo Em Si ôntico: permanecem zumbis e alheios a si mesmos.

A abordagem apresentada pela Ontopsicologia para transcender a rigidez das ideias fixas do monitor de deflexão requer uma referência ao critério da reação organísmica. Em termos ontopsicológicos, compreende-se o cérebro viscerotônico como o centro dessa dinâmica, localizado na região abdominal e visceral, onde se manifesta a capacidade de antecipação desse mecanismo:

O cérebro viscerotônico é a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si. Ele reage em antecipação a qualquer forma de conhecimento de que somos

dotados. É a direta fenomenologia que o corpo expõe como significado da posição ou presença do Em Si ôntico (Meneghetti, 2021b, p. 79).

Nesse sentido, Meneghetti (2023a) elucida que a causa fundamental para a inserção do monitor de deflexão, ou seja, quando o cliente trai a si mesmo, agindo de forma contrária ao seu Em Si ôntico. Ele enfatiza que a *escolha do erro contra si mesmo* é a premissa para o funcionamento desse mecanismo, destacando que existem várias maneiras de cometer esse erro, como: estereótipos, relacionamentos, complexos psicológicos etc. "*O monitor toma lugar toda vez que o sujeito vai contra a si mesmo ou está agindo sem ganho mental, existencial*" (Meneghetti, 2023a, p. 167). Ou seja, substancialmente, o monitor de deflexão entra toda vez em que o cliente age sem ganho e ao vazio.

Por isso, compreender essas dinâmicas que ocorrem das três descobertas possibilita ao psicoterapeuta exato, operar e conduzir-se à identidade ôntica do cliente em psicoterapia. Quando se entende o Em Si ôntico, que é o critério de natureza que norteia todo o trabalho psicoterapêutico, compreende-se o campo semântico, tão logo se vê o monitor de deflexão. Essas três são as novidades que dão o fundamento técnico e científico para operar a Ontopsicologia em suas mais diversas aplicações de atuação humana. É desse princípio que se começa e termina tudo. Cada um que realiza o próprio devir histórico em conformidade com esse critério, aproxima-se da realização existencial, social e de primado de inteligência. Porque quanto mais o Em Si ôntico aumenta, mais é necessário atualizar a inteligência: quanto mais o indivíduo cresce e ganha, mais será necessário operar com novidade.

2.6 O método da Psicoterapia Ontopsicológica

A Ontopsicologia é a técnica de leitura de como a vida se manifesta por meio do Em Si ôntico de cada indivíduo. Não é o psicoterapeuta ontopsicológico que pode ensinar o que o cliente deve fazer, mas é o próprio Em Si ôntico dele que diz qual é o caminho, escolha e o projeto que pode¹⁹ seguir. É a semente do feijão que ensina ao biólogo como deve ser

¹⁹ "Pode" no sentido de possibilidade aberta a realizar-se, não é um dever. O "Dever" é sempre uma lógica social e externa ativada pelo monitor de deflexão. Por lógica natural da vida só existe o prazer de viver para ser, conforme Meneghetti (2021a): "(...) analisando toda a vida – a própria e a dos outros –, o ser humano é habituado a admitir um dever, isto é, se ele não faz aquilo que deve fazer, é culpado. É como se existisse um subcódigo de constante complexo de culpa: se você não realiza, se você não vence, é reprovado. Reprovado por quem? Pelos outros, pela vida, por Deus? (...). Eu encontrei uma só resposta à pergunta: 'Por que realizar,

cuidada; é a semente do carvalho, da árvore que ensina ao especialista como ser cultivada. Não é o cientista que pode ensinar à árvore, a uma célula, qual é o código de leitura e de intervenção, é o contrário. Essa é a premissa: o psicoterapeuta lê e devolve ao cliente a forma nova dele próprio agir. A escolha, o livre arbítrio, a responsabilidade e a autonomia é sempre do cliente.

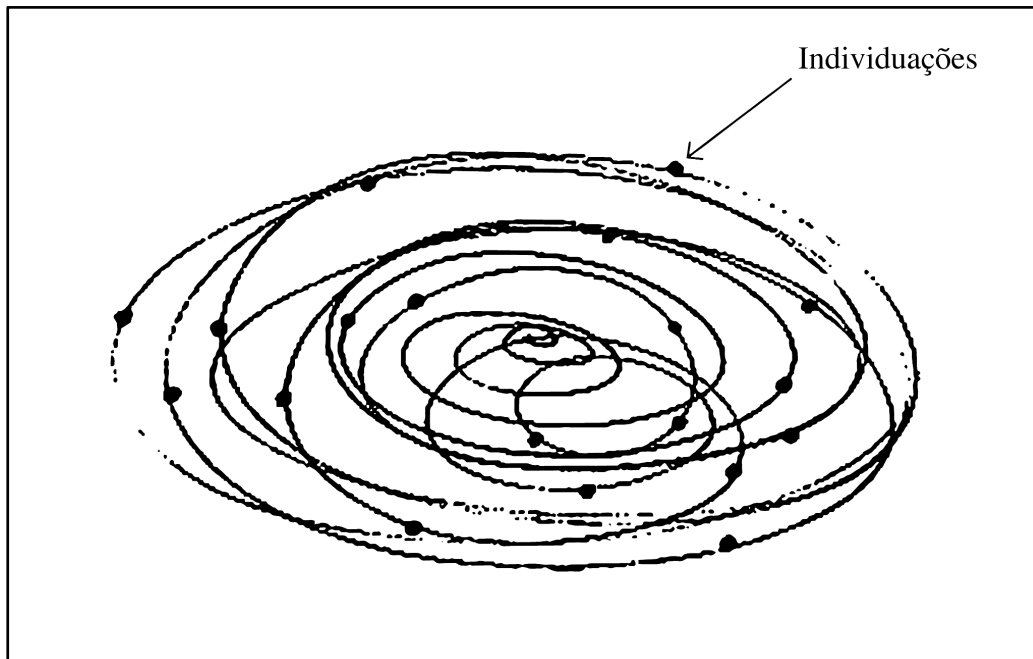
Como visto, Meneghetti descobriu a Ontopsicologia a partir da prática, somente após isso buscou descrevê-la cientificamente, estruturando toda a ciência em seus diversos livros sobre a aplicação deste método. No *Manual de Ontopsicologia* (2022), Meneghetti descreve também a teoria ontopsicológica da personalidade, representando suas instâncias psíquicas da mente humana e a maneira como elas se desenvolvem sendo decisiva para a formação da personalidade de qualquer indivíduo.

Para compreendermos melhor o seu método psicoterapêutico, tracemos uma síntese dos conceitos, uma exposição gráfica e direta para compreensão da correlação das estruturas psíquicas conscientes e inconscientes em um ser humano. "*A Ontopsicologia é a indagação científica dos processos mentais em todos os seus aspectos, compreendidos aqueles do ser*" (Meneghetti., 2022a, p. 225).

Então, em síntese, para Meneghetti (2022) a vida, ao individuar as diversas existências, sobretudo a humana, não gera indivíduos independentes, mas os coloca e posiciona no contínuo dinâmico da vida. Somos um grão de areia diante do cosmo:

vencer?'. A partir do momento que existo – e este é um fato – é belo estar bem, é belo saber a própria vida com prazer, ser sadio, ganhar sempre mais a si mesmo, alcançar maior consciência. *O saber aumenta o espaço da própria vida*, o abraço das coisas que existem. Isto é, se o homem organiza bem o seu fato existencial, vive mais e melhor, percebe a vida com satisfação. (...). eu sou feliz e me perguntei por que sou feliz: porque sou aquele que sou e sei aquilo que sei" (Meneghetti, 2021a, pp. 307-311).

Figura 5: O contínuo dinâmico da vida



(Meneghetti, 2022. p. 229).

Nesse contínuo dinâmico da vida, entre tantas individuações, quando o indivíduo nasce é lançado pelo Ser nesta existência de um determinado modo. "Ser" para a Ontopsicologia significa: "Princípio universal do quanto existe ou é real" (Meneghetti, 2022, p. 230) e, conforme Meneghetti (2022), existem três modos de ser: 1) *Ser universal* é o metafísico, conhecido como Ser transcendente; 2) *Ser comum*, entendido como participação universal em todas as coisas; e 3) *Ser individual*, ou ser como participação de cada um de nós existente aqui e agora. É o Em Si ôntico de cada um que faz mediação com essas três realidades, tendo uma relação direta com o cosmo, universo ou vida (p. 252). Assim:

O óvulo e o espermatozóide têm a mesma pulsação dos elétrons do átomo ou das estrelas pulsar, o coração do feto tem o mesmo biorritmo das estrelas do universo, porque tudo participa dessa ordem pulsante da vida, que constantemente sustenta o total existente nas suas múltiplas modalidades. O primeiro real, em qualquer sentido do indivíduo, é o Em Si (Meneghetti, 2022, p. 230).

No desenvolvimento da personalidade do sujeito, em Ontopsicologia se verificam duas dinâmicas: uma prevista pela lógica da ordem de natureza da vida e outra lógica de desordem do monitor de deflexão. Assim, segundo a relação natural da vida (Relação Em Si,

Eu a priori, Eu lógico-histórico), quando o indivíduo nasce é um todo em si mesmo, começando a desenvolver um Eu em formação (4 a 5 anos). Imaginemos um círculo para representar a individuação ou indivíduo: é uma unidade de ação²⁰ em um determinado ambiente holístico-dinâmico²¹ (Meneghetti, 2023a). O ser humano por natureza se constitui da seguinte forma:

a) Em Si ôntico: sendo a inteligência, o primeiro real do indivíduo, princípio vital, "uma causalidade poderosa que sustenta tudo, mas bastante indiferente, no sentido de que é uma realidade aberta" (Meneghetti, 2022, p. 225). "Projeto-base de natureza que constitui o ser humano" (Meneghetti, 2021b, p. 92).

b) Eu a priori: "o Eu a priori é a reflexão última entre o Em Si ôntico e situação histórica. Ele reflete a posição ou autóctise histórica formalizada pelo Em Si ôntico (...), o Eu a priori dá o otimal" (Meneghetti, 2022, p. 227). "O Em Si ôntico dá o real, o Eu a priori dá a forma, a virtualidade, ou seja, o 'como' o sujeito deve evoluir" (Meneghetti, 202b, p. 115).

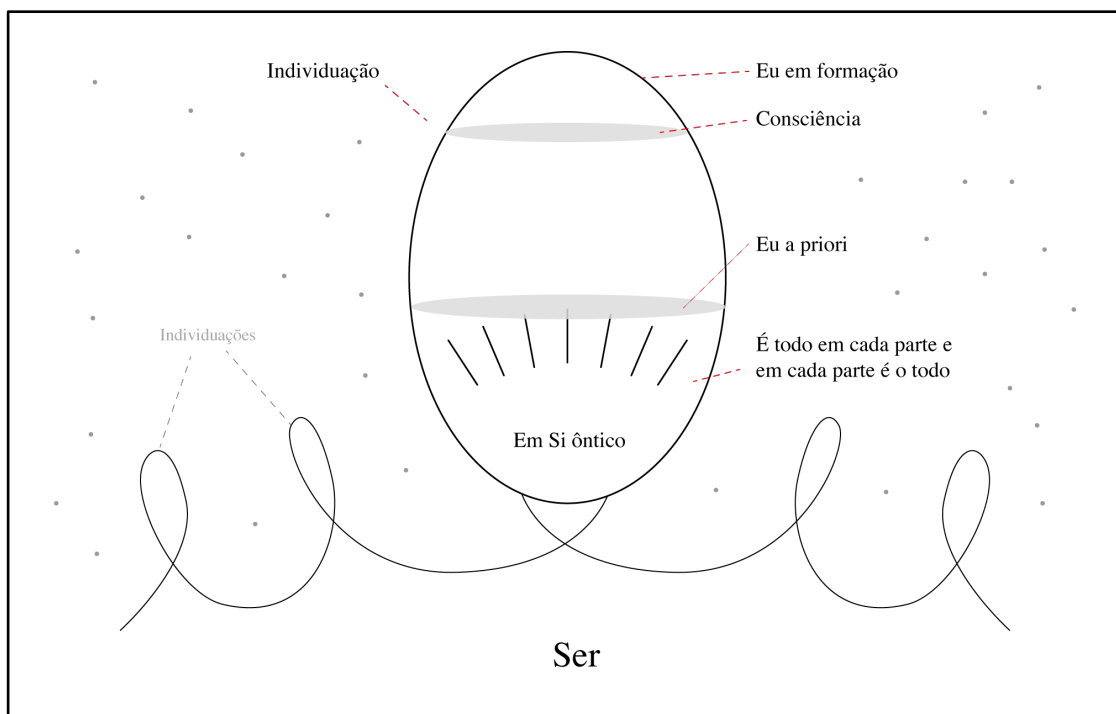
c) O Eu em formação (Eu lógico-histórico): é o lugar momento que se faz o ponto de tomada de decisão com a relação externa, lê as informações na consciência ou plano ótico para poder atuar. Conforme Meneghetti (2022), no início, a criança colhe-se como "mim", ou seja, somente quando faz a tomada de consciência – por volta dos 6 meses – que colhe-se como "Eu" responsável. Isto é, começa-se a fazer o uso da razão, compreendendo que conforme se posiciona obtém-se resultados diferentes (causa-efeito) (pp. 227-228).

²⁰ "Por 'unidade de ação' entende-se uma unidade autoconstituente no inteiro energético da semovência universal. O homem faz parte de um contínuo dinâmico que se manifesta através de momentos-ponta interagentes entre si" (Meneghetti, 2022, p. 227).

²¹ Ambiente holístico-dinâmico: "ambiente, do latim, *ambitus entis* = o cerco ou espaço daquele ente" (Meneghetti, 2021b, p. 27). Holístico-dinâmico: "*Hólus* - tudo, redondo, círculo perfeito; 'Dinâmico' = energia em movimento. Um inteiro semovente o qual, cada vez que se explicita em uma parte, interage e resulta total" (Meneghetti, 2018a, p. 261).

O gráfico 6 a seguir, apresenta a estrutura da personalidade ontopsicológica:

Figura 6: Gráfico da estrutura da personalidade ontopsicológica.



(Fonte: elaboração do autor, a partir de aulas do Bacharelado em Ontopsicologia, 2024).

Uma vez posto esse indivíduo em um determinado contexto – uma criança com a pureza de seu Em Si ôntico –, o *Em Si* é um como um radar que impacta tudo o que diz respeito a essa individuação. Por exemplo (conforme o gráfico 7 a seguir), uma criança diante de uma fruta maçã²², que reconhece o objeto externo para saciar a sua fome, tem um instinto como ordem de vida da criança, que colhe a informação prioritária naquele momento como algo próprio, útil e funcional a sua identidade. Quando o Em Si ôntico quer a maçã: *é minha*²³! *É para mim, faz, pega!* O objeto externo se manifesta ao interno do organismo da criança por meio de uma imagem no *Eu a priori* (eu do antes), refletindo a situação, a escolha otimal.

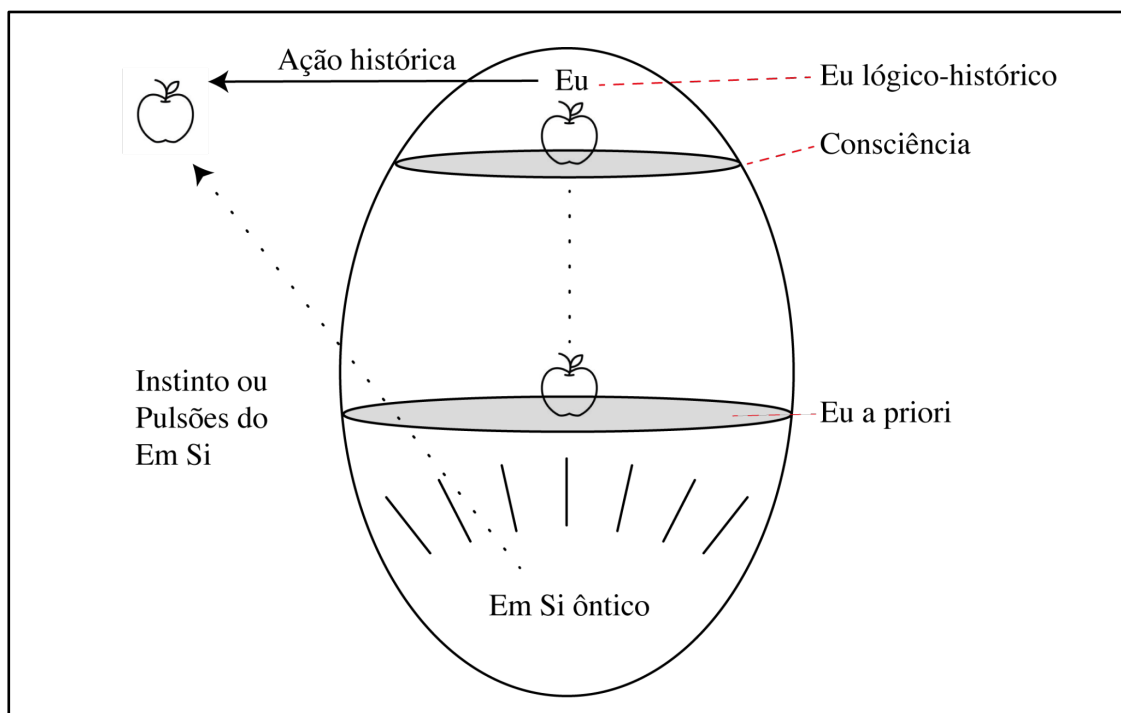
Por ser um indivíduo todo em si mesmo, sem nenhuma interferência, revela-se no

²² No exemplo é representado a maçã como objeto complementar externo, mas pode ser qualquer objeto, pessoa ou contexto de realização do Em Si ôntico em todos os aspectos de oportunidades de ganho existencial (biológico, psicológico, personológico, econômico e social).

²³ O Em Si ôntico é sim, sim, ou não, não, podendo ser também uma situação de negação: não quero, não pega, não faz, não é útil-funcional para sua identidade.

plano da consciência a imagem do real. Portanto, por meio do Eu, a criança decide pegar a maçã: o objeto externo se torna mais Eu, o Eu se torna mais ser. A criança cresce, evolui, obtém a sua realização. Essa é a dinâmica (Em Si, Eu a priori e Eu lógico-histórico) prevista pela ordem natural da vida:

Figura 7: Gráfico da estrutura da personalidade ontopsicológica: dinâmica do homem (Relação Em Si, Eu a priori, Eu lógico-histórico).



(Fonte: elaboração do autor, a partir de aulas do Bacharelado em Ontopsicologia, 2024).

Esse é exemplo da dinâmica da vida: "*a) Saúde para a criatividade: é o resultado da dinâmica baseada na relação entre Em Si, Eu a priori e Eu lógico-histórico. O Eu tem a tarefa da conservação em evolução, deve constantemente autopôr-se (autóctise histórica)*" (Meneghetti, 2022, p. 149). Essa constante relação determina inevitavelmente o crescimento do sujeito, o nascimento do Eu, conforme as 15 características do Em Si ôntico. O Em Si não conhece o erro, é sempre vencedor. O Em Si sempre impulsiona a um crescimento cada vez

maior e, assim, o Eu do sujeito pode continuamente se renovar, fazer a *metanoia*²⁴ para consentir a evolução, bem-estar, realização, felicidade e sucesso.

Diante da mesma situação e exemplo – a criança diante da maçã para satisfazer-se e realizar-se –, visualizemos agora como se estrutura a outra dinâmica e se forma o inconsciente conforme a estrutura ontopsicológica da personalidade.

O homem nasce da realidade da natureza, mas é formado pela sociedade. A primeira sociedade com a qual se entra em contato são os adultos próximos na primeira infância, os quais estruturam, sinalizam, imprimem a palavra, o pensamento, a forma, a emoção, a moral. As crianças, também quando iniciam ter uma consciência autônoma, na idade de quatro/cinco anos já foram eu não diria colonizados, mas fabricados, sinalizados, formalizados, e essa 'forma' caminham na vida e no mundo construindo o próprio bem e o próprio mal" (Meneghetti, 2023a, pp. 68-69).

Considerando os elementos da relação da dinâmica regressiva (monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, estereótipos, memes, Eu lógico-histórico), vejamos os seguintes conceitos segundo o modo desviado ou distorcido da natureza:

a) Monitor de deflexão: "é um mecanismo que distorce e interfere na exatidão dos processos cognoscitivos e voluntários do ser humano, determinando a fenomenologia regressiva conhecida pelo homem como doença, dor, angústia, falência socioeconômica" (Meneghetti, 2022, p. 146). Esse mecanismo não vital que foi inserido no interior dos processos sinápticos cerebrais, entra em movimento automático assim que o Em Si se manifesta, "a sua ação anula a reflexão do Eu a priori (...), o monitor de deflexão convive, antecipa, modifica, e o sujeito não o sabe. Nem mesmo suspeita que o monitor já agiu. Disso se origina o *inconsciente*²⁵" (Meneghetti, 2022, p. 228). A vida caminha em direção da visão de si própria (reflexão), já o monitor deflete, desvia e impede essa visão (deflexão).

²⁴ Metanoia é um conceito fundamental no processo psicoterapêutico ontopsicológico: "Grego μετανοεω = mudo mente (...). Com este termo, a Ontopsicologia entende uma mudança do piloto Eu: substituir o Eu formado pela doxa por aquele sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico." (Meneghetti, 2022b, p. 180). "*A estratégia da metanoia é o constante colocar-se em uma transcendência das próprias chegadas. Isto constitui o poder de ser mais: cada chegada para iniciar um mais ser. Essa estratégia é um refazer em funcionalidade progressiva novos modelos, para ser sempre mediador do máximo sentido possível no dado histórico*" (Meneghetti, 2022, p. 295).

²⁵ "A inserção do monitor de deflexão pode ocorrer de dois modos. 1) Diretamente sobre o sujeito, através de estados oníricos, situações de transe, por ocasião de uso de psicotrópicos, alucinógenos ou drogas, visões hipnóticas, oblações místicas, estados rituais com forte perda de orientação racional. No momento da inserção

b) Matriz reflexa: "é a situação-ocasião que o monitor de deflexão assume como própria na cena primária para constelar a emotividade do sujeito. É o codificado-base da especialidade dos complexos e estereótipos do indivíduo" (Meneghetti, 2022, p. 241). A matriz reflexa determina a marcação do estereótipo dominante (mental e comportamental) do indivíduo para ser sempre daquele modo. "É inserida pelo monitor de deflexão sobre uma culpa do sujeito por indução de campo semântico do adulto-mãe. A matriz determina o estilo da díade²⁶" (Meneghetti, 2022, p. 241).

c) Complexos: os complexos são descritos como pequenos "Eu" prefixados, representando mecanismos de defesa²⁷ da natureza que surgem após a infância, quando o sujeito aceita um compromisso com uma situação antívida. Esses complexos são partes reais da natureza que o Eu censura, porém se desenvolvem de forma autônoma (Meneghetti, p. 231, 2022). Uma vez ativado, o sujeito escolhe segundo o seu complexo (seleção temática complexual).

d) Estereótipos: "o estereótipo em si é neutro, tem um polo negativo e um polo positivo" (Meneghetti, 2022, p. 242). Isto é, são modelos de comportamento que são usados como instrumentos de ação. Uma vez ativada a matriz (colocado o sujeito em uma situação existencial muito parecida como aquela que se estruturou pela primeira vez), o indivíduo é forçado a agir e repetir conforme esse padrão de comportamento.

e) Memes: são informações obsessivas que não correspondem com a realidade. Ideia que, uma vez colocada em um cérebro que a hospeda, influencia os eventos em modo tal a criar outras cópias de si mesma ou variáveis estruturais (...). *Estereótipo:* é um conjunto de memes. *Complexo:* é um mecanismo que dá vetorialidade a um certo feixe de memes. O

o sujeito sofre um determinado fora de si. 2) Indiretamente, o monitor insere-se por transdução de campo semântico nas primeiras e fundamentais relações afetivas: pais, professores, parceiros etc. Esses atores-monitores fazem *transfert* do mecanismo em um sujeito afetivamente dependente, não por vontade consciente, mas por simples *transfert* compensativo – todavia ocupacional – do outro" (Meneghetti, 2022, p. 240-241). "O inconsciente é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que, contudo, age para além da lógica da consciência. Na parte mais superficial estão localizadas as estruturas complexuais. A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem." (Meneghetti, 2022, pp. 228-229).

²⁶ "Díade, do grego *δυο* = dois (...). Simbiose com dependência hierárquica entre dois ou mais indivíduos. O mais forte formaliza e polariza o mais frágil de modo tal que o mais frágil aprende o estilo de vida do mais forte. Pode ser negativa ou positiva" (Meneghetti, 2021b, p. 81).

²⁷ Os mecanismos de defesa mais frequentes nas pessoas são: repressão, compensação, racionalização, projeção e abdicação.

Eu lógico-histórico: é formado pelas estruturas meméticas do social (Meneghetti, 2021b, p. 170-171).

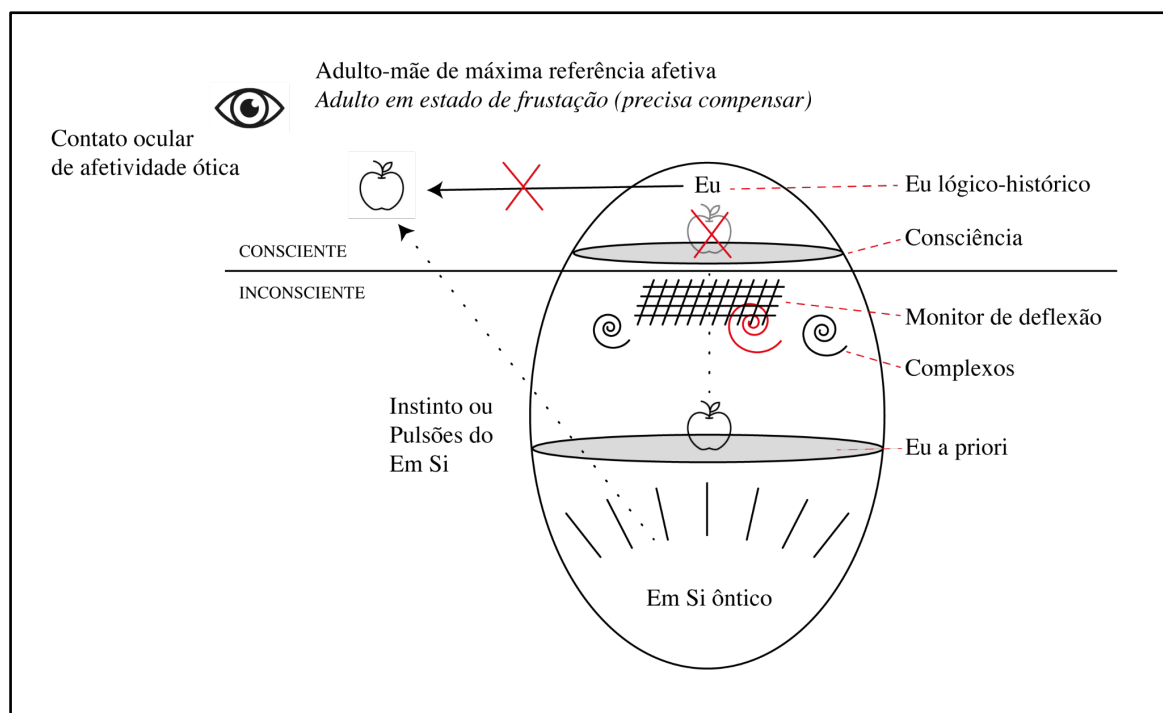
f) Eu lógico-histórico: uma vez que se origina a inconsciência, o Eu piloto fica desorientado da lógica do Em Si, agindo de acordo com as estruturas complexuais de estereótipos e memes.

O Eu se forma depois do complexo, portanto, o complexo antecipa o nascimento e a formação da estrutura do Eu. Ele age sempre de modo inconsciente; manipula o ambiente, para que possa ser visto e colhido sempre como o primeiro que entra e quer que o segundo veja. O primeiro a entrar é sempre o complexo, que determina os modos de conhecimento do Eu. O complexo determina todas as fases de "resistência" para a autenticação do sujeito, portanto, constitui todos os diversos opostos à identidade funcional de natureza" (Meneghetti, 2022, p. 243)

Os termos *estereótipo*, *matriz* ou *cena primária* e *díade* são momentos que indicam sempre a mesma realidade. "A matriz forma-se durante a díade, isso equivale a dizer que todo indivíduo se estrutura através da primeira ligação de afeto, de amor, de necessidade em relação ao adulto de referência afetiva" (Meneghetti, 2023a, p. 69).

Retornando ao exemplo da criança diante da maçã, só que agora diante de uma situação em relação ao adulto de referência afetiva em estado de frustração:

Figura 8: Gráfico da estrutura da personalidade ontopsicológica: dinâmica do homem (Relação monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, memes, estereótipos, superego, Eu lógico-histórico).



(Fonte: elaboração do autor, a partir de aulas do Bacharelado em Ontopsicologia, 2024).

A criança diante do mesmo contexto do objeto externo que o satisfaça, encontra-se em um ambiente, em uma situação casual ou ocasional (não causal). O adulto-mãe de máxima referência afetiva em estado de frustração, sente a necessidade de compensar, buscando resolver uma situação utilizando um outro. A criança, ingênua e feliz diante da oportunidade da maçã, o adulto frustrado censura a sua ação com um subcódigo inconsciente e um olhar de ódio chantageador, como se dissesse: “*Você é feio e sujo, está me traindo... se você pegar essa maçã, eu não te amo mais.*” Nesse momento acontecem várias instâncias: o adulto em *estado de frustração*, *contato ocular de afetividade ótica*, reforço do *campo semântico negativo* (*transfert*²⁸ compensativo), somado a *condenação do superego*²⁹ do

²⁸ "O que alguém transfere. Conteúdo emotivo com atitude constelante ou de agregação. Segundo a Ontopsicologia: 1) deslocar a própria necessidade sobre um outro; 2) necessitar o outro segundo a própria necessidade; 3) necessitar um terceiro para dar resposta a uma exigência própria segundo o modo de um precedente *partner* gratificante. É a tentativa de parasitar e clonar o outro segundo necessidades regressivas ou complexuais do sujeito" (Meneghetti, 2021b, p. 274).

²⁹ Existe uma moral externa chamada superego. "O superego é o conjunto dos estereótipos em âmbito social; é a estrutura mais compacta e complexa sobre a qual se sustentam todas as concepções ideológicas, jurídicas e patológicas do social. Ele é o produto da sociedade, que consegue estruturar-se na inseidade organísmica" (Meneghetti, 2022, p. 234).

adulto (“é pecado”, “é proibido”, “é porco”, “é sujo”). A criança diante da situação inesperada é forçada a escolher: agir e pegar a maçã? Ou decidir não pegá-la para não perder o amor e o afeto com o adulto-mãe?

Portanto, nesse momento, a criança decide trair-se pela primeira vez, negando a si mesma para manter o primado afetivo. "A frustração é uma ocasião para a inserção da distorção [...], a criança aproxima-se da mãe porque quer gratificação; a mãe frustrada em subcódigo lhe diz: '*Ou estás do meu lado ou não terás nada!*'" (Meneghetti, 2022, p. 232). "Sofrida a censura, o instinto biológico da criança é reprimido e removido por um Eu em formação sob pressão do monitor de deflexão" (Meneghetti, 2022, p. 231, Nota de rodapé 3). Aquela intenção que era boa, é reprimida em forma de complexo, se dobra em si mesma, se condensa e se precipita. A criança para ganhar na democracia da relação familiar deve adaptar-se, traindo a sua própria natureza. Essa situação, sincronizada ao monitor de deflexão, faz o *imprinting* do *script* e programa todas as próximas experiências. Ou seja, a criança vive a primeira falsidade sobre a qual os complexos (pequenos Eus) se articularão nas fases procedentes da personalidade (infância, adolescência, juventude, idade adulta e velhice), o Eu permanece uniformizado por essa estrutura absoluta, impedindo o sujeito realizar ações criativas.

A criança passa a não ver mais a maçã como boa, mas sim como perigo, assim, estrutura-se a *remoção* da representação consciente do objeto externo, a imagem torna-se então um condensado complexual (pequeno Eu frustrado).

Essa *remoção psicológica* funda-se sobre uma originária atitude biológica de adaptação para sobreviver. Portanto, originalmente, a remoção é a intencionalidade de adaptação própria de cada organismo; a remoção é tão forte quanto o é a intensidade vital de um organismo. Nós somos os precipitados de uma remoção contínua, desde as origens até hoje. Quando não é mais consentida a adaptação primária e a estrutura complexual se solidifica, ocorre a perda da lei vital e a proibição prevalece sobre o instinto vital. O agir do Eu se emaranha em bases desonestas. É como se tivesse medo de ser a si mesmo e então se mimetiza em estranhas funções para não ser compreendido, descoberto. Na dissimulação, mais ou menos inconsciente, ilude-se de obter rapidamente e melhor, uma segurança pessoal. Em tal comportamento esquece que não é a aceitação dos outros que funda o próprio valor,

mas a coragem da própria autenticidade no fazer autóctise histórica. (Meneghetti, 2022, p. 237).

Essa outra dinâmica diversa da lógica da vida tem como efeito a "*b) Esquizofrenia existencial: é o resultado da dinâmica baseada na relação entre monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, estereótipos, memes, Eu lógico-histórico*" (Meneghetti, 2022, p. 150). Nesse caso, a saúde para a criatividade não acontece. Esquizofrenia existencial é um termo muito forte, mas é tão comum diante de uma sociedade fora de si. "Esquizofrenia, do grego σχίζω = eu cindo, divido; φρην = cérebro. Cérebro dividido" (Meneghetti, 2021b, p. 106). O ser humano experimenta dentro de si um estado de perda, impossibilitado de seu inteiro presente dentro de si. Essa divisão que gera o erro constante está entre a ação e potência do sujeito, o monitor de deflexão dispara no inconsciente gerando seus efeitos³⁰.

Dar-se conta da realidade do inconsciente já é um ponto de partida. O sujeito sabendo que tende a ser coagido a repetir, sempre marcado daquele modo, poderá "um dia tornar-se autônomo, se reconfigurar em si mesmo a consciência entre Eu lógico-histórico e Em Si ôntico" (Meneghetti, 2022, p. 241). O ser humano que conseguir controlar o monitor de deflexão, recupera a imensidão da própria alma. Para Meneghetti (2022) deve-se "recupera o inteiro de si mesmo e pode entrar no seu *habitat* psicológico total, que é tudo o que o constitui, justamente à sua natureza específica. A intencionalidade de natureza própria do ser humano" (Meneghetti, 2022, p. 251).

Se o ser humano quer retomar o inteiro de si mesmo é indispensável passar por um *processo psicoterapêutico de autenticação*, para reintegrar, curar e reeducar o Eu ausente para torná-lo presente diante da possibilidade alegre de viver para ser. Afinal, Meneghetti constatou na formalização da Ontopsicologia o sentido da vida: "*O fim da existência humana é a criatividade*. O ser humano não é feito para repetir, mas para evoluir. É como se constantemente devesse subjetivar o objeto, o Eu transforma o mundo como próprio Eu" (Meneghetti, 2022, p. 251). "E isso implica um *tempo longo*, uma *decisão contínua* e *capacidade racional*" (Meneghetti, 2022, p. 287). É uma tarefa paciente do cliente, ter

³⁰ Conforme Meneghetti (2022), os efeitos do monitor de deflexão são: 1º) é a subtração de consciência do Em Si, o sujeito torna-se inconsciente a si mesmo; 2º) ocupação dos primeiros categóricos do comportamento ético. Ou seja, o sujeito assume alguns princípios éticos fundamentais de modo fiel como base para orientar as ações e decisões morais. Age de acordo com esse *script*, essa moral social, independentemente das suas circunstâncias específicas; o 3º) é a experiência de medo e da angústia. (p. 189).

humildade e responsabilidade de mudar, para fazer o processo de desarticular a dinâmica do monitor de deflexão através de contra-hábitos positivos implica inevitavelmente uma revisão crítica da própria consciência em *setting* psicoterapêutico.

O termo "Psicoterapia" é um conceito muito profundo quando se trata de entrar em contato com a realidade do íntimo do outro. Segundo a antiga epistemologia, para Meneghetti (2022), Psicoterapia significa *cuidado da mente*, é uma deferência, uma atitude de inclinação, respeito e consideração total ao sagrado da alma do outro. Por isso para desenvolver e formar³¹ um psicoterapeuta na abordagem ontopsicológica são necessários de 15 a 20 anos. Meneghetti distingue a Ontopsicologia com um objetivo bem específico: “*é um método para autenticar e desenvolver o homem criativo*, mas para obter isso é necessário saber ler a última positividade da natureza humana” (Meneghetti, 2022, pp. 282-283).

O psicoterapeuta fala por lógica semântica, não mental, pois o objetivo é alcançar a dinâmica e encontrar o ponto central do Em Si do cliente, considerando que sua atividade é sempre a longo prazo. Nesse sentido, a psicoterapia, como Meneghetti entende, é a “análise e reintegração da atividade psíquica com metodologia racional e intuitiva, portanto, com exclusão de qualquer meio físico ou químico” (Meneghetti, 2022, p. 285). Ainda, conforme Meneghetti (2022), “o psicoterapeuta deve comportar-se como um cirurgião: enquanto opera dá máxima atenção a tudo, mas assim que termina a operação deve deixar o tempo e a natureza agirem” (Meneghetti, 2022, p. 282).

Diante disso, Meneghetti (2022) argumenta que dentro do inconsciente de cada homem já existe a estrada da inteligência, o modo no qual realizar-se. A inteligência da vida tem a capacidade de atingir ao máximo. Todas as doenças, independentemente do tipo, indicam sempre um erro de comportamento contra a própria natureza. Por exemplo, as religiões, culturas, pontos de vista e afetos oferecem ao sujeito uma máscara social que encobre a sua real identidade, por isso que diante de um erro, a sua inteligência inata da natureza não reconhece o perdão ou boa-fé (p. 283).

³¹ Segundo Meneghetti (2022), existem três fatores base: 1) atitude natural; 2) preparação técnica e, 3) ‘Santidade’, que podemos correlacionar os seguintes questionamentos: possui sensibilidade, curiosidade e amor pelas pessoas? Possui um temperamento ou atitude natural ao ser humano? Agrada verdadeiramente conhecer o outro? (p. 285). Dada premissas, é necessário também três preparações: “a) intuição natural, b) estudo e cultura quase ilimitada (atualização contínua da técnica), c) caráter amadurecido pela vida, sempre aberto a metabolizar o novo (experiência contínua)” (Meneghetti, 2022, p. 285).

Existe uma impostação precisa para agir em psicoterapia: se o psicoterapeuta se conhece por inteiro por como se é, quando tem uma pessoa diante dele, sabe senti-la dentro de si. Todo o radar do nosso corpo é cheio de células informáticas, quando se usa na análise da nossa mente racional com o suporte do campo semântico, é possível identificar e medir as variações energéticas da consciência, do organísmico, monitor de deflexão e superego social do outro, podendo, sobretudo, entrar na sua intencionalidade psíquica. Entendendo que “Intencionalidade, do latim, *id quod et quo intendit, intus actionis* = o que faz e pelo que se faz o dentro da ação. Aquele dentro onde o ser age” (Meneghetti, 2021b, p. 148).

Então, o psicoterapeuta saber ler a intencionalidade psíquica do cliente significa ler o vetor com direção específica do seu mover-se, ou seja, é aquela intenção que faz acontecer, mas não aconteceu ainda. Faz existir, mas não gerou seu efeito ainda. Por exemplo, em psicoterapia, nota-se nitidamente a intenção de erro ou de sucesso do cliente, seja pelo modo como conta ou reclama de um fato, ou até mesmo no modo de vestir-se. Colher essa intenção é saber modificar em causa os possíveis efeitos positivos ou negativos em que o cliente está por agir. Eis a importância do psicoterapeuta ter uma única vida, pois só saberá conhecer de modo exato o outro, se antes é exato, uno e congruo consigo mesmo.

Dada a autenticidade e responsabilidade do psicoterapeuta, é consequência conduzir o cliente a perceber a própria presença na profundidade da raiz de si mesmo. É uma profissão que não se pode viver como as outras, pois se o psicoterapeuta que usa todo de si mesmo para operar, estiver em erro, terá como resultado um desserviço e disfunção ao outro. É sempre um diálogo em dialética com o outro, é Eu-Tu, na condução de resgatar a autenticidade de ser do cliente, pois o psicoterapeuta sempre “procura levar o cliente do Eu disperso como ‘esse’ ao Eu reconhecido em perseidade³² ôntica. Assim, na Psicoterapia Ontopsicológica se conduz ao reencontro do verdadeiro ôntico pessoal” (Meneghetti, 2021b, p. 284), porque o cliente consegue ver as possibilidades que antes não via, vendo o que é útil (que atende a uma necessidade ou fornece benefício em uma situação específica) e funcional (que desempenha sua função de maneira eficaz e adequada) para a identidade si mesmo, podendo realizar escolhas únicas que refletem a sua autenticidade.

³² Perseidade, do latim, *per se*, por si, = "qualidade do que existe por si, independentemente dos outros ou do resto" (Priberam, 2024). Mesma raiz da palavra "Pessoa", do latim, *per se esse* = "ser por si, ser para si" (Meneghetti, 2021b, p. 219).

Mas, como funciona o método da Psicoterapia Ontopsicológica? Segundo a Ontopsicologia, a psicoterapia também de forma bem definida e específica: objeto, método, instrumento, critério e finalidade.

O **objeto** da psicoterapia é a *atividade psíquica*³³ em todos os modos de se manifestar do cliente, seja em seus aspectos evolutivos ou regressivos, de criatividade ou de seus complexos. Meneghetti (2022) explica que quando o cliente pensa, tem consciência de seu pensamento, mas quando formaliza seus pensamentos ou emoções envolve uma distinção entre o sujeito que pensa e o objeto do pensamento ou emoção, ou seja, existe o pensante e o pensado. O pensante é o objeto do psicoterapeuta, que é por meio deste que se chega a colher a causa de tudo aquilo que é manifesto da atividade psíquica (p. 286). “O Em Si ôntico é a radicalidade da atividade psíquica” (Meneghetti, 2022, p. 146). Isso quer dizer que a radicalidade é entendida como raiz, o Em Si do cliente é a raiz do mover-se da atividade psíquica, o Em Si se colhe pela sua fenomenologia.

Meneghetti (2022) observou que um bom psicoterapeuta possui a capacidade de visualizar a atividade psíquica antes que ela se manifeste em consciência, emoção ou efeito somático (p. 287). Assim, por exemplo, o psicoterapeuta é capaz de auxiliar o cliente a eliminar qualquer doença ou sintoma e levá-lo novamente à autenticidade, pois identifica imediatamente a passagem dinâmica a fim de facilitar a correção do desvio do Em Si ôntico.

Agora para isso o **método** do psicoterapeuta com abordagem ontopsicológica é a constante indução bilógica (duas lógicas): 1) a lógica "científica" e 2) a lógica "paranormal". O psicoterapeuta deve usar o raciocínio indutivo-dedutivo segundo os princípios das ciências existentes, portanto a lógica *científica*. E também a outra lógica, a *paranormal*, que se refere a tudo o que a ciência tradicional positivista não reconhece: o subjetivo, o invisível, o imensurável, a intuição, o campo semântico, o sonho. O que seria impensável, deve-se aprofundar, analisar com curiosidade, participando e entrando no íntimo da experiência das coisas que existem e se manifestam na cultura humana, e que não é explicado pelas ciências: "a magia, o mau-olhado, o feitiço, a fé" (Meneghetti, 2022, p. 143). Então, Meneghetti entende que "para compreender o homem é preciso usar todo o homem.

O método ontopsicológico é constante indução bilógica com verificação da

³³ Por atividade psíquica entende-se: “o primeiro e fundamental mover-se do homem, que depois se efetua como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, conhecimento” (Meneghetti, 2022, p. 286).

funcionalidade subjetiva" (Meneghetti, 2022, p. 142-143). Resgata-se aqui a frase de Terêncio, pela sua máxima que exprime a essência da filosofia do Humanismo: "Sou humano, e não considero nada do que é humano estranho a mim". Portanto, a Ontopsicologia se vale dessas duas lógicas para tocar a dimensão humana: "usa a *intuição* e o *raciocínio indutivo-dedutivo*, ou seja, une o conhecimento do *campo semântico* à *lógica da razão*. Não se trata de excluir a razão, mas de *acrescentar o critério organísmico*". (Meneghetti, 2022, p. 143). Portanto, articula sobre a *linguagem do campo semântico*, ou seja, colhendo o impacto que a natureza faz entre o psicoterapeuta-cliente, sempre interceptando os parâmetros da consciência para auscultar o *critério organísmico*; *anamnese afetiva* (relações morais, motivações etc.), portanto, realiza o diálogo com o objetivo de ajudá-lo a lembrar de situações e fatos que podem estar relacionados a sua situação atual; usa *linguagem fisiognômico-cinésico-proxêmica*, expressões faciais, gestos corporais e uso do espaço pessoal; linguagem do sintoma ou do problema, seja ele existencial, econômico, social, moral ou psicológico.

Para fazer uma explanação geral do método, pode-se dizer que a psicoterapia ontopsicológica utiliza de seis linguagens para realizar sua análise ou diagnóstico (Meneghetti, 2022, p. 321-324). O psicoterapeuta utiliza de forma cruzada diversas informações da análises (indução) e, consecutivamente, utiliza a sua intuição como guia, verificando junto ao cliente uma série de informações (dedução). A informação intuitiva é a informação semântica direta do Em Si ôntico do cliente, em antecipação a qualquer elemento cultural, de estereótipos ou de complexos do sujeito. Em resumo, listamos abaixo os seis instrumentos de análise ou diagnóstico, sendo eles:

1) Anamnese linguística e biografia histórica: "A anamnese psicológica é o modo como o sujeito dá as diversas interpretações de si mesmo e do seu autopôr-se. Ela indica a história afetiva onde o sujeito se reportou e estabeleceu as suas coordenadas para centralizar-se sociologicamente" (Meneghetti, 2022, pp. 321-322). Da análise histórica, se analisa o seu passado, seu presente e as suas tendências comportamentais, seus erros, seus resultados, de modo a compreender como funciona o cliente segundo a sua lógica de pensar. Por "linguística" não compreendemos somente falar linguístico, mas sobretudo o modo de estruturar as lógicas e a racionalidade sobre a sua história;

2) Análise do sintoma ou problema: "com o sintoma (ou problema), que é uma linguagem, temos a primeira semiótica" (Meneghetti, 2022, p. 322). Esta análise sobre o particular, seja problema, doença ou carência ou insuficiência, é utilizada em todas as pesquisas de qualquer ciência, porém não basta se não estiver em conjunto à análise anamnésico-linguística. Uma vez que identificamos a doença ou o problema do sujeito, deve ser devolvido ao sujeito de modo a compreender e dar a solução ótima. Lembrando que todo o sintoma é uma fala do corpo, todo o problema é a oportunidade de descobrir o autêntico que está por traz. O problema, se resolvido, para Meneghetti, "é o estímulo de inteligência, dá o *starter* à dialética do devir criativo" (Meneghetti, 2022, pp. 154-156).

3) Análise fisiognômico-cinésico-proxêmica: "examina-se a linguagem do corpo, porque todo o corpo fala" (Meneghetti, 2022, p. 322). Esta análise implica tudo o que diz respeito às expressões corporais, uso do espaço, os microgestos, o modo de vestir, como olha ou arruma o cabelo, etc. A fisiognômico, cinésica, proxêmica é a primeira fenomenologia do corpo. Em cada movimento involuntário – ainda que inconsciente – carrega uma informação precisa de como está aquele indivíduo, "são fenomenologias diretas do campo semântico, a primeira palavra que o campo semântico usa" (Meneghetti, 2018a, p. 208). Fazer a leitura da linguagem corporal tem como função auxiliar o psicoterapeuta a verificar se o que o cliente diz possui conformidade ou não. Meneghetti ainda sublinha que mesmo quem não sabe ler o campo semântico, "se consegue ter a exata leitura da linguagem do corpo, tem de todo modo uma análise exata da natureza. Jamais encontrei deformidade entre essas linguagens e o campo semântico" (Meneghetti, 2018a, p. 208). Existem diversos estudos científicos desse tema e o fato é que existe uma precisão declarada no modo como a pessoa move o corpo. Sua saúde física é um sinal; se cruza os braços ou as pernas, indicam outro sinal, se o psicoterapeuta diz algo e o cliente, o corpo imediatamente informa: surpresa, aceitação, rejeição, entende, não entende.

4) Análise onírica (sonho): A Ontopsicologia possui sua técnica para a leitura do sonho, de como decodificar os símbolos em sua existência. O sonho é um gráfico, que se utiliza das imagens manifestas do Em Si ôntico do sujeito. O Em Si ôntico é como um pintor universal, como um diretor, que faz a cena, que se interessa sempre pela sua própria identidade, que dá a passagem técnica: acusa o problema, mostra a causa e fornece a solução. "O sonho é uma radiografia, um espelho em que as imagens refletem o dado existencial do sujeito" (Meneghetti, 2022, p. 301). "É o exame de como a sua vida julga. É um juízo real e

próximo que a natureza emite sobre o comportamento específico de uma pessoa, em qualquer aspecto" (Meneghetti, 2022, p. 327). Portanto, o sonho é uma fala do Em Si ôntico.

O método para analisar os delineado pela Ontopsicologia baseia-se em três³⁴ princípios universais, aos quais são acrescidas as quatro³⁵ fontes das quais derivam os símbolos e os quatro³⁶ aspectos a serem lidos na cena onírica. Esses últimos oito elementos representam a contextualização de relatividade. Quando se interpreta um sonho é preciso ter contemporaneamente presentes todos os onze elementos; tendo a grelha *passe-partout* desses, o sonho torna-se claro (Meneghetti, 2022, p. 327).

De fato, a grande descoberta da Ontopsicologia está na profundidade que adentra sobre o poder da imagem, como a fórmula ou alfabeto da energia de qualquer indivíduo. Se quisermos de fato mudar um sujeito, é necessário interferir na imagem. A verdadeira psicoterapia faz a mediação e articulação exclusiva das formas ou imagens: é preciso tirar o que acobertam as formas que produzem uma ação, fazer revelar. O ser humano foi feito à imagem e semelhança do seu princípio, portanto, opera de um determinado conforme sua nascente. Contudo, para operar conforme a lógica da vida, é preciso ser exato. Assim, o psicoterapeuta é capaz de alcançar as imagens da vida, distinguindo o que são imagens fixas, constituídas por memórias e experiências passadas. É a partir das imagens inconscientes que em psicoterapia se compreende o que o cliente está fazendo e o que está acontecendo com ele.

5) Análise semântica: A percepção semântica (...) permanece a linguagem total e primeira. Com a interação do campo semântico, tenho condições de colher o íntimo do

³⁴ 1) Natureza causal do símbolo: o que produz; 2) Efetividade funcional para o sujeito: o que produz no sujeito: crescimento ou regressão? O critério é sempre o utilitarismo biológico e funcional à identidade do sonhador; 3) Critério semântico: em que direção vai e a quem símbolo diz respeito? Distingue o sonho verdadeiro do sonho falso. Esses três critérios devem ser aplicados à realidade histórica do sujeito, visto que o sonho varia o próprio significado de acordo com cada indivíduo.

³⁵ 1) Realidade social: o inconsciente forma imagens a partir da realidade do contexto familiar, social, profissional etc. do sujeito; 2) visualização dos instintos: entender a ordem de natureza e saber harmonizar segundo a necessidade de evolução do sujeito; 3) Formalizações semânticas do externo: o símbolo deriva de tudo aquilo que pode ser a imagem captada de semânticas compulsivas externas; 4) Pulsões meta históricas humanidade: formalizações que derivam de constelações psíquicas (núcleos de intencionalidade que formalizam e tipificam).

³⁶ 1) Ação em mutação: a ação indica somente si mesmo no seu como e no seu onde. Como o indivíduo está se movendo naquele momento; 2) O ambiente: é o onde da ação. É a localização do contexto e o âmbito de incidência; 3) Os personagens: pessoas, objetos ou animais, podem identificar características específicas da personalidade do sonhador; 4) Os sentimentos: o quanto de valor que a ação da vida tem em vantagem ou desvantagem ao sujeito.

concreto autopsicionar-se do outro *hic et nunc*³⁷" (Meneghetti, 2022, p. 323). Devido à novidade de leitura técnica do campo semântico, pode-se ler a realidade do outro em antecipação à sua consciência, que se percebe diretamente da semântica do Em Si organísmico do cliente.

6) Análise do resultado: "Através do resultado é possível verificar se o cliente está agindo bem e se está impostando a própria vida de modo certo. O resultado é sempre conforme à análise efetuada em sede ontopsicológica, sem exceções" (Meneghetti, 2022, p. 324). A esse ponto não basta identificar e tomar consciência da causa do problema, sintoma ou doença etc, é necessário sempre identificar a pulsão do Em Si ôntico em situação.

"O mestre de um ontopsicólogo é sempre o Em Si do outro" (Meneghetti, 202, p. 288). Então, uma vez que se reencontra a intenção do Em Si ôntico do cliente, expressada em vitalidade, o psicoterapeuta descobre e aprende o modo específico da identidade única de seu cliente, para depois, portanto, verbalizar ao Eu do cliente o novo modo de sua realidade em ato. Nesse momento em que o psicoterapeuta sabe humildemente como ajudar o cliente a evoluir, é sempre indispensável a responsabilidade e decisão voluntária do cliente. (Meneghetti, 2022, p. 288).

Cabe destacar que o **instrumento** da psicoterapia é o *diálogo*, "que se articula sobre fenomenologias subjetivas e objetivas existenciais" (Meneghetti, 2022, p. 288), onde o psicoterapeuta interage sempre usando o suporte da novidade objetiva do campo semântico manifestado pelo Em Si do cliente.

O **critério** é o *Em Si organísmico* do psicoterapeuta, ou seja, faz o uso de seu cérebro viscerotônico, que é o sistema nervoso presente na região visceral da barriga (não é o cérebro racional). "O cérebro viscerotônico é a primeira fenomenologia mais física e mais emocional do Em Si organísmico" (Meneghetti, 2022, p. 288).

A **finalidade** primária e única em Psicoterapia é a *autenticação do cliente*, isto é, reintegrar ou conscientizar a natureza original do cliente, sempre em antecipação a qualquer cultura posterior não congruente. Portanto, a cura em sentido psicoterapêutico (psicológico, emocional ou físico) é o efeito secundário por consequência do comportamento e da decisão do cliente. "O sintoma é a reprovação ou a promoção de todo psicoterapeuta. Enquanto o

³⁷ Tradução: neste exato instante e local.

sintoma persiste ou muda de máscara, significa que ou o cliente não executou o que lhe foi aconselhado em terapia ou a disciplina psicoterapêutica é falsa” (Meneghetti, 2022, p. 288). Portanto, a tarefa fundamental da psicoterapia "*é recuperar a integridade de consciência sobre a informação orgânica*, de outra forma a ciência é impossível" (Meneghetti, 2022, p. 78).

A fim de exemplificar o método da Psicoterapia Ontopsicológica, vejamos um exemplo sintético dado por Meneghetti:

O ontopsicológico, na sua análise, parte da intuição conduzida através da leitura das seis linguagens diagnósticas, com as quais faz uma diagnose completa (*indução*); sucessivamente demonstra fenomenicamente a intuição (*dedução*). A intuição é a semântica unidirecional do Em Si, em antecipação ao monitor de deflexão, aos complexos, aos estereótipos culturais e logísticos da sociedade. A *indução* é a pesquisa dos elementos para chegar à exatidão. A *dedução* é a partida de elementos já demonstrados. Uma vez que o ontopsicológico tem a intuição da situação do cliente (através da comparação do que é evidenciado pelo campo semântico), procede através da indução, fazendo algumas provas ("vejamos se isto... etc."). No final demonstra a causa do sujeito, através da dedução ("Portanto, é assim... verificando isso... está mal porque quando menino teve isso") [...]. Contata-se o cliente através da percepção do campo semântico. Depois do impacto com ele, faz-se a análise da situação, unindo – à análise efetuada através da percepção do campo semântico – a análise efetuada pela leitura das outras linguagens (...): evidencia-se o estado do cliente, o complexo, e intercepta-se o fim primário. Para curar, não basta fazer o levantamento da causa da patologia ou do problema do cliente, mas – além disso – *é preciso encontrar a pulsão do Em Si ôntico em situação* (Meneghetti, 2022, pp. 143-144).

Meneghetti (2022) destaca que a metodologia ontopsicológica enfatiza três preparações essenciais por parte do psicoterapeuta: a) a *bagagem de conhecimentos acerca da teoria ontopsicológica*; b) a manifestação da *autenticidade da pessoa*, o psicoterapeuta deve ser exato, o que implica um processo de constante metanoia para se afastar da rigidez dos estereótipos sociais e não atuar mais como parte do sistema; c) o *domínio do campo semântico*, o qual é válido somente para aqueles que possuem o conhecimento completo da Ontopsicologia e passaram pelo processo autenticação e metanoia. É destacado que esses

três aspectos devem estar presentes simultaneamente para um funcionamento preciso da metodologia (pp. 144-145).

Diante disso, podemos dizer que o processo de resgate da fala autêntica em psicoterapia ontopsicológica se faz possível pela realidade do Em Si ôntico em situação do cliente. Quer dizer, por meio do diálogo, por mais que o cliente possa falar com um discurso preciso, claro e bonito, demonstrando em suas palavras estar bem, encontra-se uma outra realidade que indica o contrário. Com a diagnose completa, demonstrada fenomenicamente a intuição e a leitura do campo semântico, ao final o sonho é o xeque-mate que dá sempre dá o ponto exato de síntese, todas as linguagens diagnósticas acenam as hipóteses que levam ao mesmo caminho para chegar na tese, na identificação do real problema. Nesse momento, acontece a ruptura no discurso falso do cliente, onde as disparidades entre a autoconcepção consciente do cliente se tornam evidentes, seja para o psicoterapeuta, quanto para o cliente.

O conjunto das análises da Ontopsicologia acusam e sinalizam se o sujeito que fala, verbaliza ou comunica aquilo que está sendo naquele momento. Existem casos, por exemplo, na psicologia tradicional, que a pessoa pode falar sobre si por anos, sem jamais tocar a realidade de si mesmo. Por isso que a psicoterapia com abordagem ontopsicológica se distingue por utilizar o método com a realidade das três descobertas, sempre levando em consideração a descoberta principal, o critério de natureza – o Em Si ôntico do cliente –, utilizando as seis linguagens diagnósticas, sobretudo o sonho.

CAPÍTULO III

PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA: DO DIÁLOGO À FALA AUTÊNTICA

Recuperando o propósito central que direciona o cerne da investigação, questiona-se como o diálogo na psicoterapia ontopsiológica pode propiciar a emergência do fenômeno na expressão autêntica? A partir do campo semântico, conforme análise ontopsiológica, é possível discernir que tal fenômeno emerge devido à existência de um critério ético humano, o qual é o Em Si ôntico.

A Ontopsicologia parte sempre das três descobertas: Em Si ôntico (critério de natureza de como a vida fala em cada indivíduo humano), campo semântico (comunicação universal, transferência de informação) e monitor de deflexão (distorção). Compreender as dinâmicas que ocorrem dessas três descobertas consente ao psicoterapeuta exato e capaz operar e conduzir-se à identidade ôntica do cliente, porque o movimento de análise verifica três aspectos: "quem é, o que faz, porque o faz. Portanto: identidade do ser, identidade de ação e identidade de fim" (Meneghetti, 2016, p. 228). O psicoterapeuta busca identificar se tem diante de si uma unidade de ação e se é função para si mesma, compreender qual a pulsão de vida que se manifesta naquele cliente (Em Si ôntico), ao mesmo tempo se percebe as informações para além do verbalizado (campo semântico), tão logo se vê o que é distônico de sua identidade (monitor de deflexão). Dentro do campo semântico, percebe-se claramente que o Em Si ôntico representa uma sutil presença de vida, enquanto o monitor de deflexão é ruidoso, denotando constantemente a crise do estado fora de si.

3.1 O diálogo como ocasião

Agora, para que tudo isso aconteça, o instrumento da Psicoterapia Ontopsiológica é o diálogo. O diálogo é uma ocasião para evidenciar e reposicionar quem se é. "Ocasião", segundo a sua raiz etimológica, do latim "*occasio*" significa "momento propício, oportunidade, facilidade, vantagem" (Priberam, 2024). Essa ocasião é uma oportunidade com um objetivo específico e contínuo: "reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização" (Meneghetti, 2022, p. 145). O objetivo é sempre a autenticação

do cliente, uma busca para reorganizar a estrutura de seu Eu, reportando-o, devolvendo-o de volta para sua casa por como o Em Si ôntico age naquele indivíduo: é distinto, único e irrepetível em cada ser humano, porque, como descrito o Em Si ôntico, possui a sua lógica universal, mas se manifesta de forma singular e específica em cada pessoa.

Como o Em Si ôntico é sempre criativo, existe também uma novidade a ser descoberta por ambos. O psicoterapeuta usa o *diálogo em dialética*, uma constante escuta ativa para interagir com a realidade do cliente. Assim, o diálogo é o instrumento crucial para articular e compreender a dinâmica em questão, centrar a unidade, mas a mão que efetivamente manuseia esse instrumento é sempre a autenticidade do psicoterapeuta que conduz o processo. Existe uma postura humana muito humilde, séria e responsável em psicoterapia ao entrar em contato com o íntimo do outro, é como se entrasse com vestes brancas, de joelhos, de modo simples para encontrar a alma do outro.

O conceito de "diálogo" compreende *um processo de conhecimento através da palavra*, que se articula sobre aspectos subjetivos (inconscientes) e objetivos (conscientes) do cliente. Assim, "um psicoterapeuta jamais fala por lógica mental. As suas palavras são como *iceberg*: movem-se pequenas fora, mas com o próprio campo semântico alcança dinamicamente tudo" (Meneghetti, 2022, p. 308). O psicoterapeuta, ainda, faz o uso das palavras para *entrar e articular* as manifestações existenciais da pessoa, que tem como objetivo *centrar a dinâmica*. Esse *diálogo acontece em dialética*, que significa que na relação psicoterapeuta-cliente, o psicoterapeuta faz uso do diálogo para acessar o mundo do cliente. "Dialética" possui a mesma raiz de "diálogo", porém, dialética se refere a uma ética – postura, posicionamento ou conduta do psicoterapeuta – que necessita de um posicionamento ético para com o outro.

Então, o *diálogo em dialética* com o cliente é quando o psicoterapeuta age de um determinado modo, se valendo do uso de toda a linguagem, vocabulário e cultura específica daquele cliente para que ele próprio possa entender o que precisa fazer para mudar. A fala é um recurso que não é conduzido por uma lógica mental, mas pelo campo semântico, por isso a cada cliente, o psicoterapeuta precisa encontrar essa forma de fazê-lo encontrar o ponto de passagem.

Um outro conceito fundamental em Ontopsicologia, que possui a mesma raiz de "diálogo" e "dialética", é o conceito de "díade", do grego, δύο = dois. Na acepção de Meneghetti (2021, p. 81) isso significa um "*movimento a dois, no qual um movente não pode*

agir sem o coincidente heteromovente", no qual a ação de um indivíduo (movente) está intrinsecamente ligada à presença e participação simultânea de outro (coincidente heteromovente), destacando a interdependência entre essas dois indivíduos ou mais. Essa díade pode ser positiva ou negativa e, em qualquer relação, e sobretudo em âmbito clínico, a díade é uma realidade que não é possível eliminar. Toda a vida é díade, mesmo distante de tudo e de todos, não se vive isolado no mundo, porém, dos diversos modos de díades, a primeira e fundante que se estabelece é a díade ser-existência. Esta é a díade mais importante, que sustenta, é a relação com o Ser.

Além dessa díade do princípio da existência, ocorrem diversas relações de díades na sociedade, como a díade com o adulto-mãe estabelecido na primeira infância influenciando diretamente na formação da personalidade do indivíduo. Nesse sentido, afirma Meneghetti que "o risco é que a criança aprenda um modelo comportamental que não é funcional fora da relação com a mãe. A família funciona como um 'chip', isto é, a placa que consente a passagem energética apenas na direção prefixa" (Meneghetti, 2021b, p. 83) e, com isso, o sujeito passa a fazer escolhas segundo a influência desse programa.

No entanto, aqui vale ressaltar e especificar os tipos de díades que Meneghetti descreve. A psicoterapia ontopsicológica consiste também em restabelecer a relação da díade com o Ser, ou seja, a díade primária, aquela que se baseia na dinâmica evolutiva do ser humano: Em Si ôntico, Eu a priori e Eu lógico-histórico. "Esse é o critério com o qual o Em Si julga o ato histórico: quanto vale a minha ação aqui e agora em relação ao Ser?" (Meneghetti, 2021b, p. 85). Para resumir o conceito de díade, Meneghetti (2021b, pp. 85-86) fez uma síntese sobre os quatro tipos de díades fundamentais. Essa tipologia ajuda compreender que tipo de diálogo estamos estabelecendo (ou devemos estabelecer) em psicoterapia ontopsicológica. São elas:

- 1) **Díade tanático-regressiva:** conforme Meneghetti (2021b), é a relação patológica mãe-filho, na qual o núcleo materno é fagocitante, ou seja, é uma relação patológica na qual a mãe exerce um controle excessivo, absorvente sobre o filho, reduzindo-o, como se estivesse "engolindo" ou "devorando" o filho emocionalmente. É tanático, que é relativo à morte (p. 85). Na relação mãe-filho³⁸, isso pode se manifestar como

³⁸ Qualquer relação que reproduz essa díade: mãe-filho, professor-aluno, gestor-colaborador etc.

uma intensa dependência, medo de separação ou dificuldade em lidar com conflitos emocionais

- 2) **Díade repetitivo-obsessiva:** para Meneghetti (2021b) o indivíduo, ao se encontrar incapaz de resolver seus conflitos, muitas vezes se vê compelido a repeti-los (acionado pelo monitor de deflexão, complexos, memes, estereótipos etc), e assim fica impossibilitada a criatividade do sujeito. O indivíduo é fixado dentro do ciclo biológico e se encaminhará ao envelhecimento precoce (pp. 85-86).
- 3) **Díade evolutiva:** está permanentemente conectada com a vida, é uma relação provocatória e estimulante ao nascimento do Eu. Verifica-se, por exemplo, quando na relação é garantida a evolução de ambos. Meneghetti ainda distingue "em díade provisória atuante, quando é uma relação que dá amplificação temática (de identidade e função) à unidade de ação, e díade metafísica, quando o impulsionante evolutivo é diático ôntico" (Meneghetti, 2021b, p. 86).
- 4) **Provisória-ocasional:** "são relações típicas de trabalho, amizade etc." (Meneghetti, 2021b, p.86). Ou seja, refere-se a relações temporárias e eventuais, como aquelas encontradas em situações de trabalho (gestores, colaboradores, fornecedores, clientes etc) e de amizades, caracterizadas por ser encontros provisórios que acontecem ocasionalmente no dia a dia, existe uma certa neutralidade, pois existe um início, meio e fim, que duram aquele tempo determinado.

Dessas díades, destacamos que as díades tanático-regressiva e repetitivo-obsessiva são inerentes à lógica do monitor de deflexão. De outra maneira, a díade evolutiva é Em Si ôntico com Em Si ôntico, e a provisória-ocasional são relações de passagem.

No contexto da psicoterapia ontopsicológica, essa distinção de díades é fundamental para o trabalho terapêutico, permitindo que o diálogo ocorra de fato e promova a autenticidade do cliente. O psicoterapeuta capaz propicia a construção dessa passagem na relação psicoterapeuta-cliente, ou seja, da díade provisória-ocasional à díade evolutiva. Por isso cabe ao psicoterapeuta elucidar para si os três critérios que Meneghetti (2021b, pp. 86-87) definiu para desenvolver uma relação vencedora, sendo elas:

- a) **Auscultar a resposta organísmica:** a reação e percepção visceral. O psicoterapeuta precisa vigiar o particular dos impactos emocionais. Trata-se de gerir com muita

atenção a entrada e a saída de cada impacto. Seja em relações que duram poucos segundos, ou naquelas que duram minutos, horas ou mais. No momento em que se está para fazer o impacto, é necessário deter-se um instante, de modo a ter tempo de perceber e auscultar os sinais orgânicos.

- b) **Jamais perder de vista o escopo ou a motivação da relação:** o psicoterapeuta precisa ter claro qual é o objetivo daquele trabalho, não se deve poluir com emoções afetivas, sexo, interesses etc.
- c) **Profissionalismo e profunda dignidade de si mesmo:** significa que o psicoterapeuta deve manter uma conduta profissional impecável durante toda a relação terapêutica, agindo de acordo com os princípios éticos, respeito, empatia e confidencialidade em relação ao cliente. Além disso, existe a sua dignidade construída pelo mérito da sua trajetória enquanto maturidade de pessoa e profissional.

Nesse diálogo cabe abordar aqui uma outra perspectiva acerca das características do diálogo: o *transfert* em psicoterapia. No entendimento de Meneghetti (2021b), transfer vem do latim "*transféro* = ele transfere, especificamente um conteúdo emotivo com atitude constelante ou de agregação [...]. É a tentativa de parasitar e clonar o outro segundo necessidades regressivas ou complexuais do sujeito" (Meneghetti, 2021b, p. 274). Meneghetti discorre sobre a temática em seu livro intitulado "*Io Odio il Transfert*" (Eu Odeio o *Transfert*) (1982), no qual observamos uma correlação pertinente com o assunto objeto de estudo, concernente à transferência de algo que perdura, ou seja, os papéis ou *personas* do terapeuta e do cliente que emergem de maneira inflexível, rígida e estática, resultando, de fato, na impossibilidade de estabelecer diálogo.

Esses "papéis" são máscaras que podem enrijecer, sem perceber – tanto para o psicoterapeuta quanto para o cliente –, podendo impedir que o diálogo genuíno aconteça, pois essa disponibilidade aberta é indispensável para acontecer a fala autêntica. Portanto, não é uma tarefa fácil, mas é substancial considerar que, mesmo diante da possibilidade do diálogo genuíno acontecer para emergir a fala autêntica, o psicoterapeuta deve constantemente verificar se não está entrando em automático. É necessário romper esses papéis e vigiar o ponto de *feeling* na relação (erótico, afetivo etc), pois pode-se gerar uma confiança excessiva baseada em afetos, não em fatos. Por isso, é importante ao técnico se

valer sempre dos três critérios para uma díade vencedora, conforme o tópico anterior. Não podemos esquecer que o psicoterapeuta é um técnico, não é um substituto das relações afetivas do cliente.

Meneghetti então apresenta as especificações do *transfert*: "O cliente sempre faz *transfert* e o psicoterapeuta, para ser capaz da sua verdade, não pode aceitar nenhum tipo de *feeling*, porque perde autoridade sobre o cliente³⁹" (Meneghetti, 2016, p. 234). Nesse sentido:

O verdadeiro motivo do *transfert* não é, como entendia Freud, a necessidade de repetir o primeiro amor ou de encontrar um outro sobre o qual investir a primeira modalidade aprendida de investimento sexual ou erótico, mas é necessidade *de continuar a encobrir escolhas que complicam socialmente*, escolhas consideradas perigosas, na autoridade de um outro adulto – o professor, o mestre, o psicoterapeuta, – como uma vez era a mãe: a mãe perdoava, o pai perdoava e tudo acabava bem (Meneghetti, 2016, p. 234).

Sobre essa questão, Meneghetti (2016) traz um exemplo da relação psicoterapeuta-cliente, onde o cliente pode pensar: o psicoterapeuta sabe, portanto, está tudo bem, porém, para a vida não existe o papel do psicoterapeuta ou o papel da mãe, o sujeito entra em esquizofrenia e em perversão envolvendo e ocupando o outro através do *transfert*. Em verdade, sente-se a necessidade de ser compreendido, alegando não ser entendido a sua falsa verdade (p. 234). Esse é o problema da transferência: "o *transfert* é a busca daquele que perdoa, que gratuitamente dá o aval para continuar a manter a eternidade do infantilismo e do 'nanismo psíquico'" (Meneghetti, 2016, p. 234). E com o critério do campo semântico esse teatro infantil é identificado.

De modo geral e amplo, a essência do *transfert*, conforme Meneghetti, são duas: 1. "A necessidade de ser compreendido por um outro, sem mudar" (Meneghetti, 2016, p. 234) e 2. "O processo de investimento da própria perda e da própria doença sobre um outro mais vital, mais potente, mais eficiente" (Meneghetti, 2016, p. 234).

³⁹ "O sexo e a emoção são sempre, constantemente, em dano do profissionalismo da psicoterapia. Por isso, quando houve um fato de conexão sexual ou emotiva, é preciso mandar o cliente fazer as entrevistas com outro psicoterapeuta" (Meneghetti, 2016, pp. 233-234, nota de rodapé 27).

Outro aspecto interessante que pode ocorrer nesse diálogo é o silêncio em psicoterapia. Meneghetti (1982) traz uma visão acerca dos famosos silêncios – das pausas –, na psicoterapia tradicional, a fim de propiciar um momento de reflexão do cliente referente à própria situação problemática ou complexual ou de remoções, porém diante da recuperação lenta do Eu, na realidade repropõe e reativa no externo, uma situação de remoção, idêntica à forma de inibição, de tabu, que desde criança nós sofremos diante de pessoas autoritárias, mesmo no sentido afetivo. Por isto, quando um psicoterapeuta isola no silêncio o cliente, ele reativa a mesma solidão angustiante de quando nos pressionaram quando éramos pequenos, ou seja, esse silêncio, desse modo, pode não facilitar a tomada de consciência (pp. 37-38). "O silêncio diante de um outro, se não é amor (porque só aqui o silêncio se torna construtivo) acentua a castração do eu, acentua a diminuição de segurança, confirma a angústia" (Meneghetti, 1981, p. 38).

3.2 Os níveis do impacto psicoterapêutico no diálogo

Meneghetti descreve assim alguns princípios teóricos que fundamentam os níveis desse diálogo no impacto psicoterapêutico ontopsicológico, especificando quatro níveis para chegar na análise e intervenção completa. No *primeiro nível* temos o primeiro impacto de conhecimento para perceber a unidade de ação ou informação psicossomática. Por "psicossomática", Meneghetti (2021) compreende: "a unidade hilemórfica (matéria = corpo, forma = alma) que é a unidade de ação do homem" (Meneghetti, 2021, p. 233). Existe sempre uma impostação da atividade psíquica com efeito somático. Nesse processo, conforme o mesmo autor, "o psicoterapeuta deve fazê-lo em cinco, seis entrevistas para ter a informação particular e global do sujeito" (Meneghetti, 2016, p. 228, *nota de rodapé 21*). Nesse primeiro contato deve-se analisar com os critérios da cinésia, da fisionômica, da proxêmica, da anamnese. Examina-se a linguagem do corpo e sua história, o que conta, como explica e por que se expressa.

No *segundo nível* temos a busca de compreender o quanto a pessoa se autoconhece, o quanto entende de si mesma; portanto, é necessário deixá-la falar, solicitando informações mais abrangentes, sobre como sente e se percebe. Normalmente, o cliente não sabe a si mesmo. Nesse impacto com ele, o psicoterapeuta vê diante de si uma identidade de existência

com sua presença bem definida, posteriormente nota a diferença entre aquilo que a pessoa fala e aquilo que percebeu no impacto. Nesse momento pode perceber, através da percepção organísmica⁴⁰ do campo semântico, o quanto o falar do cliente possui unidade ou presença, se é um falar autêntico, genuíno, original, ou seja, existe reversibilidade com o que o cliente fala e o que o psicoterapeuta percebe? "Se uma pessoa, enquanto fala, é verdadeira, também o seu campo semântico assinala uma presença em conformidade às palavras, ou seja, palavras e emoção fazem uno" (Meneghetti, 2015a, p. 107). Ou, se sua fala não possui presença no que diz, é uma fala sobre falas, como a fala secundária, palavreado, o psicoterapeuta o percebe cindido, dividido, como se fosse um disco que toca na rádio de forma repetitiva.

Para o psicoterapeuta, diante do cliente que faz presença de seu Eu Si ôntico, é muito clara a percepção quando ausculta em si mesmo em suas variações orgânicas. Conforme menciona Meneghetti (2015), quando um cliente sabe verbalizar a si mesmo e é consciente dos gestos que faz, "fala coincidindo com as emoções perceptivas que tem, seja em referência a si mesma, seja ao ambiente; demonstra que o seu Eu é capaz de objetivar-se e dar funcionalidade a todo o aparato psico-orgânico do qual é dotado existencialmente." (Meneghetti, 2015e, p. 244).

Também a Ontopsicologia pode ser compreendida não como fato de vida, mas como organização do saber. Ao contrário, se o sujeito verbaliza "estando" naquilo que diz, ele experimenta primeiro um momento de percepção ôntica do fato, ou seja, é e sabe de maneira imediata e síncrona, depois tem a dificuldade de como mediá-lo ao externo. O fato é: o problema é como dizê-lo. Traduzi-lo em palavras é ordem lógico-racional. (Meneghetti, 2015e, p. 244).

Um cliente que não sabe verbalizar momento a momento o quanto existe, demonstra a própria distorção ou carência que tem em relação ao seu modo de existir, manifesto no Eu, corpo, espaço, emoções etc. "Nesse segundo nível procura-se ativar uma empatia: o psicoterapeuta deve entrar como *expert*, com ordem dentro do outro não para ocupá-lo, mas somente para servi-lo" (Meneghetti, 2016, p. 229). Isto é, entrar em "empatia" com o cliente

⁴⁰ Relembrando, o conhecimento do campo semântico se obtém por meio do critério organísmico, instrumentalizar o radar do próprio corpo. "O conhecimento organísmico é conhecer o outro através de mim" (Meneghetti, 2023a, p. 113).

significa, "do grego ενσυναίσθηση, em-pátheia, (pathos/paixão)" (Priberam, 2024), a capacidade psicológica de sentir a emoção ou de se colocar no lugar o cliente, oferecendo um suporte e orientação para encontrar a passagem de solução. É uma relação mútua de vínculo de confiança e colaboração, sempre respeitando o limite do livre arbítrio do cliente.

No *terceiro nível* se pode fazer inúmeras intervenções com o diálogo em dialética – se valendo de toda a diagnose feita – agindo de um determinado modo, usando o vocabulário da cultura do cliente. Por exemplo, existem palavras que para determinado cliente se ditam o *start* do gatilho mental que ativa os complexos, fazendo-o entrar em resistência. E, existem certas palavras que entram com facilidade de compreensão no cliente, dando o real, a verdade, tocando um particular que move dinamicamente tudo. É uma arte da psicoterapia encontrar – por meio da sua exatidão – a sua fala autêntica que *toque* em novidade o outro, algo dito pela primeira vez, sem jamais ter verbalizado daquele modo, porque a cada cliente se cria um estilo em dialética ao experimentar o novo em si mesmo. Destaca-se que tocar “é um termo muito forte, faz imediatismo de realidade: de mim que sou, fundo o meu real. Tocar, do latim, *tecum ago* = sou ação em ti, ajo contigo, agimos juntos, aconteço contigo” (Meneghetti, 2022, p. 166, nota de rodapé 5).

Em um exemplo, um cliente que manifesta um certo tipo de complexo de inferioridade busca ajuda de um profissional por várias vezes para discutir suas preocupações. O psicoterapeuta aborda repetidamente essa questão, visando auxiliar o cliente a compreender os comportamentos e crenças que o limitam e o levam a se perceber de maneira inferior ou diminuída. Contudo, encontra-se em dificuldade de mudar e relativizar essa visão sobre a pequenez de si mesmo. Depois de um tempo, procura um outro psicoterapeuta, leva suas questões de problemas e desafios de desenvolvimento profissional, esse psicoterapeuta não usa nenhuma palavra com conotação de inferioridade, mas traz uma outra abordagem e diz: *chegou o momento de você tornar-se adulto*. Ambos disseram a mesma coisa, só que por caminhos diferentes. Para esse cliente, a expressão "tornar-se adulto" representou um momento de coragem e criatividade que ressoou com seu Em Si ôntico, em vez de ser associada a uma sensação de diminuição. Nem sempre se resolve o problema falando do problema, portanto, o diálogo é uma ocasião e aparente distração (do monitor de deflexão) para encontrar uma outra via de saída (percebida por campo semântico a partir do Em Si ôntico do cliente).

O diálogo em psicoterapia deve sempre levar em consideração um *diálogo com dialética*, adotando um novo posicionamento ético (mental e comportamental) para encontrar o ponto que faz o Em Si ôntico aparecer, *é uma arte o manejo das palavras da dinâmica de vida*. Existe a linguagem e o estilo da alma de cada cliente que o faz compreender, sem acionar o monitor de deflexão (seus complexos etc.). Isso significa que se o cliente só fala português e o psicoterapeuta decide falar em mandarim, esse não acessará jamais a realidade do outro, pois não é o vocabulário ou a cultura do cliente, mas se usa o português em consideração a cultura do outro, aí então se faz dialética. Por isso que esse processo implica um processo por um longo tempo, com uma decisão contínua e capacidade racional por parte do cliente.

O ponto sempre é o Em Si ôntico em situação, se calcula e considera o monitor de deflexão, mas sem jamais confrontar ou indagar o ponto que fecha as portas do Em Si do cliente. O Em Si ôntico em situação quer dizer que naquele momento existe algo a ser trabalhado, se fosse ontem não seria, se fosse amanhã tudo já estaria mudado. Se o psicoterapeuta quer de fato ajudar o outro, é necessário que entre nos fatos do que o cliente diz, conduzi-lo de tal maneira que leve o seu Eu lógico-histórico ao contato com seu Em Si. Conforme Meneghetti (2015e), o psicoterapeuta auxilia o cliente a obter uma visão completa da realidade, superando a perspectiva parcial que pode levar a enganos causados por complexos ou mecanismos de deflexão. (p. 245).

Nesse contexto, além das intervenções, a verificação mais essencial e mais rápida é a análise do sonho. Antes de tudo, é fundamental compreender esses três níveis, permitindo inicialmente que o cliente expresse seus pensamentos e identifique o ponto central. Em seguida, é essencial prepará-lo para a compreensão daquilo que é mais íntimo ao ser humano e que, nos dias de hoje, tem sido frequentemente desconsiderado ou negligenciado como uma fonte de informação: o próprio sonho. O sonho é o exame final que dá a evidência que não é o psicoterapeuta que fala, mas é o próprio Em Si ôntico do cliente que assinala a sua situação existencial do momento: acusa o problema, mostra a causa e fornece a solução. "O sonho em todos os tempos e em todas as culturas foi visto como mensagem, como informação importante, quase divina" (Meneghetti, 2016, p. 229). A Ontopsicologia lê a informação exata que a natureza do cliente expõe. "O sonho é radiografia, é um reflexo atual: basta

possuir o código para ler esse videograma e se possui a exata impostação do sujeito do ponto de vista do seu Em Si ôntico" (Meneghetti, 2016, p. 229).

Cabe ressaltar que AmatuZZi e os autores por ele citados, como Merleau-Ponty, Martin Buber e Carl Rogers, apesar de conceituarem e distinguirem de forma bastante clara a fala autêntica, baseando-se em análises e contribuições das visões de suas práticas e teorias, não enfatizaram a possibilidade de verificação da fala autêntica. Por esse motivo, consideramos a importância da Ontopsicologia de Meneghetti, em especial a psicoterapia ontopsicológica, uma vez que incorpora em seu método a verificação da autenticidade (fala autêntica, nesse sentido) com base no critério ético do humano definido Em Si ôntico.

Por fim, no *quarto nível* se identifica a causa do erro do cliente a partir do sonho. Por isso que em Ontopsicologia é possível racionalizar a solução e dar a diretiva. Uma vez que o cliente conta o sonho, o psicoterapeuta sabe qual é a situação geral. Dessa análise da situação geral é posteriormente analisado no particular, na vida cotidiana do cliente, onde executa suas ações, vive suas relações (trabalho, família, universidade etc). Para compreender todos os aspectos particulares de mudança e correção do Eu, é necessário fazer o *training* em psicoterapia de autenticação ontopsicológica para descobrir o inconsciente. Ou seja, primeiro o cliente precisa chegar a essa experiência por evidência e entender que há uma parte dele que vive e age fora dele inconscientemente. Não cabe ao psicoterapeuta explicar tudo, mas é por meio da autenticidade da sua personalidade, com o impacto campo semântico, que faz a intervenção direta:

O psicoterapeuta não deve explicar, mas reposicionar do início uma personalidade segundo a sua originalidade⁴¹. É preciso levar o cliente com a sua consciência, a ver o seu subterrâneo, onde existem outros habitantes que trabalham de noite na sua casa: os complexos (Meneghetti, 2016, p. 230).

Para cada Em Si ôntico existe a forma de como ser cultivado. Para cada cliente, existe o *design* daquele diálogo. Para alguns clientes, explicar em demasia racional é dar cartas coringas ao monitor de deflexão assimilar e construir outros caminhos para desviar. Por isso que em Ontopsicologia muito se diz: *primeiro se faz, depois se entende*. O Em Si ôntico não se pensa, só ama e faz. A evidência é sempre o ponto de partida. Em psicoterapia, para curar,

⁴¹ "A mãe, a família construiu o sujeito com base nas leis sociais: o psicoterapeuta deve reconstruí-lo em base no original do Em Si ôntico" (Meneghetti, 2016, p. 230, Nota de rodapé 24).

bastam poucas entrevistas, mas para formar um outro psicoterapeuta, é necessário o *training* de autenticação contínuo. Não basta um ano, porque existe também a resistência. Conforme Meneghetti, "a resistência é a permanência de atitudes antigas que insistem, sobrevivem não obstante das experiências presentes; é uma parte do sujeito que se opõe ao melhor do seu total" (Meneghetti, 2016, p. 230). Portanto, o psicoterapeuta não deve acreditar que o cliente entenda tudo imediatamente, o resultado deve ser visto não apenas pelos fatos, mas também pelos seus sonhos.

É muito importante ter a máxima atenção quando o cliente conta o sonho, porque a expressão verbal tem sempre um momento sinérgico com o soma ou com a parte somática atinente ao símbolo onírico. A um certo momento, durante o verbalizado onírico, a parte específica do corpo sublinha com evidência e exaltação, dá o testemunho da gráfica do sonho (Meneghetti, 2016, p. 230).

Para tornar mais visível a funcionalidade do sonho segundo a metodologia da Ontopsicologia em sede clínica, Meneghetti faz uma síntese dos tipos de sonhos e o quanto a imagem do passado influencia diretamente na sua atualidade. Para o autor:

Toda vez que o sonho reporta a infância, significa sempre regressão, perda de realidade atual. Quanto mais uma pessoa se vê atrás no tempo, mais é inferior ao seu presente. Hoje a pessoa sabe falar, sabe ganhar, sabe fazer tantas coisas, mas como administra essa rica realidade de hoje? Com o metro de deficiência de quando era pequeno. O passado diz que uma grande oportunidade é gerida por um infantil e no final é um desastre porque o sujeito é incapaz, não está à altura do potencial que é hoje (Meneghetti, 2016, pp. 230-231).

A palavra mais importante em todo o processo de autoconhecimento é a escolha. Se a pessoa verdadeiramente quer ter uma vida melhor, chegar à altura de seu potencial é preciso mudar. A autonomia do cliente é inviolável, podendo-se abordar todas as questões, exceto sua liberdade. "A vida deve permanecer 100% em suas mãos, não por um fato moral, mas por um fato clínico, prático, de cura. Se o cliente não escolhe, não acontece nada; se ao invés disso está bem quer dizer que mudou" (Meneghetti, 2016, p. 230). É no sonho que se verifica se o sujeito acerta ou erra a impostação da sua vida, não há como enganar.

Com o *training* de autenticação, é preciso fazer uma análise profunda até compreender a dinâmica da primeira diáde estabelecida na infância até a matriz reflexa.

Meneghetti ainda reforça e especifica que, "não se trata de mudar externamente, mas de refazer o original de si mesmo desde o princípio, porque é o próprio sujeito o protagonista dos seus insucessos" (Meneghetti, 2016, p. 231).

3.3 A “fala autêntica” na Ontopsicologia

Meneghetti nos traz para compreensão que "todos os instrumentos das ciências têm uma margem de erro, enquanto o homem, se é verdadeiro, por quanto diz respeito ao raio da sua existência, é sempre exato, porque é o constitutivo que a natureza fez" (Meneghetti, 2016, p. 231). Portanto, para a Ontopsicologia, se o cientista – nesse caso o psicoterapeuta – for exato, é inevitável os resultados positivos.

O diálogo na psicoterapia ontopsicológica pode ser a ocasião para emergência do fenômeno na fala autêntica, mas é um processo de autenticação e drástica metanoia de ambos na relação: psicoterapeuta e cliente. Quanto mais o psicoterapeuta for ele mesmo, íntegro, segundo a sua autenticidade, maior a possibilidade do cliente fazer metanoia para ser autêntico. O exemplo educa mais do que a fala. Existe sempre a mútua responsabilidade da vida no trabalho psicoterapêutico.

Dessa forma, essa relação psicoterapeuta-cliente entra em *nexo ontológico*. "Nexo ontológico" significa reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico com a vida, é a finalidade da Ontopsicologia. Nexo ontológico significa "uma conexão com aquilo que também a vida sustenta. A Ontopsicologia descobriu a ordem de como a vida comunica, isto é, quando está dentro e quando não está" (Meneghetti, 2015f, p. 119. Nota de rodapé 11). Em resumo, o conhecimento do homem é sempre baseado em uma conexão constante, do qual ele é parte. Ser e conhecer tem a conexão no indivíduo, quando é e reflete o próprio modo de existir: objeto e sujeito são opostos, mas não contraditórios de uma única relação. Vida com vida é sempre vida.

Poderíamos correlacionar aqui com os princípios conceituais sobre a fala autêntica de AmatuZZi, inferindo que todas as formas de falas autênticas – descritas no capítulo 1, fala autêntica, fala primária, fala original, diálogo genuíno – são manifestações do Em Si ôntico. Em Ontopsicologia, poderíamos propor um conceito sinônimo, segundo a perspectiva da

Ontopsicologia: *a fala ôntica*, que reflete o ser que o indivíduo é segundo o seu projeto de natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos traçar um paralelo sobre o conceito de "fala autêntica" à luz de um conceito unificador, o de autenticidade, além dos demais abordados, como a fala, o diálogo e o inconsciente. Ainda, fomos descobrindo que esses conceitos, desenvolvidos respectivamente pela psicologia existencial e humanista, e pelas contribuições de Amatuzzi, fundamentadas em Merleau-Ponty, Martin Buber e Carl Rogers, alcançam uma integração muito fecunda na Ontopsicologia de Antonio Meneghetti, tanto no aspecto teórico, quanto no aspecto psicoterapêutico. Essa análise traz consigo a novidade das três descobertas da ciência ontopsicológica: o Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão.

Com essa pesquisa se pôde notar que a *autenticidade* na Ontopsicologia é um conceito fundamental e perene enraizado na própria condição ética do ser humano. A compreensão da realidade do inconsciente é um conhecimento instrumental que, na prática da psicoterapia ontopsicológica, se encontra e se coloca efetivamente a serviço da autenticidade. O inconsciente não é composto por monstros ou perversões do humano contra si mesmo, diferentemente, em sua base, encontram-se os instintos de vida; uma parte foi reprimida que transformou em complexos, mas que desejam retornar à história; e uma parte que representa a constante novidade da força da vida: o Em Si ôntico. Portanto, é necessário trazer de volta à consciência a luz do Em Si ôntico em função do Eu. É, portanto, precisamente a partir do método ontopsicológico que se encontram as expressões do critério de autenticidade, o Em Si ôntico ou Em Si do homem. Além disso, a análise das premissas filosóficas permitiu-nos limitar o território teórico da pesquisa, uma vez que traça uma linha clara declarada pela Ontopsicologia, enquanto visão de ser humano: "*o homem, protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser*" (Meneghetti, 2022, p. 141), a partir do qual o conceito de autenticidade ganha mais sentido.

O desenvolvimento analítico deste estudo nos conduziu a uma reflexão profunda sobre a importância da fala autêntica na prática da Ontopsicologia, especialmente no contexto da psicoterapia ontopsicológica. Ao analisar a metodologia do Acad. Prof. Antonio Meneghetti, pudemos perceber que a busca pela fala autêntica não se limitou apenas à expressão verbal, mas que engloba toda a expressão-comunicação humana, dada a descoberta do Em Si ôntico, um princípio agente e inteligente que, quando entra em cena, manifesta as suas diversas formas de falas (as 15 características). A fala verbal somente será autêntica se

houver a reversibilidade manifesta pelo Em Si ôntico, caso contrário, resultará sempre a falas verbais inautênticas.

A fala autêntica acontece no diálogo, que na psicoterapia ontopsicológica é considerado uma ferramenta essencial para a autenticação do ser humano, demandando uma postura minuciosa do psicoterapeuta em relação ao cliente. Envolve não apenas empatia, mas também um inclinar-se em direção ao outro, de modo a acessar seu vocabulário e cultura por meio de um *diálogo em dialética*. É por meio desse diálogo genuíno que o cliente tem a oportunidade de se confrontar consigo mesmo, colocar-se em crise, fazer a crítica da sua consciência, para então se descobrir e se expressar de forma verdadeira, fazendo emergir uma expressão autêntica. No entanto, para acontecer um diálogo em profundidade ôntica, é imprescindível a autenticidade, tanto do psicoterapeuta quanto do cliente naquele momento, mas sempre levando em consideração a ação das dinâmicas interagentes e constante da *diade* e do *transfert*, sendo preciso calcular esses aspectos que podem dificultar o trabalho terapêutico. Portanto, não ao *transfert*, mas uma comunhão ôntica em visão com a vida. O diálogo genuíno acontece na relação, colhendo uma presença de unidade de ação, entrando na realidade do outro, em nexos ontológico.

Nesse sentido, as reflexões de Martin Buber, especialmente em relação ao diálogo genuíno, são extremamente relevantes. E Meneghetti dá um passo adiante enfatizando a importância de dissolver a rigidez dos papéis (personagens) de psicoterapeuta e cliente, pois esses papéis dificultam a verdadeira comunicação e impedem o surgimento da fala autêntica.

Ao compreendermos a profundidade dessa questão da fala autêntica, somos desafiados a repensar nossas práticas psicoterapêuticas e educacionais. A importância do diálogo genuíno é um elemento fundamental para o desenvolvimento humano, principalmente em ambiente psicoterapêutico. Podemos ressaltar que, de acordo com essa abordagem, o *diálogo em dialética* proporciona um ambiente propício para a expressão genuína e verdadeira de pensamentos, sentimentos e experiências, tanto do psicoterapeuta quanto do cliente. Essa troca aberta e honesta de informações e perspectivas permite não apenas uma conexão mais profunda entre os dois, mas também a criação de um espaço seguro para a exploração e reflexão sobre questões mais profundas acerca de si mesmo. Além disso, ressaltamos a importância da autenticidade do psicoterapeuta quanto do cliente para emergir a oportunidade de se conectar com suas próprias essências, promovendo assim um maior autoconhecimento e maturação de quem se é. Esse processo de autenticidade é essencial para

o crescimento e o desenvolvimento humano, pois permite que as pessoas se aproximem de sua plenitude e potencial ou vocação. Portanto, ao criar espaços para o exercício do diálogo genuíno na psicoterapia ontopsicológica, estamos não apenas facilitando a comunicação e a compreensão mútua, mas também fomentando o crescimento e desenvolvimento integral do ser humano em todas as suas *faces*: pessoais, profissionais e sociais.

Mauro AmatuZZi e demais autores apresentam a fala autêntica – e seus sinônimos: fala primária, fala original, diálogo genuíno – sendo possível correlacionar com as 15 fenomenologias do Em Si ôntico. Em Ontopsicologia, poderíamos chamar de "fala ôntica", ao contrário disso seria "fala memética" ou "fala fictícia", ou seja, falas que não correspondem a autenticidade da pessoa, sendo um contraponto à fala ôntica. A fala autêntica é a manifestação da relação Em Si ôntico, Eu a priori e Eu lógico-histórico, pois é uma expressão-comunicação que possui conexão direta com a autenticidade da pessoa, com a verdade, com o mundo-da-vida, com aquilo que é sustentado pelo Ser. A fala é a palavra do Ser. O ontoterapeuta (*psico*) é quem faz a mediação (nexo) de vida com a vida (*onto*) por meio do diálogo (*logos*). Eis a Ontopsicologia. O diálogo é a ocasião, que se vale das três descobertas, para resgatar a fala autêntica. É uma ocasião porque o *setting* terapêutico é a terra fértil e o ambiente propício – onde só existe o técnico e a pessoa – para revelar, evidenciar e reposicionar quem se é com base na sua identidade.

Resgatando o princípio do questionamento pessoal expresso na introdução desta pesquisa – *essa voz que ressoa presença dentro de mim eu nunca ouvi, foi a primeira vez que falei e me ouvi assim, esse sou eu?* –, em paralelo ao momento da descoberta do termo "fala autêntica" de AmatuZZi (1988), entendida como "a fala como expressão-comunicação no ato da qual a pessoa desencadeia em si mesmo aquilo que é chamado a ser" (p. 10), emergiu as reflexões deste trabalho, cuja afirmação final remete-me aos momentos em que tive diante da oportunidade de falar, descobrindo no ato da fala o porquê do meu existir: *"essa voz que ressoa presença dentro de mim eu já ouvi e senti desse modo, mas ainda é a primeira vez que falo e sinto a vida feliz dentro de mim: esse sou eu renascendo"*. É invariavelmente na primeira apreensão que reconhecemos que o Em Si ôntico se apresenta como perene novidade, entretanto, simultaneamente, é um constante recordar daquilo que sou, tal como a natureza me configurou. É sempre a primeira vez, porque o Eu nasce e renasce a cada vez que se completa uma *gestalt* é motivado a uma sucessiva, proporcionada, mas sempre superior à precedente.

Entre as diversas experiências que tive e tenho a oportunidade de exercitar esse falar autêntico: eu sempre busco perceber com quem estou falando, me imposto de um determinado modo (em dialética) que me faz sentir um frescor da voz; busco na coragem me colocar diante de desafios e situações ainda não vividas para emergir a criatividade; quando encontro a fertilidade que algumas ocasiões me permitem ser a mim mesmo, me coloco por inteiro, e algumas vezes ao falar percebo o olhar e a presença atenta do outro ao ser tocado pela minha palavra; busco exercitar a escuta (e a ausculta organísmica) com o outro para encontrar o ponto de sentido, é sempre uma ocasião para encontrar a minha vida com a vida do outro. Parece utopia ou uma visão idealista da vida, mas me faz feliz encontrar na arte da oratória a possibilidade de me reencontrar com o sentido último da vida. Cada vez mais tenho a certeza *do poder que tem a evidência da minha própria autenticidade ao colher naquele instante – que é eterno – onde tudo se torna possível*. Quando vivo a própria alma, e se verbalizo "estando" naquilo que digo, eu experimento essa percepção ôntica, depois, traduzi-lo em palavras é "apenas" ordem histórica, lógica e racional. Isso alimenta o meu intelecto e a vontade da alma.

Por fim, cabe dizer aos estudantes/pesquisadores de Ontopsicologia – em especial aos futuros psicoterapeutas – que essa pesquisa é uma provocação individual, como exercício de amadurecimento pessoal e qualificação profissional, que visou oferecer contribuições que acrescentem a oportunidade, a reflexão e aprendizado daqueles que buscam imergir nesse tema para emergir uma outra coisa “não prevista”, pois surpreende em novidade, mas tão óbvia: aquilo que autenticamente se é. Existem as armadilhas e possivelmente os *gaps* deste trabalho, por além de se tratar de um estudo teórico, existe aqui a minha humilde perspectiva enquanto pesquisador. Por outro lado, tenho o prazer de imaginar que um dia poderei dar continuidade a essa temática de pesquisa, analisando e aprofundando tudo que foi discutido agora em uma prática clínica concreta enquanto um psicoterapeuta ontopsicológico, ou até mesmo, ao aprimorar minha formação como educador que media a vida em meus alunos. Alunos que não são meus, mas são frutos da vida, e é uma prazerosa responsabilidade poder colher e verbalizar ao outro o que ele é, mas que não se vê. Isso me autentica.

REFERÊNCIAS

- Accorsi, A. (2019). *Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta*. (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- Aristóteles. (1991). *A política*. São Paulo: Martins Fontes.
- Almeida, F. M. (2005). *Ser clínico como educador: uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação*. 215 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo. Recuperado de: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-08082007-180214/publico/tese_de_fernando_almeida.pdf. Acesso em: 17 jan. 2023.
- Alves, A. (2007). *Escutatória*. Recanto das Letras, Zilda Santiago. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/599143>? Acesso em: 12 mai. 2024.
- Amatuzzi, M. M. (1988). *O Resgate da Fala Autêntica: uma aproximação filosófica da tarefa do psicoterapeuta e do educador*. Tese de Doutorado em Educação (Filosofia da Educação) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Faculdade de Educação.
- Amatuzzi, M. M.; Solymos, G. M. B.; Ando, C.; Bruscagin, C. B. S.; & Costabile, C. (2012). *O sentido-que-faz-sentido: Uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, [S. l.], v. 7, n. 1. Recuperado de: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17103>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- Araújo, R. F. S. (2005). *O Fenômeno do Falatório no Pensamento de Martin Heidegger*. “Existência e Arte”- Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano I - Número I.
- Bordenave, J. E. D. (1997). *O que é comunicação*. São Paulo. Editora Brasiliense.
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- Bucher, R. (1989). *A psicoterapia pela fala: fundamentos, princípios, questionamentos*. São Paulo: EPU.
- Broome, M. E. (2000). *Integrative literature reviews for the development of concepts*. In: B. L. Rodgers & K. A. Knafl (Eds.). *Concept development in nursing: foundations, techniques and applications* (pp. 231-250). Philadelphia: W. B. Saunders.

- Cervo, Amado Luiz; Bervian, Pedro Alcino; Silva, Roberto da. (2007). *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Dutra, E. (2002). *A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica*. *Estudos de psicologia*. v. 7, n. 2, p. 371-378. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- Etimo (2008). *Dicionario Etimologico Online*. Disponível em: <http://etimo.it/?pag=hom>. Acessado em: 10 mar. 2023.
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. São Francisco: Ed. Universitária.
- Jacinto, R. L. da S.; & Salles, M. A. M. (2020). *A importância da fala no processo terapêutico na abordagem fenomenológica daseinsanalítica*. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 315–328. DOI: 10.30715/doxa.v22.iesp.1.14136. Recuperado de: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/14136>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- Maslow, A. H. (1962). *Introdução à Psicologia do Ser*. 1. ed. Rio de Janeiro: Eldorado.
- Meneghetti, A. (1982). *Io odio il transfert*. Roma: Ontopsicologica Editrice.
- Meneghetti, A. (2008). *Conferência Economia e existência*. Recanto Maestro: Acervo Digital Fundação Antonio Meneghetti.
- Meneghetti, A. (2015a). *Campo Semântico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2015b). *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2015c). *Residence Ontopsicológico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2015d). *Tratado de psicoterapia: Ontopsicologia Clínica, uma nova abordagem*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2015e). *Cinologia Ontopsicológica*. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

- Meneghetti, A. (2015f). *Racionalidade Ontológica*. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2016). *A Imagem como alfabeto da energia*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2018a). *Manual de Melolística*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2018b). *O Monitor de deflexão na psique humana*. Recanto Maestro-RS. Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2019). *A Psicossomática na ótica Ontopsicológica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2020a). *Antonio Meneghetti sobre... O poder de ser pessoa*. Edição bilíngue italiano-português. Recanto Maestro-RS. Fundação Antonio Meneghetti.
- Meneghetti, A. (2020b). *Antonio Meneghetti sobre... Falando aos jovens. Volume III*. Recanto Maestro-RS. Fundação Antonio Meneghetti.
- Meneghetti, A. (2021a). *Antonio Meneghetti sobre... A Riqueza como Arte de Ser*. Recanto Maestro-RS. Fundação Antonio Meneghetti.
- Meneghetti, A. (2021b). *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro-RS. Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2022). *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.
- Meneghetti, A. (2023a). *Ontopsicologia: uma introdução a como ser humano funciona segundo o projeto de natureza*. Recanto Maestro-RS. Fundação Antonio Meneghetti.
- Meneghetti, A. (2023b). *Ontopsicologia: 50 anos*. Recanto Maestro-RS. Fundação Antonio Meneghetti.
- Merleau-Ponty, M. (1967). *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. 2ª. Ed. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.

- Morato, H. T. P. et al. (2009). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: fundamentos de psicologia*. Cap. VXIII. Grupo Gen-Guanabara Koogan. p. 255-269.
- Pereira, L. F. F. et al. (2007). *Da experiência da fala de sujeitos usuários na clínica psicológica às suas possíveis repercussões*. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 476-495, set. 2007. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jan. 2023.
- Petry, A. (2017). *Antonio Meneghetti: um empreendedor de vida*. Revista Performance Líder. Edição Especial, Jubileu 80 anos de Antonio Meneghetti. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária. Ano IX, n. 17.
- Priberam. (2008-2013) Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx>. Acesso em 29 mar. 2024.
- Rogers, Carl R. (1974). *Tornar-se Pessoa*. (Original Americano 1961). Trad. Manuel J. do C. Ferreira, rev. Rachel Kopit. São Paulo (SP), Martins Fontes.
- Rogers, Carl R. (1983). *Um Jeito de Ser*. (Original Americano, em livro 1980). Trad. Maria Cristina M. Kupfer, Heloisa Lebrão, Yone S. Patto; rev. Maria Helena S. Patto. São Paulo (SP), EPU.
- Souza, M. R. (1973). *Fundamentos lingüísticos da comunicação*. In: Adísia Sá(Coord.) Fundamentos Científicos da Comunicação. Petrópolis: Vozes.
- Veschi, B. (2019). Em: <https://etimologia.com.br>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- Vidor, A. (2013). *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserls a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Wazlawick, P. (2015). *Quando se toma o todo pela parte: porque a Ontopsicologia não é psicologia*. Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar. Volume I. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti.